

ENTREVISTA
**UMA CONVERSA COM
LONDON LOOMIS**
P.20

POLÊMICA
**"DEGROWTH" OU
"DECOUPLING"?**
P.26

ENERGIA
**CARRO ELÉTRICO É
MESMO SUSTENTÁVEL?**
P.34

EQUIDADE
**CLAUDIA GOLDIN:
A SENHORA IGUALDADE**
P.44

GOVERNANÇA
**AMCHAM LANÇA HUB
DE DESCARBONIZAÇÃO**
P.50

ED.05 NOV.23

ESGTRENDS.COM.BR

esg trends

 trashin. AMCHAM



**AMCHAM
PRÊMIO ECO**

**UM ESPECIAL SOBRE AS QUATRO
DÉCADAS DE UMA DAS MAIS
DESTACADAS PREMIAÇÕES
DE SUSTENTABILIDADE
DO MUNDO**

P.54

Riachuelo impulsiona a Circularidade no setor têxtil do país

Com investimentos em tecnologia e inovação a companhia traz ao mercado iniciativas inovadoras

Anualmente, são produzidas cerca de 2 bilhões de toneladas de lixo em todo o planeta. E esse número só cresce. O Brasil é o quarto país no mundo que mais produz lixo. São milhões e milhões de toneladas por ano e apenas 1,28% é destinado à reciclagem.

Por isso, o consumo consciente e a busca por ma-

neiras eficazes de prolongar a vida do produto que consumimos são medidas extremamente urgentes a serem adotadas se pensamos num futuro mais sustentável e viável para nosso planeta. E é nesse contexto, que a Economia Circular tem sido uma tendência crescente e acelerada, já que se apresenta como uma solução tendo como base uma melhor utilização dos recursos naturais e de matérias-primas virgens.

A Riachuelo, como um dos principais players do setor têxtil do país, tem protagonizado uma jornada sólida na busca por soluções inovadoras e - em escalada - quando se fala em Circularidade. Há dois anos, a companhia procurou o Instituto de Pesquisas Tecnológicas para firmar uma parceria na qual fosse desenvolvida uma nova fibra a partir de resíduos têxteis de sua fábrica em Natal.

“Nos juntamos ao IPT para desenvolver uma tecnologia inovadora, que permitirá transformar resíduos da indústria de confecção em matérias-primas mais sustentáveis. A ideia é criar uma nova fibra a partir de resíduos têxteis da fábrica da companhia, localizada em Natal. Juntos, realizamos estudos químicos e físicos a fim de chegar a um material exclusivo e de mais alta qualidade. Nossa previsão é de reaproveitar mais de 3 mil toneladas por ano com a iniciativa. E em 2024, teremos o fruto desse trabalho: o protótipo de uma matéria prima mais sustentável que será incorporada em nossos produtos numa crescente.” explica Valesca Magalhães Diretora de Sustentabilidade e Comunicação do Grupo.





Complementando as frentes de trabalho da Riachuelo em Circularidade, a companhia foi ainda mais audaciosa ao criar em agosto de 2022 o Hub de Inovação em Circularidade + Sustentabilidade, que articula e une diversos players do setor têxtil e do varejo para encontrar soluções em escala para uma questão sensível e global da indústria da moda: o de fechar o circuito quando se fala em reciclagem têxtil.

Com a iniciativa, a companhia lidera e protagoniza a condução e a reunião de informações inovadoras referentes ao tema, conectando, interligando e integrando diversos atores. “Quando se fala na indústria da moda, a Circularidade se apresenta como agente essencial de transformação do setor. E para encontrar soluções em escala, é preciso que nos articulemos como empresa com os mais diversos atores. Aqui na Riachuelo, a Circularidade têm sido um dos principais temas materiais com os quais trabalhamos. A nossa missão aqui é uma jornada pautada em tecnologia e inovação”, detalha Valesca.

Com o Hub, a companhia ganha tração nos seus esforços e investimentos na promoção da Circularidade no setor do país. “O que a Riachuelo pretende com o Hub é dar um passo adicional rumo à uma moda mais sustentável, tendo como eixo principal o ciclo de vida do produto e seus impactos ambientais”, explica a executiva. “O que queríamos com a iniciativa era realmente concentrar profissionais altamente especializados em suas áreas para endereçarmos esse tema tão importante para o varejo têxtil: resíduos têxteis. Muito em breve, anunciaremos produtos ao mercado - frutos do nosso HUB”, acrescenta.



A companhia conta ainda com o programa Moda que Transforma, presente em mais de 330 lojas do Brasil. Com ele, é possível coletar roupas, calçados e acessórios usados de clientes e colaboradores. Para isso, a Riachuelo conta com a parceria da Liga Solidária. A instituição destina o que é coletado em bom estado para uma segunda vida em seus bazares e a renda gerada auxilia na manutenção de seus programas sociais. As peças que não vão para uma segunda vida são destinadas à reciclagem, muitas vezes se transformando em matérias-primas de produtos de outras indústrias.

Inovar em ESG é sair do discurso *e colocar em prática*

Somos a Trashin, a solução sustentável
das marcas mais inovadoras.



Grande
L'Occitane



havaianas®



Seu negócio pode ser
destaque em sustentabilidade.
Escolha as melhores práticas e gere
impacto socioambiental com a Trashin.



Quer um projeto
aterro zero?
Fale com um
especialista agora.



@trashinoficial trashin.com.br

CARBON COMPENSATION



TRASHIN CERTIFICATE

ARENA DO GRÊMIO

LOGÍSTICA DE COLETA E DESTINAÇÃO
DE RESÍDUOS NEUTRA EM CARBONO

MAIO DE 2022

A Arena do Grêmio faz o correto.

A Trashin certifica que os resíduos coletados e destinados corretamente nos pontos de coleta, e o processo de logística de resíduos, são neutros em carbono.



EXPEDIENTE

Editor-chefe

Gustavo Lamb Finger

Editores

Adan Christian, Gustavo Lamb Finger, Isadora Rüsche

Consultoria de Reportagem

Leandro Narloch

Redatores

Adan Christian, Evellyn Lima, Gabriel Omelischuk

Comercial

Isadora Rüsche, Mirtes Ubada Santucci Franca

Marketing Digital

Danielle Gewehr, Lucas Azambuja, Pedro Godoi,
Guilherme Cubas

ANUNCIE

Anúncie na ESG Trends e converse com o público engajado e decisor. Solicite nosso mídia kit: comercial@esgtrends.com.br ou (51) 98251-4408

ASSINATURAS

Assine a versão digital da ESG Trends gratuitamente no site www.esgtrends.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES

Para receber gratuitamente as edições anteriores da ESG Trends, acesse www.esgtrends.com.br

RELEASES E ASSESSORIA DE IMPRENSA

Entre em contato no site www.esgtrends.com.br/conteudo

ESG TRENDS é uma publicação da Trashin em parceria com a Amcham Brasil.

*Mais ações
pelo clima?*

VEM PELO

SOLE

*Vem com quem faz isso com um grande programa
de autoconsumo de energia renovável.*



A Claro, que tem um grande programa de autoconsumo de energia renovável, é também uma das empresas que fazem parte do Pacto Global da ONU, a maior iniciativa de sustentabilidade corporativa do mundo. Se cuidar do meio ambiente é importante pra você, vem junto com quem faz isso acontecer.

Claro

Acreditamos que a inovação é o caminho. E, pelo visto, não estamos sozinhos.

Projeto de PDI Mobilidade
Elétrica da Neoenergia:

VENCEDOR
DO PRÊMIO

Eco 2023

40 anos

Corredor Verde

A primeira eletrovia do Norte-Nordeste com 1.200 km e 17 eletropostos conectando 6 capitais de Salvador a Natal.



Trilha Verde

Usinas solares, veículos elétricos e um caminho de eletropostos para toda a ilha de Fernando de Noronha.



Caminhão Elétrico

O primeiro veículo elétrico para serviços de redes que permite o carregamento diretamente na rede elétrica, gerando mais eficiência e autonomia.



A Neoenergia está sempre investindo no desenvolvimento de novas tecnologias para levar mais qualidade aos seus clientes. Através do Programa de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação, regulado pela ANEEL, estamos inovando a Mobilidade Elétrica Brasileira. Um projeto pioneiro que, este ano, foi vencedor do Prêmio Eco 2023 - 40 anos na categoria Produtos e Serviços para Grandes Empresas, modalidade Práticas de Sustentabilidade, uma premiação concedida pela AMCHAM. E vamos continuar levando mais tecnologia até você. A inovação é nossa maior conexão.



Conheça todos os projetos
do PDI Neoenergia

www.neoenergia.com

ANEEL

Agência Nacional de Energia Elétrica

PDI - Programa de Pesquisa,
Desenvolvimento e Inovação

Neoenergia

O PRÊMIO ECO MERECE UM PRÊMIO

VIGORA ENTRE ALGUMAS

pessoas uma certa desconfiança contra quem se esforça pela comunidade ou apresenta soluções para questões sociais ou ambientais. A desconfiança aumenta se o autor da boa ação é uma grande empresa: nesse caso, acredita-se que fins particulares ou fraudulentos estariam por trás da iniciativa.

O setor empresarial trabalha à sombra de uma suspeita constante. A justiça, da trabalhista à ambiental, não raro assume que as empresas são culpadas, antes mesmo de analisar o caso. Setores inteiros da sociedade tendem a vê-las como avatares de tudo que há de errado com o mundo atual, quando, no fundo, empresas são organizações compostas por pessoas reais. Pessoas com interesses pessoais e sonhos, motivações egoístas e altruístas.

Esse comportamento prejudica o país por diversos motivos. Diminui o incentivo para quem quer construir projetos de cidadania, sustentabilidade ou acessibilidade dentro do mundo corporativo; impede que as pessoas parem para admirar e celebrar as inovações que tantos brasileiros constroem. Sem reconhecimento e, pior, sendo acusados de mascarar interesses particulares com ações altruístas, gestores dedicam menos esforços à respon-

sabilidade empresarial.

Por isso precisamos fazer o contrário: reconhecer, celebrar, premiar e festejar as boas iniciativas. Jogar luz aos excelentes projetos, fazer brilhar as empresas brasileiras que adotam práticas socialmente responsáveis, para que seus criadores sejam reconhecidos e estimulados a atuar ainda mais nessa área. Ao celebrar essas conquistas, incentiva-se outras empresas a investirem em soluções inovadoras, criando um ciclo virtuoso de progresso contínuo.

É o que faz, há 40 anos, o Prêmio Eco, tema principal desta edição da ESG Trends. Desde 1982 - muito antes de ouvirmos falar sobre ESG e mudanças climáticas -, o Prêmio divulga e premia as melhores iniciativas que envolvem empresas e a comunidade a que pertencem. É um motivo de orgulho para esta revista atuar em parceria com a Câmara Americana de Comércio (Amcham), organizadora do Prêmio Eco.

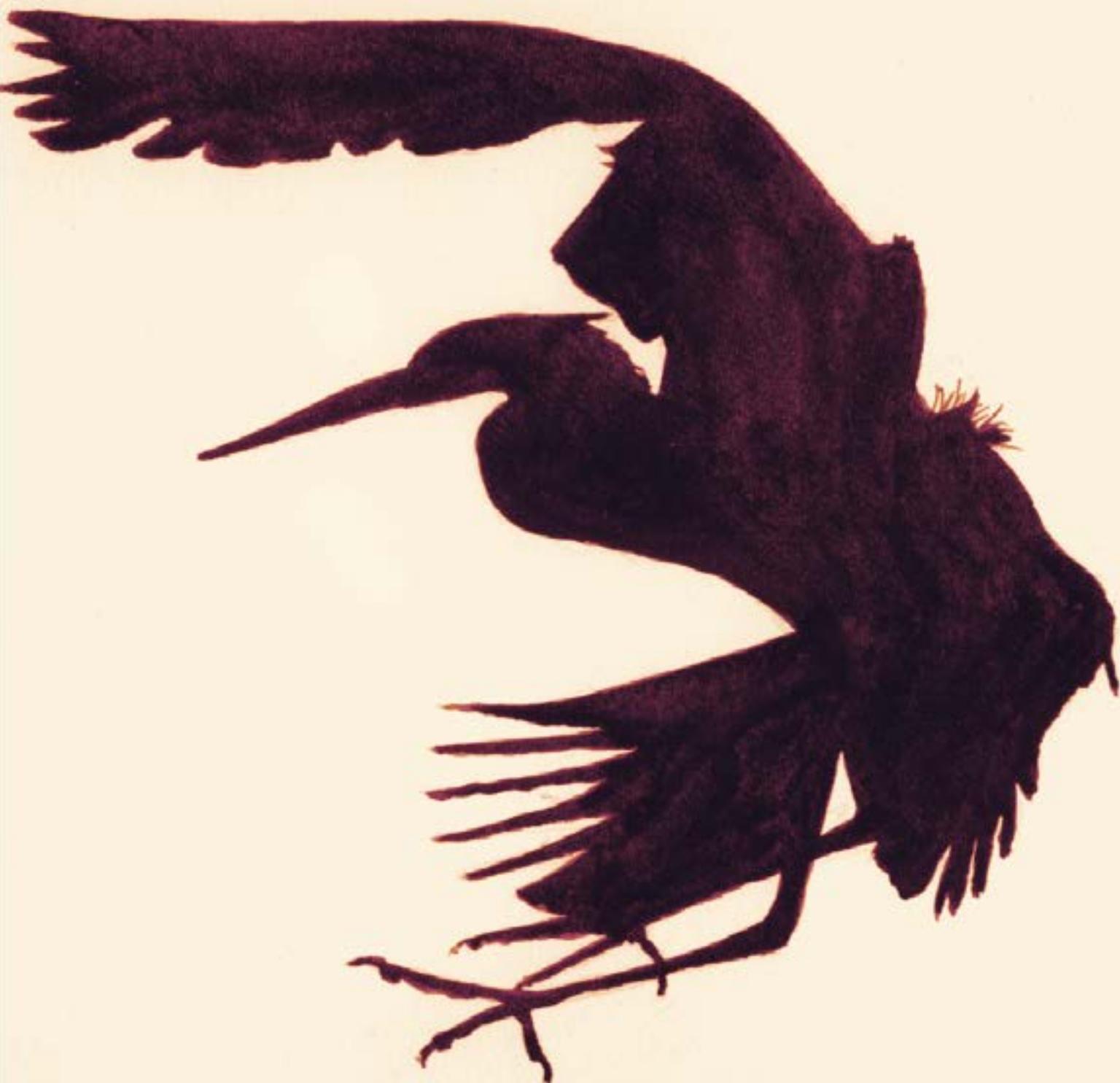
Assim como o Prêmio Eco festeja iniciativas ESG, dedicamos essa edição para festejar o Prêmio Eco, percorrendo as quatro décadas de sua história e ouvindo seus organizadores e grandes nomes que participaram de seus eventos. O Prêmio Eco merece um prêmio.



GUSTAVO LAMB FINGER

editor-chefe







NOME DA OBRA: Ausência

TÉCNICAS UTILIZADAS: aquarela sobre papel de algodão com intervenção digital

ARTISTA: Isadora Rüsche

INSTAGRAM: @ilustre.dora

CONTEXTO DA OBRA: A utilização da Garça-Moura, pássaro comum em todo o território nacional, é um convite da artista para refletirmos um pouco mais sobre o impacto da ausência do que consideramos banal ou garantido, tanto no sentido ecológico, como espécies e ecossistemas inteiros, até algo mais pessoal e subjetivo



TRENDS

O DESAFIO DA LEGO

A LEGO DECIDIU abandonar os planos de fabricar seus blocos de brinquedo a partir de garrafas plásticas recicladas, após concluir que a mudança para esse material resultaria em maiores emissões de carbono.

A maior fabricante de brinquedos do mundo afirmou que ainda está empenhada em seu esforço de vários anos para substituir o plástico à base de petróleo. Contudo, a empresa desistiu de um projeto para usar o plástico reciclado polietileno tereftalato (PET) iniciado há pouco mais de dois anos.

A Lego já tentou substituir suas peças à base de petróleo por materiais mais sustentáveis, como milho e trigo, mas as peças com esses materiais ficavam moles, difíceis de se separar e perdiam a capacidade de fixação.

A tentativa mais recente envolvia garra-

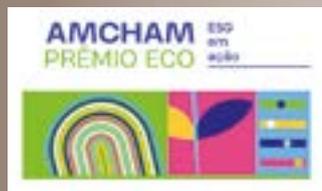


fas plásticas recicladas. Uma única garrafa PET de um litro poderia produzir cerca de 10 bloquinhos clássicos. No entanto, a empresa abandonou a ideia ao perceber que a produção em larga escala não reduziria as emissões de carbono, devido à necessidade de mais energia e reconfiguração das instalações de fabricação. Apesar da dificuldade, a Lego promete que até 2032 vai dar um jeito de produzir peças mais sustentáveis.



O papelcartão com maior percentual de fibras recicladas pós-consumo do mercado e alta qualidade de impressão.

O Vitacycle faz parte do Programa Papirus Circular (vencedor do último Prêmio Eco), que garante a rastreabilidade das aparas, gerando créditos de reciclagem.



vitacycle ⁴⁰⁻⁴⁰

40%
papel reciclado

40%
pós-consumo



alta qualidade de impressão



www.papirus.com



Procure por material certificado FSC®



CRUELDADE OU INICIATIVA SUSTENTÁVEL?

A EMPRESA ESPANHOLA Nueva Pescanova disparou uma controvérsia ao anunciar um projeto inédito: a primeira fazenda de polvos do mundo. O projeto prevê a produção de 1 milhão de polvos (ou cerca de 3 mil toneladas) por ano e deve começar a operar em 2024.

A iniciativa é inovadora porque o polvo é um animal de difícil domesticação. Territorialistas, os animais criados juntos em cativeiro com frequência canibalizam concorrentes. Também exigem temperatura precisa da água e não se contentam apenas com ração: precisam de animais vivos, como caranguejos, para se alimentar. Depois de cinco anos de estudos, a Nueva Pescanova diz ter conseguido contornar os desafios e chegou à quinta geração de sua criação dos cefalópodes.

Mas alguns ambientalistas e cientistas ficaram furiosos com a ideia. Uma petição no Avaaz chegou a 970 mil assinaturas; nos Estados Unidos e na Europa, ativistas defendem a proibição da atividade.

Eles argumentam que polvos são animais inteligentes e sensíveis - e que confiná-los em cativeiros os levará a uma vida de sofrimento, estresse e guerra entre indivíduos da mesma espécie.

Outros defendem a ideia. Se polvos puderem ser domesticados e criados, como ocorre hoje com galinhas e suínos, a pressão sobre a vida selvagem diminuiria. Menos polvos seriam mortos, dando um alívio para a diversidade marinha. Estima-se que hoje o mercado de polvo chegue a 400 mil toneladas por ano. A demanda para os polvos domésticos talvez seja dura, mas ficaria muito mais fácil para aqueles que ficarão livres dos caçadores em ambientes naturais. A empresa ainda argumenta que conseguiu criar os polvos evitando casos de canibalismo entre eles.

Essa controvérsia mostra como é difícil saber o que é sustentável ou não. Questões ambientais têm diversos lados - que muitas vezes se misturam e se contradizem.





GRANDE BARREIRA DE CORAIS MOSTRA SUA FORÇA

O ESTUDO CLIMÁTICO que mais recebeu atenção da imprensa em 2017 tratava da ameaça da mudança climática à Grande Barreira de Corais, a faixa de corais com mais de 2 mil quilômetros entre as praias da Austrália e Papua-Nova Guiné. Assinado por mais de 40 cientistas e publicado na revista *Nature*, o estudo dizia que o aquecimento estava diminuindo o tempo entre episódios de branqueamento. Sem tempo para recuperar, os corais estavam morrendo.

O alerta causou consternação porque recifes, atóis e ilhas de corais são importantes abrigos da diversidade: mais da metade das espécies animais marinhas dependem de alguma forma dessas es-

truturas para sobreviver.

A boa notícia é que as previsões mais pessimistas não se confirmaram. De acordo com o Instituto Australiano de Ciência Marinha, a cobertura média da Grande Barreira de Corais registrou em 2022 o maior número desde 1985, quando os recifes começaram a ser monitorados. Na parte norte e central, a cobertura média de corais passou de 13% em 2017 para mais de 30% no ano passado. Na parte sul da grande barreira, houve uma diminuição, mas não tão intensa: passou de 38% em 2021 para 34% em 2002.

Um outro estudo, publicado na *Nature Communications* em agosto, con-

cluiu que os corais estão conseguindo se adaptar a temperaturas mais altas. Os pesquisadores da Universidade Newcastle, da Inglaterra, analisaram corais de Palau, um pequeno país formado por recifes e ilhas da Micronésia, no Oceano Pacífico. Segundo eles, a tolerância térmica dos corais em Palau subiu 0,1 °C por década desde o final da década de 1980. Esse aumento sugere que mecanismos naturais contribuíram para o aumento da tolerância térmica dos corais.

Apesar das boas notícias, todo cuidado é pouco para manter uma das maravilhas da natureza da qual dependem tantas espécies marinhas.

UNIMOS AS PESSOAS PARA QUE ELAS SEJAM
BEM-VINDAS A UM MUNDO AINDA NÃO EXPLORADO.

TEMOS O COMPROMISSO DE CONSERVAR O
PLANETA PARA QUE ELE CONTINUE A NOS MOVER.

Movidos pela emoção



ACCOR



RAFFLES \ ORIENT EXPRESS \ BANYAN TREE \ SOFITEL LEGEND \ FAIRMONT \ EMBLEMS \ SOFITEL \ RIXOS
ONEFINESTAY \ MANTIS \ MGALLERY \ ART SERIES \ PULLMAN \ SWISSÖTEL \ ANGSANA \ MÖVENPICK
GRAND MERCURE \ PEPPERS \ THE SEBEL \ MANTRA \ NOVOTEL \ MERCURE \ ADAGIO \ BREAKFREE \ IBIS
IBIS STYLES \ GREET \ IBIS BUDGET \ HOTELF1

ENNSMORE 21C MUSEUM HOTEL \ 25HOURS \ DELANO \ GLENEAGLES \ HYDE \ JO&JOE \ MAMA SHELTER \ MONDRIAN \ MORGANS ORIGINALS
SLS \ SO \ THE HOXTON \ TRIBE \ WORKING FROM

SEGURO, SUPERSÔNICO E SUSTENTÁVEL

A Boom Supersonic quer colocar aviões mais rápidos que o som de volta aos céus, mas enfrenta os desafios econômicos e ecológicos do século XXI

SE NOS ANOS 60 os voos supersônicos pareciam uma tecnologia do futuro, em 2023 são uma memória cada vez mais desbotada. Em 2003, o último voo comercial acima da velocidade do som aterrissou em Nova Iorque, vindo de Paris. Era a aposentadoria do Concorde, única aeronave de passageiros supersônica até hoje.

O Concorde é lendário. Desenvolvido e produzido nos anos 60, numa colaboração entre a British Aircraft Corporation e a Aerospatiale, a aeronave teve seu primeiro voo comercial em 1976. Quando entrava em modo de velocidade supersônica, o Concorde podia alcançar até Mach 2 - duas vezes a velocidade do som ou aproximadamente 2.180 km/h, mais que o dobro da velocidade máxima de um avião comercial moderno. O trajeto de Londres para Nova York era realizado em cerca de 3 horas e 30 minutos, comparado às 7 a 8 horas que um avião subsônico leva no mesmo percurso. No ritmo do Concorde, Rio de Janeiro-São Paulo seria um passeio de 8 minutos.

E não era só rapidez. A altitude do Concorde transformava um voo qualquer numa experiência inesquecível. Com uma altitude de cruzeiro típica entre 50 e 60 mil pés (contra os 30 a 40 mil pés de um avião comercial comum), a pequena janela do Concorde permitia aos passageiros observarem a própria curvatura da Terra e a escuridão do espaço sideral.

Se o Concorde era agradável aos olhos, com o nariz de agulha e as asas em formato delta, não era tão amigável aos ouvidos. O ruído ensurdecedor do boom gerado pela aeronave quando entrava em modo supersônico gerou protestos nos Estados Unidos. As reclamações dos vizinhos de aeroportos resultaram na proibição de voos supersônicos em áreas continentais, restringindo seu uso para travessias oceânicas. Aliadas ao alto consumo de combustível (25 toneladas por

hora, em modo de cruzeiro), os custos operacionais acabaram com a viabilidade comercial do Concorde. Apenas 20 aeronaves foram produzidas, e 14 entraram em operação pela British Airways e a Air France, em voos muito caros e exclusivos.

Duas décadas após o Concorde se tornar um artefato de museu, há projetos em andamento para trazer a aviação supersônica de volta aos aeroportos. Mas agora, além do ruído e dos preços dos combustíveis, há um novo desafio a ser enfrentado: a sustentabilidade.

A aviação emite pouco menos de um bilhão de toneladas de CO₂ por ano na atmosfera, o que corresponde a cerca de 2,5% do total das emissões globais. O setor como um todo está correndo atrás do relógio para atingir a meta de carbono neutro até 2050, estabelecida pela Organização da Aviação Civil Internacional da ONU. Péssima notícia para o já aposentado Concorde, um dos aviões mais poluentes da história.



BOOM!

Desenvolver aeronaves supersônicas, economicamente viáveis, seguras, e com meta de carbono neutro até 2025. Loucura? Não para a Boom Supersonic, fundada em 2014 por Blake Scholl, Joe Wilding e Josh Krall em Denver, nos Estados Unidos. A Boom planeja iniciar os testes de voo com o modelo XB-1, uma versão de escala, em 2024. Já o Overture, o modelo de avião comercial supersônico com capacidade para 65 a 88 passageiros, está previsto para entrar em operação a partir de 2030, e já conta com pedidos da United Airlines e da American Airlines.

A chave para que a Boom tenha sucesso onde o Concorde falhou está nos 60 anos de progresso tecnológico da indústria aeroespacial. A fuselagem do Overture será construída com fibra de carbono, muito mais leve do que os materiais metálicos do seu antecessor dos anos 60. Enquanto o Concorde precisava de pós-combustores para a decolar e acelerar para além da barreira do som, as turbinas modernas os dispensam, o que resulta em menos combustível queimado - e uma pegada

de carbono mais suave.

Diferente da indústria automobilística, que tem investido na substituição dos motores de combustão interna por versões elétricas, na aviação a aposta não é a substituição das turbinas por outras formas de propulsão, mas nos combustíveis que as abastecem. Os chamados Combustíveis de Aviação Sustentáveis (Sustainable Aviation Fuels ou SAF, na sigla em inglês) seguem a lógica de remover CO₂ da atmosfera em sua produção, para neutralizar o impacto de quando são queimados e expelidos durante o voo. A principal forma de produção dos SAFs é a partir de matérias-primas orgânicas, como resíduos agrícolas, resíduos sólidos urbanos e óleos vegetais não alimentares. Também estão em desenvolvimento técnicas de captura de carbono diretamente do ar, combinada com hidrogênio.

Hoje, os SAFs são uma gota no barril de combustíveis da aviação: apenas 0,1% do total queimado em aviões ao redor do mundo em 2022. O que impede que eles estejam nas asas de todas as aeronaves no céu é o preço, de duas a três vezes maior do

que o dos combustíveis de aviação derivados do petróleo. A expectativa é que o aumento da demanda por opções verdes incentive a competição e a inovação no setor, aumentando a produção - restrita a 300 milhões de litros no ano passado - e jogando os preços para baixo. Ainda assim, a Boom está ajustando a engenharia dos sistemas de propulsão para que o Overture saia de fábrica preparado para ser abastecido 100% com SAFs.

Alinhada com as práticas do ESG, a Boom também se preocupa que todo o processo de produção da aeronave seja carbono neutro, e não apenas o operacional. Com uma equipe enxuta, de aproximadamente 150 colaboradores no total, é uma empresa pequena que sonha alto - acima dos 50 mil pés. Se suas ambiciosas metas econômicas e ecológicas forem atingidas, os terraplanistas terão uma opção acessível - e sustentável - para ver a curvatura da Terra com os próprios olhos, direto da estratosfera.





INCLUSÃO E TRANSPARÊNCIA: UM DIÁLOGO COM LANDON LOOMIS

Landon Loomis é Presidente para América Latina e Caribe & Vice-Presidente de Política Global da Boeing. Em uma conversa franca e honesta com Danilo Al Makul, ele fala sobre como a Boeing enfrentou suas crises, sobre os esforços para garantir uma maior participação de mulheres e minorias, e a importância da “transparência radical” para que qualquer empresa desenhe seu próprio mapa em busca da sustentabilidade.

A AGENDA ESG apresenta desafios mundiais para todas as empresas, incluindo na indústria aeronáutica. O desenvolvimento e uso dos SAFs (Combustível Sustentável de Aviação), representam uma inovação muito grande para os próximos anos. Como você vê esses desafios? E como a Boeing, que é uma empresa que serve de referência em práticas ESG, lida com essas questões internamente?

LOOMIS: O ESG é um tema prioritário, e que sempre existiu dentro da nossa empresa. Talvez com outros nomes em outros momentos, mas a ideia de fundo é a de que a inovação sempre vai melhorar os produtos. A busca por uma eficiência maior, trazendo vantagens econômicas e ambientais para nossos clientes, principalmente as linhas aéreas, sempre fez parte da nossa filosofia. A indústria da aviação sempre foi impulsionada pela eficiência, que é a principal métrica de competitividade que tivemos que manter ao longo de toda nossa história. Então, a sustentabilidade não é algo novo, mas é um tema que tem se modernizado, e se tornado mais visível tanto no nosso trabalho quanto na política e na sociedade em geral. Em 2020, durante a pandemia, a Boeing estabeleceu o cargo de Chief Sustainability Officer, com o objetivo de concretizar estes objetivos – porque o trabalho da sustentabilidade sempre existiu, mas queríamos garantir que ele fosse integrado com todas as funções e divisões da empresa, operacionalizado dentro do dia a dia dos funcionários. Esse é um caminho que ainda não alcançamos, mas estamos percorrendo.

Essa é uma frase importante: “ainda não chegamos lá, mas estamos no caminho”. Muitas empresas ficam paradas esperando o “segredo” ou a “fórmula” para implantar essas medidas, quando na verdade o mais importante é começar a fazer. Entender que o investimento em inovação, em planejamento de sustentabilidade, é isso - um investimento, e não um custo. Ele traz vantagens competitivas lá na frente.

LOOMIS: Para nós, o primeiro passo para poder enfrentar essa questão da sustentabilidade foi a transparência. Foi pensando: quais são as métricas mais importantes para nós dentro do tema da sustentabilidade? Quanto da nossa mão de obra é composta por mulheres, por minorias? E esses números não estavam onde queríamos. E para começar, nós decidimos divulgar estas informações e criar uma base para poder medir o progresso ao longo do tempo. A Boeing já tem mais de 106 anos de existência, e mais de 90 anos aqui no Brasil. Agora, estamos preparando a empresa para os próximos 100 anos. E para continuarmos no caminho certo precisamos de uma política de transparência radical, que inclui divulgar essas informações que não são as que gostaríamos, mas que são o ponto de partida para o progresso.

É preciso transparência e coragem, porque quando uma empresa como a Boeing divulga essas informações em seus relatórios, ela sabe que vai passar por um escrutínio técnico, que ela vai ser questionada. Porque está deixando claro que ela ainda não está onde ela quer chegar.

LOOMIS: É o que traz a oportunidade de fazer melhor. Porque a vontade já existe. O próximo passo é definir como vamos conseguir essas melhorias. Todo mundo quer “ser ESG”. Mas como colocar essas iniciativas em prática é o verdadeiro desafio. E sem um estudo real da situação, não é possível mapear os passos necessários.

A Boeing tem todos os relatórios de sustentabilidade disponíveis online. São documentos interessantes, acessíveis e interativos para que as pessoas leiam, e mostram o compromisso que temos com a sustentabilidade e como ela está integrada nas nossas operações. Mas mostram, também, que por volta de 25% dos nossos funcionários são mulheres. É pouco. Mas o que percebemos é que as mulheres também são minorias em nas áreas acadêmicas relacionadas ao STEM (Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática). Então, entendemos que não é a Boeing que está deixando de escolher mulheres para as funções, mas que esse problema já surge antes.

Eu costumo dizer que o “S”, do social, é simples - desde que você consiga se colocar no lugar do outro. Um exemplo que você citou que

ocorreu durante a pandemia foi o da comunidade surda dentro da Boeing, que não conseguia se comunicar porque todos estavam usando máscaras. E eu pergunto: quantas pessoas compraram máscaras transparentes? Quem acaba comprando eram as próprias pessoas surdas, para entregar para quem elas queriam conversar. E na Boeing vocês fizeram uma ação nesse sentido.

LOOMIS: Foi o nosso CEO, o Dave Calhoun, que trouxe essa iniciativa e utilizou para gravar vídeos e se comunicar com todo mundo. Isso não foi só para fazer a mensagem chegar a eles, mas também para mostrar que, mesmo durante os inúmeros problemas da pandemia, estamos pensando nos problemas dos outros, de forma inclusiva.

E essa nova geração é uma geração que considera a sustentabilidade e a inclusão nas suas escolhas. Seja para consumir, seja para definir a empresa onde querem trabalhar, essa geração nova está se perguntando: “Esse produto aqui: de onde vem a matéria-prima? Como foi feito o manuseio dessa matéria-prima? Quais são os ingredientes aqui dentro? Depois que eu consumir, o que vai ser feito dessa embalagem?”. A exigência do consumidor é maior. E é a mesma coisa com os talentos, eles querem saber como a empresa lida com esses temas. Você sente essa preocupação com a sustentabilidade entre os colaboradores na Boeing?

LOOMIS: Nós buscamos atrair o melhor talento a nível global, e todos estão perguntando sobre nossos planos de engajamento na área de sustentabilidade. Todos querem saber qual é a nossa perspectiva, qual é o nosso plano de ação, quais são as métricas, quais são os avanços que estamos conseguindo. Imagina que você consegue atrair pessoas muito talentosas para sua empresa, mas só tem uma resposta superficial para essas perguntas. Rapidamente eles vão querer mudar isso, vão querer se engajar com esse tema lá dentro. E é por isso que a sustentabilidade não pode ser pensada como uma área isolada da empresa: tem que ser algo engajado, integrado. Não importa onde eles estejam, eles vão querer fazer parte da resposta para conseguir uma maior e melhor sustentabilidade na empresa. Se estiverem integrados, eles vão encontrar esse espaço, porque fica como um componente do seu trabalho. Do nosso lado, na Boeing, parte da compensação dos funcionários é baseada nas métricas de sustentabilidade. Então, todos estão motivados para participar.

Inclusive a sua, eu imagino.

LOOMIS: Sim, incluindo a minha. 1/4 da compensação está vinculada ao nosso desempenho em sustentabilidade. Então, é coisa séria. E começa com os valores, sempre estamos falando de nossos valores. Porque saindo da pandemia, e saindo da crise do Max e pensando na sustentabilidade, entendemos que todas nossas ações têm que estar baseada nos





Todo mundo quer “ser ESG”. Mas colocar essas iniciativas em prática é o verdadeiro desafio.

opinião, são sempre os homens que falam primeiro. Por isso é muito importante abrir o espaço para que todos possam compartilhar suas perspectivas.

É importante escutar, mas escutar de verdade. Porque muitas vezes o que vem nesses feedbacks é aquilo que nós, enquanto líderes, não queremos escutar. Além disso, é preciso não só ouvir, mas interiorizar o que está ouvindo para transformar as coisas.

LOOMIS: É essencial abrir esse espaço e identificar quais são as “áreas de ansiedade” dentro do nosso time. Porque essa

ansiedade vem de uma observação necessária para a empresa. Temos que descobrir e resolver, se não, não funciona.

Ao longo da sua carreira, teve alguma liderança que te influenciou, que te inspirou, pela qual você tenha admiração?

LOOMIS: Eu era voluntário do “Corpo da Paz” (Peace Corps), que é um programa do governo dos Estados Unidos que envia jovens para países em desenvolvimento. Eu morei em El Salvador, na América Central, por dois anos. Eu trabalhava com o prefeito de um pequeno município rural, e a assessora legal dele era uma mulher que só tinha completado até a terceira série, sem educação formal. Mas que era uma pessoa muito sábia, tinha uma sabedoria de Salomão. A população desse município era muito pobre, não tinha comida, depois dos terremotos também não tinha casa, as necessidades eram muitas. E mesmo sem nada para oferecer, ela ainda assim conseguia atender as necessidades das pessoas. Eu me sentava ao lado dela e simplesmente aprendia a viver. Isso me deu uma perspectiva muito grande para os desafios que eu tive depois, porque a minha vida era fácil! Os problemas que eu tinha, não eram nada comparado aos problemas que aquelas pessoas enfrentavam. Então eu aprendi observando aquela pessoa, tão evoluída, lidar com aquela situação tão grave daquele jeito. Argélia, era o nome dela.

nossos valores. Nossos valores têm apenas uma página, e a sustentabilidade está lá. Começa ali. E aí temos o Chief Sustainability Officer que é quem que assegura que tudo esteja integrado. E por fim temos a nossa compensação, atrelada a isso tudo.

Quando se trata de sustentabilidade, sempre se falou que tinha que ser algo top down: que as principais lideranças, o conselho, todos têm que estar engajados com esse tema. O que você pensa sobre isso? Qual é o peso das lideranças comprarem esse tema?

LOOMIS: Eu acho muito importante. O exemplo é o Dave (Calhoun), o nosso CEO, usando a máscara transparente, e mostrando que ele está consciente do que o nosso time está enfrentando durante a pandemia. Ele está mostrando isso só com o uso da máscara. É uma questão de humildade, porque a liderança não tem todas as respostas. Se você acha isso, não vai avançar. Quando elas estão dispostas a ouvir, percebem que o impulso vem de baixo – porque eles têm ideias. Eles sabem onde a empresa não é tão eficiente quanto poderia ser, não é tão justa quanto deveria ser. Eu acho que nossa responsabilidade como líderes é abrir espaços para ter essas conversas. Nós temos um programa chamado Seek, Speak and Listen, que é a nossa prática para poder abrir estes espaços. Minha responsabilidade como líder é buscar, ativamente, o feedback lá dentro. Assegurar que os membros do time estão participando, porque eles têm a perspectiva necessária para completar a nossa visão. Quando conseguimos motivar o time inteiro, então realmente estamos avançando. E pensando na participação das mulheres, por exemplo: se você pede quem tem uma

Mudanças precisam de criatividade

Traçando o caminho da responsabilidade social e ambiental desde 1761, a Faber-Castell une tradição e inovação para criar um mundo mais consciente, um EcoLápis por vez

Desde sua fundação em 1761 na Alemanha, a Faber-Castell tem sido mais do que apenas uma fabricante de lápis. Ela é uma defensora da criatividade e uma pioneira em práticas sustentáveis dentro do setor de instrumentos de escrita. No coração de sua missão está o EcoLápis, um produto que simboliza o compromisso duradouro da empresa com o meio ambiente.

No Brasil desde 1930, consolidando no país sua maior operação mundial. Aqui, mantém florestas cultivadas que abrangem uma área equivalente a 11 mil campos de futebol. Estas, além de serem santuários de biodiversidade com mais de 700 espécies de animais e insetos, também são a espinha dorsal da produção sustentável da empresa. Graças a esse compromisso com o reflorestamento, a Faber-Castell garante matéria-prima sustentável para a produção de até 2 bilhões de lápis por ano, reafirmando seu papel como líder global em práticas ambientais responsáveis.

Práticas ambientais e sociais pioneiras

Ainda no século XVII, na Alemanha, a empresa já tinha implementado diversas iniciativas voltadas à responsabilidade social, incluindo planos de previdência social e saúde, oferta de moradia, creches e escolas para funcionários. E a geração de energia renovável (Hidrelétrica) in loco por meio de uma turbina Kaplan em sua planta em Stein, na Alemanha desde 1956, em uma década que a agenda ambiental não era tão fomentada.

Evolução das práticas sustentáveis

Adotando uma abordagem circular na gestão de recursos, os subprodutos gerados na fabricação dos EcoLápis, como o pó de serragem, nas plantas industriais de São Carlos (SP) e Prata (MG), retornam ao ciclo e abastecem as caldeiras das fábricas, gerando energia por meio da biomassa. Esse processo representa 81% do total de energia necessária para a fabricação dos EcoLápis. O restante da energia consumida provém da aquisição de energia elétrica do mercado livre de energia com garantia de origem renovável, através de I-RECs (International Renewable Energy Certificate). O reaproveitamento dos subprodutos para geração de energia contribui significativamente para a redução da geração de resíduos, evitando que esses subprodutos se tornem resíduos se não utilizados.

Compromisso com o Meio Ambiente

A Faber-Castell Brasil se destaca pelo compromisso em relação aos resíduos gerados em sua maior fábrica de EcoLápis do mundo, localizada em São Carlos/SP. Desde 2015, a empresa adota o conceito "Aterro Zero," desviando mais de 95% de todos os resíduos gerados em suas plantas industriais.

A paixão pela natureza vai além da produção de EcoLápis. A empresa está profundamente comprometida com a preservação do Cerrado Brasileiro, um dos ecossistemas mais preciosos e ameaçados do mundo. Através de projetos inovadores como Arboris e Animalis, Acqua e Solos, trabalha incansavelmente para proteger a biodi-

versidade, monitorar a qualidade da água e do solo, e garantir que suas florestas sejam um bastião de sustentabilidade.

Instituto Faber Castell e o Compromisso Social

O Instituto Faber-Castell é uma instituição privada sem fins lucrativos, criada em 2008 para gerenciar o investimento social da Faber-Castell Brasil. A instituição acredita que a educação é o único meio de promover o desenvolvimento humano integral além da criação de oportunidades. Como pilares de atuação apoia iniciativas educacionais com foco na educação complementar, priorizando projetos voltados para crianças e adolescentes de 0 a 17 anos, especialmente no contraturno escolar.

Além disso, o Instituto Faber-Castell Brasil direciona recursos para a melhoria das condições e relações de ensino. A instituição acredita que proporcionar condições seguras e saudáveis para crianças e adolescentes é essencial para garantir um aprendizado integral. Isso inclui a reforma e melhoria das instalações públicas de ensino e a doação de materiais escolares para crianças em situação de vulnerabilidade social.

A Faber-Castell, por meio de sua empresa e o Instituto, reforça seu compromisso de ser uma força motriz na promoção da sustentabilidade ambiental e social, promoção da responsabilidade ambiental e social, despertando a criatividade em todas as pessoas por meio de seus produtos e serviços, fortalecendo o sistema educacional com apoio ao desenvolvimento humano.

IMPACTO AMBIENTAL

100%

de madeira certificada FSC®-C017601 (Forest Stewardship Council), que são usadas na produção em todo o mundo

11 MIL

campos de futebol corresponde ao tamanho da nossa área florestal no Brasil

1/4

da área de floresta é dedicada à preservação da vegetação nativa e de habitat para mais de 700 espécies de animais nativos

300.000

A cada ano plantamos cerca de 300.000 mudas

A jornada do EcoLápis

A história de cada EcoLápis é uma jornada de sustentabilidade. Começa com as áreas escolhidas para implantação dos parques florestais, anteriormente antropizadas, compostas por pastagens degradadas. Há mais de três décadas cultivamos árvores do gênero Pinus, certificadas FSC®. Este planejamento florestal de longo prazo, visa a produção sustentável da madeira para

fabricação do lápis - EcoLápis. Do plantio da muda até a produção do lápis há rastreabilidade de todo processo, além disso, a empresa conta com programas ambientais focados na preservação, conservação e fomento aos ambientes nativos presentes em seus parques florestais, voltados para estímulo da biodiversidade local (proteção da fauna, flora e recursos hídricos).



SAIBA MAIS SOBRE A SUSTENTABILIDADE DA FABER CASTELL, ACESSE WWW.FABER-CASTELL.COM.BR/CORPORATE/SUSTENTABILIDADE



AMBIENTALISMO



A POLÊMICA AMBIENTAL DO SÉCULO



“Degrowth” ou “decoupling”?

Encolher a economia ou dissociá-la do impacto ambiental? Conheça o principal debate entre teóricos do ambientalismo e os argumentos que novos livros recentemente acrescentaram ao tema

A

ASSIM COMO OUTRAS áreas de estudo, o ambientalismo é cheio de controvérsias. Ativistas e especialistas com diferentes visões de mundo entram em conflito para decidir quais as melhores soluções para problemas ambientais – isso quando não discordam até mesmo sobre quais são os verdadeiros problemas. Uma das principais polêmicas verdes é sobre como abordar os desafios do desenvolvimento sustentável. É possível aliar o crescimento econômico do capitalismo com a preservação da natureza? Ou os ambientalistas deveriam defender o encolhimento da economia para evitar um maior avanço contra animais, florestas e a qualidade do ar? É possível conciliar a abundância de conforto com a de recursos naturais?

Essas perguntas dividem ambientalistas em dois lados opostos. À esquerda, ficam os defensores do *degrowth* – “decrecimento” em português. Eles acreditam que o crescimento econômico constante e ilimitado é insustentável, pois levaria a um esgotamento dos recursos naturais, ao aumento das desigualdades e à destruição do meio ambiente. Por isso propõem a redução deliberada da produção e consumo, com o objetivo de atingir uma economia de tamanho menor, mas que para eles pode ser mais sustentável e igualitária. Sabem que essa não seria uma tarefa fácil, pois envolveria uma mudança na mentalidade da sociedade. Os “degrowthers”, muito próximos dos “ecossocialistas”, argumentam que a economia deve ser redesenhada para atender às necessidades humanas básicas, mas sem promover o consumismo e o acúmulo constante de riqueza.

Mais à direita do ringue, estão os que apostam no *decoupling*, a “dissociação” entre crescimento econômico e seu impacto ambiental. Para seus adeptos, não é preciso empreender nenhuma grande mudança no sistema econômico – basta confiar no poder da inovação do capitalismo para aliar preservação e crescimento do PIB. Também chamados de “ecomodernistas”, os defensores do *decoupling* sustentam que é possível manter o crescimento econômico e a redução da pobreza e ao mesmo tempo preservar a natureza, desde que se desacople esse crescimento do uso insustentável de recursos naturais e da degradação ambiental. Argumentam que a tecnologia e a inovação nos tornam capazes de produzir e consumir mais e ao mesmo tempo utilizar menos recursos naturais, causando menos impacto ambiental. (*Um gráfico da teoria do decoupling está na próxima página.*)

O debate é antigo. A ideia de que para preservar a natureza é preciso consumir menos ganhou força nos anos 1970. O filósofo francês André Gorz cunhou o termo *degrowth* em 1972 – no mesmo ano em que, do outro lado do Atlântico, cientistas do Massachussets



Institute of Technology (MIT) publicaram um livro chamado “Os Limites do Crescimento”. Alertavam na obra que, mesmo nos cenários mais otimistas, os principais metais e matérias-primas acabariam em 55 anos se não houvesse leis proibindo o crescimento da população e da economia. Três anos depois, o filósofo Gorz escreveu um livro inteiro sobre o assunto, o “Ecologia como Política”. Defendeu ali que as economias deveriam não apenas parar de crescer, mas encolher. “Até sob crescimento zero, o consumo contínuo de recursos escassos vai inevitavelmente exauri-los completamente”, disse.

No entanto, a situação de escassez prevista pelos estudiosos do MIT não ocorreu. Os metais ficaram mais baratos – o que é um indicativo de maior abundância. Um dos primeiros a se dar conta disso foi o economista Julian Simon. Apesar de na juventude ter defendido limites ao crescimento populacional,



Foto: Vladimir Morozov/
akxmedia

Protesto do
Extinction Rebellion
na Inglaterra, em 2019

Simon mudou de ideia quando percebeu que, apesar da explosão populacional e econômica, as matérias-primas não estavam ficando mais escassas ou caras – pelo contrário, o preço delas caía cada vez mais.

Mais recentemente, outros economistas entraram na briga e tentaram explicar por que as previsões mais pessimistas não se confirmaram. Um ataque frontal à tese do decrescimento é o livro “Mais com Menos”, publicado pelo economista Andrew McAfee em 2019. Professor do MIT, McAfee defende que a engenhosidade humana é capaz de superar dificuldades ambientais e tornar a humanidade cada vez menos dependente da natureza para obter conforto. Se um recurso se torna mais raro, seu preço aumenta – e cria mais incentivos para uma maior exploração do material ou uma menor utilização.

Um exemplo que o estudioso cita é a latinha de refrigerante, que hoje utiliza 80% menos alumínio que nos anos 1960. Outro exemplo é a maior produtividade agrícola. A tecnologia e ciência no campo permitiram que colhêssemos mais alimentos utilizando menos área – o que, para ele, resulta em poupar florestas do desmata-

mento. “A nossa sociedade não apoiou o *degrowth*. Em vez disso, fizemos algo muito mais estranho e profundo: dissociamos o crescimento – em consumo, prosperidade e na economia – do uso de recursos.” O livro de McAfee é repleto de dados e gráficos mostrando como, em economias avançadas, o crescimento econômico se desvinculou do impacto ambiental. Enquanto o PIB cresce nos Estados Unidos e na

Inglaterra, o uso de materiais de construção, metais, fertilizantes e área de cultivo vem caindo.

Em defesa da ideia da dissociação surgiu todo um novo movimento ambientalista, encabeçado hoje por organizações como o The Breakthrough Institute e o Human Progress, dos Estados Unidos. Um marco dessa corrente foi o lançamento do Manifesto Ecomodernista, em 2015. Assinado

por dezoito especialistas, o manifesto afirma que “intensificar muitas atividades humanas — particularmente a agricultura, a extração de energia, a silvicultura e a habitação — para que utilizem menos terra e interfiram menos no mundo natural, é a chave para a dissociação do desenvolvimento humano de seus impactos ambientais”.

Ao contrário dos ecossocialistas, os ecomodernistas têm uma visão mais

UM CONFLITO DE VISÕES

ECOSSOCIALISTAS

VS

ECOMODERNISTAS



positiva do capitalismo e das leis do mercado. Para McAfee, existem “quatro cavaleiros do otimismo ambiental”: um governo responsável que crie regras ambientais simples e precisas, a conscientização social, a tecnologia e o capitalismo. Para preservar o meio ambiente, diz ele, “não precisamos puxar o volante da economia e da sociedade para outra direção; precisamos somente pisar no acelerador”.

Mas o debate não terminou aí: os defensores do encolhimento da economia contra-atacaram. Em 2020, o antropólogo Jason Hickel publicou “Less is More: How Degrowth Will Save the World” (“Menos é Mais: Como o Descrescimento Vai Salvar o Mundo”, ainda sem tradução no Brasil). Reafirmou as teses do encolhimento econômico e deu uma cutucada nos que acreditam que a tecnologia pode resolver problemas ambientais.

“Algumas pessoas tentam reconciliar a tensão entre crescimento e preservação apoiando-se na esperança de que a tecnologia nos salvará - de que a inovação tornará o crescimento verde. As melhorias na eficiência nos permitiriam dissociar o PIB do impacto ecológico, de forma que poderíamos continuar a fazer crescer a economia global para sempre, sem ter de mudar nada no capitalismo”, diz o antropólogo. “Mas não existe tal coisa como ‘crescimento verde’.”

Hickel concorda que a inovação e a tecnologia têm seu valor, mas acredita que essas duas não são suficientes para garantir um futuro sustentável, “pois numa sociedade orientada para o crescimento, ganhos de eficiência que poderiam nos

ajudar a reduzir o impacto ambiental são aproveitados para atrair áreas cada vez maiores da natureza para circuitos de extração e produção”.

Uma dificuldade que os defensores do decrescimento enfrentam é convencer a população e os políticos. Para quem nasceu em países ricos, é fácil defender menos consumo. Mas como convencer centenas de milhões de pessoas de países miseráveis que querem sair da pobreza, que sonham em ter carros e eletrodomésticos e viajar de avião? Além disso, uma economia menor resultaria em menor arrecadação de impostos – exigindo portanto que governos cortem gastos.

Tendo em vista que boa parte dos gastos públicos são fixos, o encolhimento econômico gera crises fiscais – e uma pressão enorme para a economia crescer. Intelectuais e ativistas podem defender uma economia diferente, mas quem garante que o mundo vai seguir suas sugestões? Se já é difícil convencer a população a aceitar simples aumentos de impostos sobre a gasolina, como dizer a elas que devem parar de consumir supérfluos?

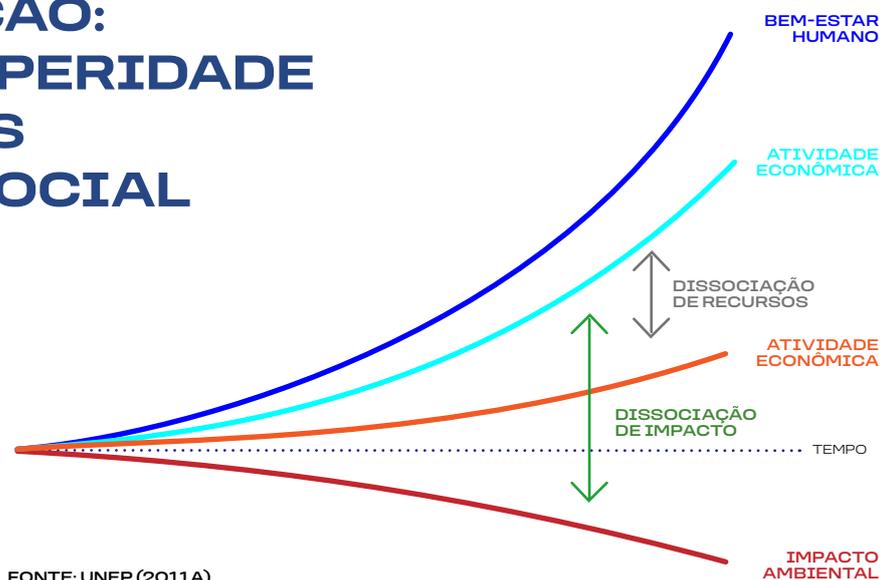
Hickel explica que não quer dificultar que países pobres saiam da miséria. “O problema são os países de renda alta”, diz ele em “Less is More”. “É nesses países que o crescimento se tornou completamente desequilibrado do conceito de necessidade, ocorrendo muito além do que é necessário para o florescimento humano.”

Outra diferença evidente entre as duas escolas é a visão de futuro. Os defensores do *degrowth* são pessimistas: acreditam

que a humanidade está fadada à ruína se não tomar medidas urgentes e se governos não intervirem nas escolhas de indivíduos e empresas. Já os apoiadores do *decoupling* são mais otimistas. Aceitam que principalmente as mudanças climáticas impõem diversos desafios, mas confiam na engenhosidade humana para vencer desafios e resolver problemas.

Se não podemos saber quem está certo em relação ao futuro, podemos ao menos cravar quem acertou sobre o passado. Um passo nessa direção surgiu de um episódio curioso. Em 1980, o economista Julian Simon propôs uma aposta ao biólogo Paul Ehrlich. Autor do livro “A Bomba Populacional”, Ehrlich era um ícone do *degrowth*. Chegava a defender que as pessoas deveriam ser proibidas de ter muitos filhos, para poupar o meio ambiente. De acordo com a proposta do economista, o biólogo Ehrlich poderia escolher uma cesta de recursos naturais no valor de mil dólares, e também determinar um período de tempo. Se depois desse período o valor dos recursos caísse, indicando que não haviam se esgotado, Ehrlich pagaria a diferença a Simon. Se ocorresse o contrário, Simon é que teria que pagar a diferença. Ehrlich escolheu um período de dez anos e uma seleção de recursos naturais composta por cobre, crômio, níquel, tungstênio e estanho. Em outubro de 1990, o biólogo admitiu a derrota e pagou 576 dólares ao economista Simon. Aqueles recursos naturais não haviam se tornado mais escassos nem subido de preço: pelo contrário, o valor deles havia caído para menos da metade.

DISSOCIAÇÃO: MAIS PROSPERIDADE COM MENOS IMPACTO SOCIAL



PARA ALÉM DA “SOPA DE LETRINHAS” DO ESG

Sócio na PwC Brasil, Maurício Colombari é um dos líderes na implantação e padronização dos relatórios de sustentabilidade e de ESG no país. Em entrevista, ele aponta o que tem dado certo - e o que ainda pode crescer - nas iniciativas ambientais, sociais e de governança corporativa.

Conforme o relatório ESG na Ibovespa, realizado pela PwC em 2022, 96% das empresas do segmento observado já levam em consideração os indicadores do Pacto Global da ONU, com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e metas para 2030. Isso é motivo para otimismo? Podemos afirmar que estas metas estão deixando de ser uma agenda e se tornando práticas no meio das grandes empresas do Brasil?

O fato de quase a totalidade das empresas que fazem parte do Ibovespa serem signatárias do Pacto Global da ONU é positivo, e um sinal que as grandes empresas estão se engajando nessa agenda. Normalmente essas empresas desenvolvem as estratégias de sustentabilidade considerando a conexão dos temas materiais com os ODS - Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Não obstante, simplesmente fazer parte do Pacto não é suficiente. É fundamental que as empresas desenvolvam uma estratégia de sustentabilidade focada em seus principais riscos e oportunidades, e executem ações que efetivamente contribuam com a execução dos negócios de forma sustentável.

Uma crítica que se faz ao ESG é a diferença de métricas entre certificadoras. Há um esforço de padronização dos relatórios para os temas ligados ao ESG. Em artigo recente, você menciona a Task Force on Climate-Related Financial Disclosures (TCFD), constituída pela Financial Stability Board (FSB) para estabelecer estes padrões. Essa convergência tem ocorrido na prática? Será possível, em breve, comparar os esforços de diferentes empresas utilizando métricas claras? E como estes



padrões atendem às demandas do “S” (Social) e do “G” (Governança)?

Hoje, realmente temos uma chamada "sopa de letrinhas" quando falamos dos frameworks utilizados pelas empresas para reportar temas de sustentabilidade. Existe um movimento para a padronização desses indicadores, sendo que o que mais deve afetar as empresas brasileiras é a criação de um organismo internacional pelo IFRS Foundation para emitir pronunciamentos para reporte de informações de sustentabilidade. Essa iniciativa conta com o apoio de empresas, organizações não-governamentais e uma série de reguladores, incluindo a CVM. Caso essa convergência seja exitosa, é possível que tenhamos essa convergência no médio prazo. Existem outras iniciativas nos Estados Unidos e na União Europeia que também se baseiam no TCFD, o que poderia contribuir com essa convergência.

Quais são as oportunidades Sociais e de Governança que você enxerga, que podem estar sendo negligenciadas com o foco no ambiental?

Não obstante o foco na agenda ambiental, principalmente no tema de mudanças climáticas, muitas empresas já notaram a necessidade de um olhar integrado sobre os temas de sustentabilidade, ao invés de focar nos três pilares do ESG como se fossem atividades que não se conectam. Os novos frameworks que nós abordamos começam justamente pela forma como a Governança de uma organização define a estratégia de sustentabilidade de uma organização e monitora os progressos. Já a pauta social passa a ser melhor compreendida pelas organizações, pois muitas vezes era confundida ou limitada às atividades filantrópicas. Temas como inclusão e diversidade, relacionamento com as comunidades, ética no relacionamento com os clientes, privacidade de dados, entre muitos outros, passam a ter mais destaque e uma agenda robusta em muitas organizações.

As iniciativas ESG já são uma realidade em muitas empresas de grande porte. Como uma empresa de médio porte, que não possui um setor dedicado ou lideranças treinadas para atender estas demandas, pode dar seus primeiros passos no ESG? Como a PwC lida com estes casos?

Esse tema é realmente um desafio importante. Temos no Brasil uma ilha de excelência em termos de sustentabilidade,

Temos no Brasil uma ilha de excelência em termos de sustentabilidade, mas ainda restrito a um pequeno número de grandes empresas. As pequenas e médias empresas ainda têm muita dificuldade para transitar nessa pauta, pois muitas vezes associam ESG com aumento de estrutura e de custos.

mas ainda restrito a um pequeno número de grandes empresas. As pequenas e médias empresas ainda têm muita dificuldade para transitar nessa pauta, pois muitas vezes associam ESG com aumento de estrutura e de custos. É inegável que muitas atividades requerem um investimento inicial, que normalmente se paga no longo prazo. Não obstante, é possível desenvolver uma agenda de sustentabilidade compatível com o porte e complexidade de uma organização, e muitas vezes com pouco investimento. Cada vez mais as grandes empresas influenciarão a cadeia de valor como um todo a adotarem práticas mais sustentáveis. As organizações que não atentarem para esse movimento podem colocar em jogo a própria sobrevivência.

Como uma empresa de alcance global, que tem os ouvidos de tomadores de decisão ao redor do globo, como você enxerga o papel da PwC na adoção global das iniciativas ESG?

Nós temos um papel importante no desenvolvimento dessa agenda do ponto de vista institucional, levando adiante o nosso ponto de vista sobre os principais desafios enfrentados pelo mundo nas questões sociais e ambientais. Para isso, em primeiro lugar desenvolvemos a nossa própria agenda de sustentabilidade, com foco em nossas pessoas, na comunidade, e minimizando o nosso impacto ambiental. Do ponto de vista de nossa atuação externa, apoiamos os nossos clien-

tes no desenvolvimento de suas estratégias de sustentabilidade, assim como promovemos a confiança nas informações reportadas, por meio da asseguuração dos relatórios de sustentabilidade preparados pelos nossos clientes.

Nos últimos anos, o ESG deu um salto em adoção e popularidade. Na sua avaliação, é possível dizer que as iniciativas de sustentabilidade atingiram um novo patamar? Os dados do relatório ESG na Ibovespa parecem corroborar essa hipótese. E qual será o grande desafio para as próximas décadas? O que os gestores e tomadores de decisão podem esperar para a segunda parte dos anos 2020?

É possível dizer que as iniciativas de sustentabilidade atingiram um novo patamar, mas ao mesmo tempo não avançaram na velocidade necessária. Os nossos estudos mostram que as reduções de emissões de gases do efeito estufa pelos países é muito lenta quando comparada às metas definidas pelo Acordo de Paris. Os indicadores de inclusão e diversidade avançam de forma gradual, mas lenta. Isso demonstra a complexidade dos temas com os quais estamos lidando, e o grande desafio é que as pequenas ações individuais causem as mudanças necessárias para enfrentarmos desafios tão complexos. Isso somente será possível com a combinação de 3 fatores: (i) implementação de políticas públicas assertivas, (ii) participação das empresas de forma massificada e coordenada, e (iii) engajamento dos indivíduos como agentes de mudança.

CARRO ELÉTRICO É

Sim. Mas os impactos positivos da transição para uma frota elétrica dependem de fatores como a matriz energética e os padrões de consumo das famílias

COMO AS BATIDAS de uma máquina de escrever ou o ruído de um modem de conexão discada, o ronco dos motores deve se juntar ao rol de sons nostálgicos do passado. Ao menos é o que desejam os mais de 30 países que assinaram o Tratado de Glasgow, que promete a transição para veículos sem emissão de carbono até 2035 nos principais mercados, e 2040 a nível global.

Se a meta parece ousada para uma mudança tão profunda na indústria automobilística, ainda é discreta se comparada aos padrões considerados necessários pelo Acordo de Paris. No documento de 2020, o objetivo era que os veículos elétricos correspondessem de 75% a 95% da frota global até 2030, para restringir o limite de 1,5 graus Celsius no aquecimento global. O setor de transportes responde por aproximadamente um quinto do total de emissões globais de dióxido de car-

bono. Veículos de passageiros, como carros, motos e ônibus, por sua vez, representam 45,1% dessa parcela.

A adoção em massa dos veículos elétricos vai além do impacto direto, dos números e estatísticas de emissão de gases de efeito estufa. Um carro é um dos principais investimentos na vida da maioria das pessoas. Por muito tempo representou a chegada da vida adulta, com as liberdades e responsabilidades que a acompanham. Há um valor simbólico na substituição dos carros estacionados em cada garagem por uma versão “verde”: é um sinal físico e concreto de que todos estão participando da transição para a sustentabilidade. A transição para o carro elétrico, uma adaptação cultural às necessidades de sustentabilidade do século XXI, já é realidade em muitos países.

Com relação aos benefícios am-



MESMO SUSTENTÁVEL?

bientais, a questão não é tão simples quanto parece. Há um grande espaço entre carros elétricos e carros que não emitem carbono na atmosfera. A grande vantagem dos veículos elétricos sobre os com motores de combustão interna se vê no cano de escape. A versão elétrica não está continuamente emitindo CO₂ durante o funcionamento. Isso já é um grande avanço para a poluição das grandes cidades, repletas da fumaça que sai dos escapamentos. Há, no entanto, dois fatores que complicam essa conta, e podem até fazer com que um carro elétrico aumente, ao invés de reduzir, sua pegada de carbono. Estamos falando da construção e da recarga das baterias.

Diferente dos veículos tradicionais, os elétricos precisam de enormes baterias de íon de lítio, que fornecem a energia para o funcionamento do motor. E produzi-las não é um processo simples. São necessários metais como níquel, manganês, cobalto, lítio e grafite, cuja mineração e extração resultam em largas emissões de gás carbono - em particular quando ocorrem em países

EM PAÍSES COM A MATRIZ ENERGÉTICA MAIS LIMPA, COMO FRANÇA E SUÉCIA, CARROS ELÉTRICOS EMITEM 70% MENOS CARBONO QUE OS COM MOTOR A COMBUSTÃO. JÁ NO REINO UNIDO, ESSA DIFERENÇA CAI PARA 30%.

menos desenvolvidos. A bateria representa de 40% a 60% das emissões de CO₂ na construção de um veículo elétrico. O aumento da demanda por minérios ainda afeta muitas regiões e causa desmatamento pelo mundo, como na Amazônia brasileira. Por isso, ao sair da concessionária, um veículo tradicional é mais ecológico do que sua contraparte elétrica: pois, até ali, emitiu menos gases do efeito estufa.

Mas carros não existem para ficar na garagem. É na estrada que os motores de combustão causam mais emissões, e onde os elétricos podem levar vantagem do ponto de vista da sustentabilidade. Para isso eles precisam acumular uma boa marca no odômetro. Um estudo publicado na revista *Nature* estima que um veículo elétrico nos Estados Unidos só começa a ser vantajoso do ponto de vista ambiental após os 90 mil quilômetros rodados. Ou seja: se pretende usar o carro apenas para passeios de fim de semana, a opção mais sustentável ainda é um bom e velho motor à gasolina.





**UM ESTUDO PUBLICADO
NA REVISTA *NATURE*
ESTIMA QUE UM VEÍCULO
ELÉTRICO NOS ESTADOS
UNIDOS SÓ COMEÇA A SER
VANTAJOSO DO PONTO DE
VISTA AMBIENTAL APÓS
90 MIL
QUILÔMETROS RODADOS.**

Mas de onde vem a energia?

Para se ter uma comparação adequada destas situações, também é preciso levar em conta como é produzida a energia nas tomadas em que estas baterias serão recarregadas. Países com uma matriz energética mais limpa, oriunda de usinas hidrelétricas, solares ou nucleares, resultam em carros elétricos mais sustentáveis. Por outro lado, se a energia depende da queima de combustíveis fósseis, como termelétricas de carvão, a vantagem ambiental do carro elétrico diminui. Na França e na Suécia, países que contam com mais energia nuclear na matriz e portanto emitem menos carbono, carros elétricos emitem 70% menos gases do efeito estufa que os a gasolina. Essa diferença cai para 30% no Reino Unido, que conta com mais termelétricas a gás para produzir eletricidade.

É bastante repetida nas redes sociais a ideia de que não faz sentido utilizar carros elétricos em regiões com energia oriunda de termelétricas movidas a combustíveis fósseis. Em vez de carregar um carro abastecido por eletricidade vinda de uma usina a carvão, não faria mais sentido abastecer logo o carro com gasolina? Mais uma vez, a conta não é simples. Um estudo da Bélgica concluiu que carros elétricos poluem menos que os equivalentes a combustão mesmo quando a matriz energética é “suja”, ou seja, baseada em combustíveis fósseis, como no caso da Polônia. Na pior das hipóteses, o carro elétrico emite 25% menos gases do efeito estufa durante todo seu ciclo de vida. Outra pesquisa, das universidades britânicas de Exeter e Cambridge, e da holandesa Nijmegen, concluiu que, nos cenários de energia atuais, o carro elétrico resulta em menos emissões de carbono em 95% das situações.

Há ainda a questão da segurança energética. Redes nacionais de eletricidade em geral são sistemas centralizados na mão de governos: com frequência apresentam falhas ou deixam de atender aumentos de demanda. Blecautes desastrosos em estados ou países inteiros ocorreram recentemente no Texas, na Alemanha, na Austrália - sem falar em regiões menos desenvolvidas. Se esse sistema centralizado já causa danos quando nos deixa sem energia em casa, imagine quando também deixar as pessoas sem conseguir se locomover. Para o carro elétrico dominar o mercado, a estrutura de geração e transmissão de energia terá que se ajustar para aumentar a demanda e a confiabilidade.

Oportunidade para o Brasil

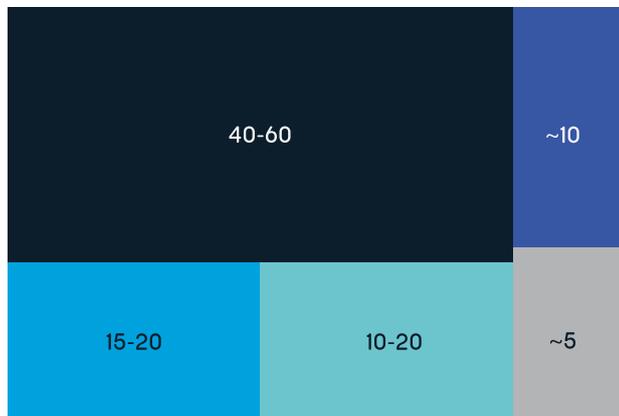
A transição para a frota elétrica apresenta uma enorme oportunidade para o Brasil, do ponto de vista ambiental e econômico. Com 102 gramas de dióxido de carbono por kilowatt-hora, nossa matriz energética é mais limpa do que a de países como os EUA (367 gCO₂), China (531 gCO₂) e Índia (632 gCO₂). Tanto a produção das baterias e suprimentos quanto a adoção dos veículos por aqui teriam impactos significativos na redução das emissões de carbono do setor de transporte. O setor automobilístico brasileiro, que enfrenta crise atrás de crise por aqui, pode encontrar uma nova vocação - e novas oportunidades - na economia de baixo carbono do século XXI. Se uma fábrica multinacional de carros elétricos quiser reduzir a pegada de carbono de suas baterias, tem uma alternativa simples: migrar a produção para o Brasil.

Parte disso já é realidade. As marcas BMW, Toyota e Chery já montam carros híbridos por aqui. A BYD, maior fabricante chinesa de carros elétricos, anunciou planos de

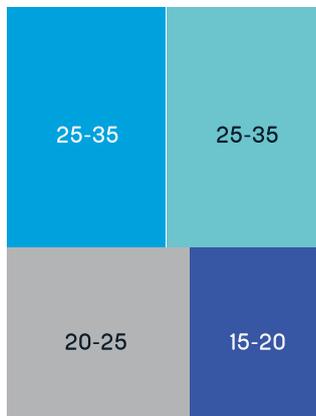
EMISSÕES DE CO₂ NA FABRICAÇÃO DE VEÍCULOS

As baterias são as responsáveis por até 60% dos gases de efeito estufa emitidos na produção de veículos elétricos

VEÍCULO ELÉTRICO



VEÍCULO DE COMBUSTÃO



LEGENDA



Fonte: <https://www.mckinsey.com/industries/automotive-and-assembly/our-insights/the-race-to-decarbonize-electric-vehicle-batteries>

comprar a antiga fábrica da Ford em Camaçari, na Bahia – e ainda deve investir em outras duas fábricas, uma para a produção de lítio e outra para a fabricação de ônibus e caminhões elétricos. Outra gigante chinesa, a GWM, fabricará a partir de maio de 2024 um elétrico de baixo custo (ou melhor, não tão caro quanto a média), em sua fábrica em Iracemápolis (SP). As vendas de elétricos no Brasil ainda são uma pequena parcela (3,4%), mas que vêm se multiplicando. No primeiro semestre de 2023, as vendas foram 58% maiores que no mesmo período de 2022.

No entanto, quem está de fato aproveitando a oportunidade é a China. A participação do país no mercado europeu passou de menos de 1% em 2021 para 2,8% em 2023. Quase todo esse crescimento se deve aos elétricos chineses, que já são 8% do mercado europeu. A China também está dominando a produção e a inovação das baterias.

O carro elétrico é um modismo ou mudança que veio para ficar? Os números ainda são diversos demais para amparar uma resposta confiável. A Agência Internacional de Energia recentemente elevou sua previsão de vendas mundiais de carros elétricos de 25% para 35% em 2030. Só este ano, o

preço médio dos carros elétricos caiu de 58 mil para 50 mil dólares nos Estados Unidos – chegando perto dos 48 mil dólares da média de todos os carros. Apesar da queda no preço, nem todos os americanos estão entusiasmados. A Ford esperava bater 600 mil elétricos vendidos este ano – mas decidiu adiar a meta para o fim de 2024. Até mesmo a Tesla está vendo as vendas esfriarem, apesar de ter baixado o preço dos carros. Alguns especialistas têm a sensação de que o mercado saturou: o público que se interessava pelo produto já tem um na garagem.

Mas é preciso levar a inovação em conta. As empresas ainda estão engatinhando na briga por carros elétricos mais sustentáveis, baratos e com baterias mais leves. Dependendo das ondas de inovação que surgirem nos próximos anos, poderemos ter não só carros – mas pequenas aeronaves elétricas não-tripuladas – disponíveis à maioria da população, com o enorme benefício de deixar de queimar combustíveis fósseis para se locomover. Num mundo com tanta inovação, o futuro é imprevisível.



Moda e compromisso com o Futuro

C&A impulsiona a mudança positiva em toda cadeia, impactando do fornecedor até a cliente

Com presença nacional e mais de 330 lojas de norte a sul do Brasil, a C&A, é pioneira em oferecer aos brasileiros uma moda acessível com estilo, qualidade e produzida de forma sustentável.

Uma marca presente há 180 anos no mundo e há 47 no Brasil, traz a sustentabilidade e a responsabilidade social em seu propósito. O Instituto C&A, por exemplo, tem uma trajetória de mais de 32 anos de atuação no fortalecimento das comunidades por meio da moda. Na vanguarda do mercado, em 2006, a empresa estruturou a área de Sustainable Supply Chain, com o propósito de monitorar e desenvolver a cadeia de fornecimento nos temas de ética, integridade e responsabilidade socioambiental.

A participação dos stakeholders (clientes, fornecedores, especialistas em sustentabilidade e público interno) foi indispensável para que todos os temas importantes da sustentabilidade evoluíssem ao longo dos anos.

A C&A acredita que o papel de uma empresa da indústria da moda acontece de ponta a ponta, desde a matéria-prima, passando pela produção das peças até a chegada no guarda-roupa das clientes. Para isso, em 2022 a marca anunciou uma estratégia abrangente de ASG, com compromissos públicos a serem alcançados até 2030 e pilares fundamentais que visam impulsionar o uso de **materiais mais sustentáveis**, a **circularidade** e **economia de**

baixo carbono. As iniciativas de sustentabilidade estão em sinergia com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) do Pacto Global da Organização das Nações Unidas (ONU).

Este ciclo mais recente sucedeu o iniciado em 2015 e concluído em 2020, com resultados significativos: 100% dos fornecedores de produtos da C&A são selecionados com base em critérios socioambientais; a empresa investiu mais de R\$ 8 milhões nos últimos 5 anos na cadeia de fornecimento com o objetivo de eliminar o descarte de químicos perigosos; 65% dos produtos tem princípios de sustentabilidade e anualmente, mais de 20.000 pessoas são impactadas através dos projetos sociais.

pilares ASG C&A

#VistaAMudança

Em 2002, anunciamos o novo ciclo de compromissos públicos da ASG para 2030, desdobrados em pilares e 15 objetivos.



unir & inspirar

Unir forças com a cliente, o associado, a cadeia de fornecimento e a comunidade para trazer mudanças autênticas e duradouras.



renovar & restaurar

Fazer o bem para o hoje e para o amanhã.



inovar & liderar

Acelerar a inovação em circularidade e modelos de negócios sustentáveis.

Equidade, inclusão & direitos humanos

Construir uma C&A inclusiva, onde cada um possa expressar a sua melhor versão e promover impacto social positivo além do nosso negócio



Conheça os compromissos da C&A estabelecidas para 2030:

SUSTENTABILIDADE 80% das matérias-primas principais devem ser de origem sustentável, (algodão, viscose e poliéster)

CIRCULARIDADE incluir os princípios de circularidade em 50% dos produtos na forma como são projetados, produzidos ou reutilizados.

MENOS PLÁSTICO substituir 50% do plástico de uso único por alternativas mais sustentáveis.

MENOS CARBONO: reduzir as emissões absolutas de gases de efeito estufa em 30%.

DIVERSIDADE E EQUIDADE manter no mínimo 60% de mulheres e ter 30% de Negros e Indígenas em posição gerencial, para a formação de um time diverso e



A plataforma **#VistaAMudança** expressa como a C&A pensa e pratica a sustentabilidade, identificando produtos e serviços voltados para o tema, com a intenção de sensibilizar e estimular os clientes sobre a importância de um consumo mais consciente.

Economia circular Prêmio ECO 2022

O mundo da moda segue um padrão cíclico. Essa é a dinâmica inerente do mundo fashion, onde as tendências ressurgem periodicamente, tanto nas ruas quanto nas passarelas. No entanto, é imperativo ir além: a moda não pode ser meramente cíclica, ela deve adotar um modelo circular. As peças que não são mais usadas, seja devido ao desgaste ou à mudança nos hábitos do consumidor, não devem ser negligenciadas no fundo do guarda roupa - ou pior, descartadas de maneira prejudicial ao ambiente. Elas devem iniciar uma nova jornada, onde é repensado todo o ciclo do produto, desde o processo de concepção, produção e extensão do uso.

Com 6 anos de existência, o **Movimento ReCiclo** é um programa de economia circular da C&A. Com urnas em 80% das lojas, o ReCiclo coleta peças usadas, de qualquer marca, para reaproveitamento. Desde o início do programa, mais de 51 toneladas de peças já foram arrecadadas e deixaram de ir para aterros sanitários. Apenas em 2022, foram arrecadados um total de 75 mil peças, onde 49% estavam em boas condições e foram doadas para projetos sociais do Instituto C&A; 37% foram destinados para reciclagem, e outros 14% para uma nova coleção de jeans reciclado. Não falamos mais de "fim de vida", mas de "fim de uso" do produto. Essa é a filosofia da moda circular.



C&A conquista pela sétima vez o Prêmio ECO 2022

A C&A tem uma longa história de boas práticas que se tornaram uma tradição. Os projetos de sustentabilidade da companhia já foram reconhecidos seis vezes pela AMCHAM e, em 2022 a empresa foi a grande vencedora do Prêmio ECO AMCHAM. O case premiado foi o lançamento do Jeans Circular, em parceria com a Cotton Move. O processo conectou atores ao longo de toda a cadeia produtiva, incluindo a colaboração ativa do consumidor. O projeto utilizou 2 toneladas de peças jeans coletadas nas urnas do Movimento ReCiclo, além de sobras da produção do fornecedor, para produzir 20 mil peças circulares e 13 modelos de jeans diferentes. **Da pilha de descarte de volta às araras das lojas, com qualidade e estilo - essa é a economia circular na prática.**

Impacto na diversidade e no social

Listada no segmento do Novo Mercado com o grau mais elevado entre os níveis de governança corporativa da B3, a C&A tem a equidade e a diversidade como um de seus pilares estratégicos. A marca enxerga a cliente como única e repleta de nuances, por isso procura abraçar essa singularidade e diversidade para dentro e fora da companhia. O time é composto por mais de 15 mil pessoas em todo o Brasil, dentre elas 68% são mulheres. A companhia tem o compromisso de manter pelo menos 60% de mulheres em cargos de liderança - atualmente 65% estão em cargos de gerência e 38% na alta liderança.

Mas a empresa quer mais, e comprometida com sua meta de promover a diversidade na liderança, lançou em junho deste ano seu primeiro programa de estágio afirmativo para pessoas negras e indígenas. A companhia conta hoje com 27% de negros e indígenas em cargos de gerência e a meta é chegar em 30%.

Além disso, mais de 36% dos funcionários se identificam como LGBTQIA+. Isso reafirma o compromisso da empresa com um ambiente inclusivo, refletido em sua cultura, e se traduz na adoção de compromissos tanto internos como externos. A empresa foi pioneira ao estender seus benefícios para casais do mesmo gênero e ao estabelecer uma conexão entre seu negócio e a causa. Em 2016, lançou a campanha "Tudo lindo & misturado" que abordou pela primeira vez o conceito de "agênero". Desde então, a marca, ano após ano, lança coleções e dezenas de iniciativas em prol da diversidade. Em junho de 2023, por exemplo, a organização Todxs uniu forças com a marca Mindse7 C&A, para lançar a campanha #VistaSeuOrgulho, com o objetivo de fortalecer e dar mais visibilidade à causa LGBTQIA+.

No âmbito social, o destaque são as mais de 22.000 de pessoas impactadas anualmente pelas ações do Instituto C&A.

Através de projetos que visam a inclusão produtiva de grupos vulnerabilizados dentro da indústria da moda, mobilizando uma rede de parceiros em todos os estados brasileiros e atuando no entorno das lojas, centros de distribuição e do escritório central.

O programa de Empreendedorismo do Instituto já impactou mais de 500 pequenas marcas de moda autoral que passaram por processos de capacitação, mentorias e investimento financeiro. A C&A abriu as portas para as marcas impulsionadas realizando conexões de 30 delas com seu market place e a realização de collabs de cunho social como a Coleção Identidades no último ano e com o Ateliê Mão de Mãe neste ano.

Na frente de empregabilidade, o Instituto foca em juventude em situação de vulnerabilidade em especial com recorte étnico-racial para negros e indígenas, migrantes e mulheres acima dos 40 anos. Este ano, o programa lançou o "C&A de Portas Abertas", transformando lojas da C&A em escolas de capacitação de atendimento de varejo de moda para pessoas em vulnerabilidade social em 8 capitais brasileiras. A perspectiva é que o projeto expanda para outras cidades onde o negócio esteja presente no próximo ano.

O Instituto C&A tem o programa de voluntariado corporativo mais longo do Brasil, celebrando 32 anos no último mês de agosto. Esse legado se traduz em engajamentos significativos que mobilizaram mais de 4 mil voluntários, o que representa cerca de 27% dos colaboradores da varejista, em 550 ações espalhadas por todo o Brasil.

E fica o convite. Como você vem atuando/colocando em prática a sustentabilidade no seu dia a dia e na sua empresa?

**O PRECONCEITO
DOS URBANISTAS
CONTRA A
CIDADE GRANDE**



No livro "Ordem sem Design" o urbanista Alain Bertaud afirma que planejadores urbanos prejudicam os cidadãos ao acreditar que podem ignorar como as leis do mercado moldam as cidades. Leia a seguir um trecho da obra, recém-publicada no Brasil

AS CIDADES CRESCEM quando seus mercados de trabalho se expandem. Essa expansão econômica é normalmente o resultado da vantagem comparativa vinda da localização ou da concentração de trabalhadores qualificados. O ritmo de crescimento da população de uma cidade não pode ser atribuído ao planejamento prévio. E, na verdade, devido à combinação de diversos fatores externos e internos. Para o pesar dos planejadores urbanos, a taxa de crescimento de uma cidade no médio e no longo prazo é, em grande parte, imprevisível, e é fútil fingir que ela é o resultado de planejamento cuidadoso.

Planejadores e gestores urbanos têm, tradicionalmente, se preocupado com o crescimento não planejado das metrópoles em razão da complexidade envolvida em gerenciá-las, da dificuldade de integrar imigrantes humildes do meio rural à vida urbana e de uma aversão instintiva a tudo que parece "não ter planejamento". Planejadores já chegaram a descrever a expansão de cidades grandes e dominantes, a exemplo de Paris e da Cidade do México, como "um câncer".

A aversão ao que não é planejado ou a padrões espaciais assimétricos é muito aparente na abordagem da maioria dos planejadores urbanos. Alguns deles olham para o mapa do país e observam que algumas regiões contêm várias cidades e outras, poucas. Erroneamente, concluem que esse "desequilíbrio" representa uma desigualdade devido ao parasitismo das atividades urbanas ou a outras falhas do mercado. Em sua visão, modificar esse desequilíbrio e remover essa diferença regional se torna responsabilidade do governo, mediante o planejamento espacial no nível nacional, com o objetivo declarado de restaurar a simetria regional na distribuição espacial das cidades. Entretanto, é falsa a suposição de que um planejamento espacial nacional possa mudar a distribuição de populações urbanas para que se alcance

um equilíbrio espacial novo e intencionalmente projetado.

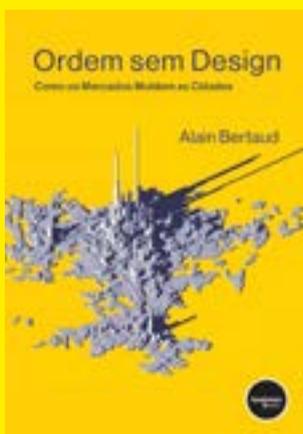
Cidades que têm uma vantagem comparativa decisiva, seja por sua localização ou pela especialização e inovação da mão de obra disponível, tendem a crescer. As pessoas migram para as cidades onde as oportunidades econômicas e sociais são as melhores de acordo com seus pontos de vista. A ideia de que a taxa de crescimento econômico e demográfico de uma cidade se deva a atividades parasitas que ocorrem em detrimento de outras urbes é fantasiosa – a menos, é claro, que o principal motivo de seu sucesso seja a pirataria, o contrabando ou outra atividade econômica ilegal ou predatória.

A suposição de que o preparo de planos nacionais ou regionais resultaria em uma taxa de crescimento urbano previsível para cada cidade de uma região individual é, também, comprovadamente falsa. Infelizmente, em diversos países, essa pretensão de planejamento comum resultou em investimentos públicos mal-allocados e impedimentos regulatórios que diminuíram a produtividade das cidades. Na realidade, os planejadores urbanos têm muito pouca influência na distribuição do tamanho e nas taxas de crescimento da cidade, a menos que tomem medidas ativas e direcionadas visando a destruir as economias urbanas das cidades que "cresceram demais". A política urbana do Khmer Vermelho, aplicada no Camboja no final da década de 1970, foi um exemplo extremo e brutal da tentativa temporariamente bem-sucedida de planejadores urbanos de administrar o tamanho da cidade ao realocar à força a população urbana em áreas rurais.

Como consequência da arrogância dos planejadores perante a necessidade de manejar o tamanho da cidade, muitos planos regionais desenvolvidos na segunda metade do século XX estabeleceram limites regulatórios ao cres-



ALAIN BERTAUD atuou como planejador urbano de cidades da Tailândia, El Salvador, Haiti, Iêmen, Estados Unidos, França, Argélia, Índia, entre outros. Entre 1980 e 1999, foi o principal urbanista do Banco Mundial, quando ajudou governos da Rússia e da China a resolverem problemas urbanos durante a abertura econômica. Atualmente pesquisador da Universidade de Nova York, sua grande contribuição é construir uma ponte entre a economia e o planejamento urbano.



TÍTULO

Ordem sem Design: Como os Mercados Moldam as Cidades

AUTOR

Alain Bertaud

EDITORA

Bookman

PÁGINAS

432

cimento de metrópoles. Tais limites eram combinados com investimentos de infraestrutura planejados e se destinavam ao estímulo do crescimento de cidades pequenas, que eram consideradas mais gerenciáveis. Um artigo influente e seminal publicado em 1947, reivindicando um plano nacional para o planejamento espacial da França, foi intitulado "Paris and the French Desert", sugerindo que o crescimento de Paris ocorreu às custas de cidades provinciais francesas. Qualquer indivíduo familiarizado com tais cidades reconheceria a comparação a um deserto árido como ligeiramente cômica e exagerada. Embora seja possível que a tendência centralizadora de sucessivos governos desde a Revolução Francesa de 1789 tenha contribuído para o rápido crescimento de Paris, o problema, se é que existe, reside no sistema político. Impedir investimentos na capital enquanto se direcionam grandes recursos para cidades provinciais provavelmente não mudará a hierarquia do tamanho de uma cidade causada por um sistema político muito peculiar cujas reformas falharam em permitir decisões menos centralizadas.

Em 1956, o governo indiano adotou uma política ditando que novas indústrias deveriam se instalar em "áreas atrasadas". Ao mesmo tempo, essa política impedia o avanço do desenvolvimento da industrialização em metrópoles." Mediante tal política, o governo se comprometeu em corrigir o desequilíbrio regional e impedir o avanço do crescimento industrial em cidades com mais de 500 mil habitantes. Em 1988, o impacto negativo da política foi combinado a um interdito a novas indústrias localizadas a menos de 50 km de cidades com população de mais de 2,5 milhões de habitantes, bem como à imposição de que as fábricas ficassem, no mínimo, a 30 km de cidades

com população entre 1,5 milhão e 2,5 milhões de pessoas. Como se pode facilmente imaginar, a segunda política não impediu o crescimento de indústrias em cidades bem-sucedidas como Mumbai e Bangalore, cuja população é significativamente superior a 2,5 milhões; apenas tornou mais caro para essas indústrias se expandirem para tais localidades. Mais tragicamente, ela desviou os escassos recursos governamentais de infraestrutura para regiões com baixo potencial, ao mesmo tempo em que privou grandes áreas metropolitanas de investimentos desesperadamente necessários, embora as últimas áreas fossem os locais para onde a maioria da população estava migrando. O baixo desempenho atual da infraestrutura pública - estradas, transporte, esgoto, drenagem pluvial e energia - nas maiores cidades da Índia é, em parte, resultado de uma política espacial nacional equivocada conduzida ao longo dos últimos 50 anos.

Se os planejadores urbanos são incapazes de controlar a taxa de crescimento das cidades, como explicamos o crescimento bem-sucedido de cidades inteiramente planejadas, como São Petersburgo, Brasília ou Shenzhen, criadas ex-nihilo por poderosos governantes tão diversos como Pedro I da Rússia, Juscelino Kubitschek e Deng Xiaoping? Essas cidades planejadas se tornaram grandes e bem-sucedidas como resultado de dois fatores principais:

→ Primeiro, a localização de cada cidade foi escolhida de acordo com a necessidade geopolítica, não devido a um conceito de planejamento abstrato;

→ Segundo, cada cidade teve forte apoio político e financeiro de um poderoso governante de um país muito grande. Esse apoio permitiu que essas cidades absorvessem enormes quantidades de dinheiro no in-

Planejadores urbanos costumam se preocupar com o crescimento das metrópoles e ter aversão a tudo que parece 'não ter planejamento'. Mas cidades são imprevisíveis: é um engano acreditar que planos municipais ou regionais conseguem domar o seu tamanho.

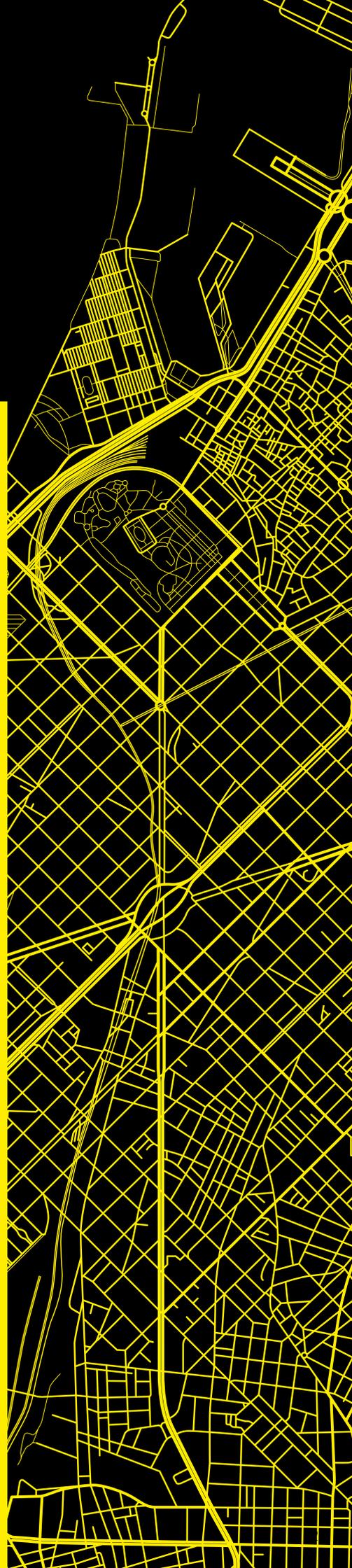
vestimento em infraestrutura, sem a necessidade de empréstimos ou a aplicação de impostos em suas próprias economias inicialmente prósperas.

Outros exemplos como esses são abundantes. Os políticos criaram novas capitais, como Washington, D.C. (Estados Unidos), Camberra (Austrália), Islamabad (Paquistão), Abuja (Nigéria) e Naipidau (Mianmar). Todas elas são capitais de países grandes e, inicialmente, não tinham base econômica além da burocracia governamental nacional. O conceito "dinheiro não é problema" determinou sua construção e garantiu a sobrevivência inicial, enquanto eram financiadas por impostos pagos pelo restante do país e constituíam um mercado de trabalho cativo, composto por funcionários do governo. Em certo momento, um mercado de trabalho mais diversificado se inseriu nas atividades governamentais.

Durante os 70 anos da União Soviética, os planejadores urbanos decidiram quais cidades deveriam crescer e quais não. Nenhuma cidade poderia crescer sem os recursos de apoio concedidos pelo Gosplan, um ministério especializado de Moscou. O governo possuía os meios para exercer o movimento das pessoas, e as migrações em direção a localidades selecionadas no vasto interior da União Soviética eram

frequentemente involuntárias. Muitas novas cidades foram criadas devido a várias supostas motivações políticas e econômicas; no entanto, nenhuma delas foi resultado da migração voluntária de empresas e pessoas em direção a áreas que representassem melhores oportunidades.

Em 2010, durante uma viagem a Moscou como consultor, fui questionado pelo Ministério da Construção sobre o que fazer para "fechar" as 60 cidades identificadas pelo governo russo como inviáveis. O governo não podia continuar apoiando serviços sociais e infraestrutura em zonas que haviam sido abandonadas pelas grandes indústrias monopolistas que, originalmente, eram sua razão de ser. O mercado de trabalho havia desaparecido, mas os trabalhadores ainda estavam lá; o fechamento dessas cidades implicaria outra migração forçada de vários milhões de pessoas. Apartamentos recentemente privatizados representavam o único ativo da maioria da população, mas, por terem perdido seu valor, seus donos estavam impossibilitados de se mudar. O fechamento de cidades na Rússia é uma ilustração extrema do perigo da criação de cidades baseadas nos chamados "critérios de planejamento sem base econômica" e mediante o uso de migrações forçadas ou grandes subsídios para promover o crescimento urbano.



A stylized, high-contrast portrait of Claudia Goldin, a woman with long, wavy hair and glasses, smiling. The image is rendered in a blue and white line-art style with a textured, painterly effect. The background is a vibrant, abstract composition of red, green, and purple geometric shapes.

A SENHORA IGUALDADE

CONHEÇA AS IDEIAS E OS ESTUDOS DE CLAUDIA GOLDIN, A ESPECIALISTA EM
DESIGUALDADE DE GÊNERO QUE GANHOU O NOBEL DE ECONOMIA DE 2023

O PRÊMIO NOBEL de Economia deste ano homenageou estudos de um tema essencial à agenda ESG: a desigualdade de renda entre homens e mulheres. Claudia Goldin, pesquisadora de Harvard e terceira mulher a ganhar o Nobel de Economia, dedicou sua vida acadêmica a descrever a história do mercado de trabalho feminino e entender por que mulheres ganham menos. Quando se fala em desigualdade de gênero, ela é a referência mundial número 00001. O resultado de tantas décadas de trabalho são experimentos criativos e análises profundas que desfazem mitos frequentemente repetidos sobre o tema. Goldin resistiu à tentação de dar explicações politizadas e moralistas, como se a desigualdade de gênero fosse culpa da ação deliberada de algum grupo social. A questão é complicada, costuma dizer a economista, e resiste a soluções simplistas.

Goldin é uma “Chicago girl”: obteve seu doutorado em 1972 pela Universidade de Chicago, a casa de mentes como Milton Friedman, que na época reformavam todo o pensamento econômico. Também em Chicago, Robert Fogel se baseava em estatísticas históricas para falar sobre a história da escravidão, e o economista Gary Becker abordava comportamentos sociais com ferramentas da economia. Claudia Goldin usou esse ferramental para entender a trajetória das mulheres do mercado profissional desde o século 19. Analisando registros históricos, concluiu que a participação feminina no mercado de trabalho não teve uma evolução constante: seguiu uma curva em “U”.

Antes do avanço da Revolução Industrial nos Estados Unidos, a maioria das mulheres trabalhava: como a produtividade era baixíssima nas fazendas, todo braço livre parava na lavoura. À medida que a produtividade no campo aumentou, só os homens continuaram no trabalho: as mulheres puderam ficar em casa cuidando dos filhos (fase mais baixa do “U”). No entanto, à medida que a industrialização e os trabalhos especializados se alastravam pelo país, ficar em casa passou a ser caro demais – e as mulheres voltaram ao mercado de trabalho.

Notícias sobre desigualdade de gênero têm quase sempre um tom negativo, sobre a injustiça que muitas mulheres sofrem dia a dia. Claudia Goldin reconhece essas injustiças, mas adota um tom um pouco diferente. Em seu livro mais recente, “Career and Family” (“Carreira e Trabalho”, ainda sem tradução em português), ela destaca as imensas conquistas que as mulheres alcançaram no século 20. Há cem anos, as poucas que ingressavam em carreiras com ensino superior quase sempre renunciavam à maternidade. Era preciso escolher entre ter

uma profissão graduada ou ter filhos. Nos anos 1950, empresas se sentiam confortáveis em dizer “não contratamos mães de filhos pequenos” ou “gravidez é causa de demissão voluntária, mas a empresa pode voltar a contratá-la quando o filho estiver no Ensino Médio”. Hoje, porém, as mulheres estão realizando conquistas inéditas. “Com os avanços tecnológicos e o aumento da educação, dos diplomas profissionais e das oportunidades, muitas barreiras foram removidas e os obstáculos discriminatórios ao sucesso das mulheres foram derrubados”, diz a economista.

Ao analisar a evolução dos desafios e a trajetória de vida das americanas com curso superior durante o último século, Goldin as categoriza em cinco grupos, cinco gerações. Cada geração deu um passo na jornada rumo a mais direitos e igualdade, abrindo caminho para a seguinte.

1. As pioneiras foram as mulheres nascidas no fim do século 19, as primeiras a frequentar programas de graduação. Enfrentaram barreiras difíceis, já que a educação superior era predominantemente dominada por homens. Boa parte dessas mulheres permaneceram solteiras: para ter uma carreira, renunciavam à família e à maternidade.

2. A segunda geração é das que se formaram entre 1920 e 1945, durante mudanças sociais pós-Primeira Guerra Mundial e durante a Grande Depressão. Muitas delas optaram por trabalhar e permanecer solteiras, mas se casaram mais tarde e então largaram o trabalho. Essas mulheres frequentemente seguiram profissões no ensino, serviço social e biblioteconomia.

3. O período pós-Segunda Guerra Mundial foi marcado por fortes expectativas em relação à família tradicional. As mulheres deste grupo se casaram cedo e tiveram muitos filhos. Um número significativo delas tentou conciliar família e carreira, mas acabou ficando em casa com os filhos.

4. Ao contrário de suas mães (as mulheres da geração anterior que priorizaram a família à carreira), as nascidas entre os anos 1970 a 1990 fizeram o contrário. Recusando-se a depender do marido, adiaram o casamento e a maternidade para alcançar seus objetivos profissionais, e muitas não tiveram filhos.

5. O último grupo viu um aumento no número de mulheres em programas de pós-graduação em vários campos, incluindo

aqueles tradicionalmente dominados por homens. Essas mulheres buscavam integrar família e carreira, muitas vezes procurando arranjos de trabalho flexíveis para manter um equilíbrio. Tiveram, assim, mais filhos que as da geração anterior: 80% das americanas dessa geração com curso superior tiveram filhos, contra 73% do grupo anterior.

Essa última geração vive algo um tanto inédito. Pela primeira vez, conseguiram se realizar nas duas áreas: carreira e família. “A jornada da mulher no século 20 nos levou da escolha de ter uma família ou uma carreira para a possibilidade de ter uma carreira e uma família. Também tem sido uma jornada para maior igualdade salarial e dentro do casal. É uma progressão complicada e multifacetada que ainda está em desenvolvimento”, diz a economista. Apesar dessas conquistas, a desigualdade de renda permanece – e esse é o grande mistério que Goldin tenta resolver. Por que, apesar de tantos avanços, as mulheres em média ainda ganham menos?

Antes, vale a pena entender a estatística que aparece com frequência na imprensa, segundo a qual “mulheres ganham 20% a menos que os homens”. O número não se refere ao mesmo cargo e função: é a razão entre a média de salários de todos os homens e todas as mulheres de um país. Não leva em conta que, justamente porque as mulheres haviam acabado de

Para Goldin, a geração atual de mulheres é a primeira conseguir conciliar carreira e família.

entrar no mercado, tinham menos experiência e eram em média mais jovens que os funcionários homens, e também trabalhavam menos horas remuneradas que eles. Essas diferenças de produtividade tinham um peso considerável nos Estados Unidos até 1980, mas desde então diminuíram: hoje as americanas são mais escolarizadas e têm experiência e idade similar a de seus colegas masculinos. Não à toa, a desigualdade de gênero caiu de 40% nos anos 1960 para 20% nos anos 2000. Mas, a partir dali, estabilizou. Por quê?

Uma resposta frequente é a discriminação. Baseado nessa ideia, o Brasil aprovou em julho uma lei de paridade salarial, impondo multas para empresas que pagarem salários menores para mulheres no mesmo cargo e função. Goldin provavelmente apoia esse tipo de iniciativa, mas é cética em relação a seu efeito estatístico. Apesar de concordar que muitas mulheres sofrem casos terríveis de discriminação no ambiente profissional, afirma que a discriminação por parte do empregador não é a grande responsável pela diferença de salários. “Só uma pequena da disparidade de renda por gênero é devida à discriminação”, diz ela em “Career and Family”.

Outra explicação comum para a desigualdade de gênero foca nas escolhas profissionais das mulheres. Segundo essa teoria, quando entraram no mercado de trabalho, elas preferiram áreas como Educação e Humanas. A oferta de profissionais nessas áreas aumentou de repente: e, por oferta e procura, os salários baixaram. Como uma oferta similar não aconteceu nas profissões tipicamente masculinas, como Exatas e Finanças, o resultado seriam salários desiguais. Goldin, no entanto, não aposta suas fichas nessa explicação. Afirma que a escolha do tipo de trabalho é responsável por no máximo um terço da diferença de renda: mesmo se igualássemos a parcela de homens e mulheres em todas as profissões, elas ainda ganhariam menos. Qual seria, afinal, a explicação?

A economista resposta em duas palavras: “trabalho ambicioso”. Em boa parte das carreiras competitivas, o mercado paga desproporcionalmente mais a quem se dedica absurdamente, está disponível o dia todo e, em caso de necessidade, pode ficar no escritório muito mais horas que o previsto ou até trabalhar nos fins de semana. “O sócio da empresa de private equity que acompanha um negócio do início ao fim, que faz a difícil modelagem, e que foi a todas as reuniões e jantares noturnos, terá a chance máxima de um bônus alto e da tão desejada promoção”, diz Goldin. Num ambiente profissional desses, se o casal tem um filho, vale a pena haver uma especialização: um se concentra no trabalho, outro passa para empregos mais flexíveis, com uma jornada menor e mais previsível, ainda que um salário não tão alto. Na maioria das vezes, o pai investe na carreira, enquanto a mãe pisa o freio na vida profissional para dar mais atenção aos filhos. “Ambos sofrem privações: os homens abrem mão do tempo com a família; as mulheres renunciam à carreira.”

Enquanto a mulher não tem filhos, pode se dedicar a trabalhos ambiciosos tanto quanto o homem. E isso de fato acontece: logo após se formarem na faculdade, homens e mulheres têm quase a mesma média salarial. No entanto, quando as crianças aparecem, a dedicação intensa se torna cara demais. É por isso que a diferença de renda dá um salto logo depois do nascimento do primeiro filho e a partir daí não para de crescer. Também é por isso que a desigualdade de gênero é mais pronunciada em profissões mais graduadas, como advocacia e mercado financeiro, do que em profissões que não exigem tanta dedicação e disponibilidade. Esclarecer esse mistério foi uma das razões por que Goldin ganhou o Nobel de Economia.

O assunto não é importante apenas às mulheres, mas a toda

a sociedade. Se as mulheres ou minorias são de alguma forma impedidas de trabalhar como desejam, a sociedade não aproveita adequadamente seus melhores recursos. Goldin cita uma estimativa segundo a qual de 20% a 25% do crescimento econômico desde 1960 ocorreu graças a menores barreiras profissionais. “Quando as barreiras caem, quando os custos com treinamento são reduzidos e quando a discriminação é eliminada, a alocação de talentos em toda a economia melhora”, diz Goldin. Todos têm a ganhar com a igualdade de oportunidades.



AUDIÇÕES ÀS CEGAS

UM DOS ESTUDOS que rendeu fama a Goldin tratou da seleção de mulheres durante “audições às cegas” em orquestras. Na década de 1970, muitas orquestras começaram a adotar audições às cegas, onde os músicos se apresentam atrás de uma cortina ou tela, ocultando sua identidade dos avaliadores. Goldin, em trabalho conjunto com Cecilia Rouse, investigou se essa prática tinha um impacto mensurável na contratação de mulheres. Concluiu que as audições às cegas aumentaram em até 25% a probabilidade de músicas femininas avançarem nas etapas preliminares e finais dos processos de seleção. Além disso, o uso dessa prática estava associado a um aumento na proporção de mulheres nas orquestras. Segundo as pesquisadoras, isso acontecia não só porque se eliminava um viés dos avaliadores a favor dos homens, mas por uma sinalização de imparcialidade, que incentivava mais mulheres a se candidatarem.

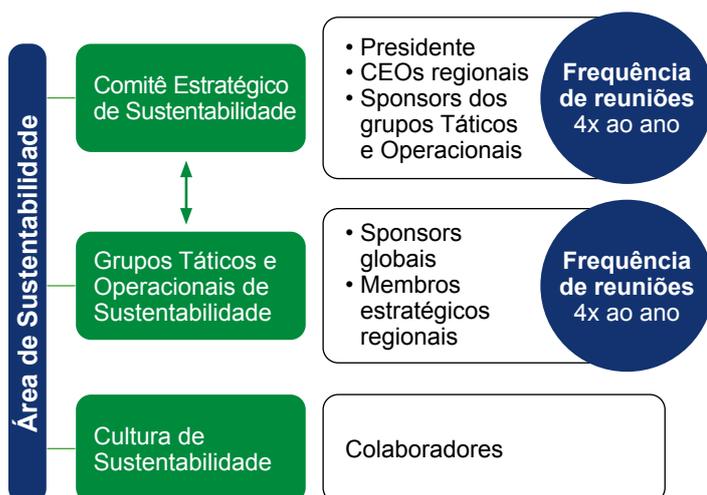
Desde a publicação do artigo, em 2000, surgiram diversas refutações. Algumas replicações concluíram o oposto: em audições às cegas, mais homens eram contratados do que quando era possível identificar os candidatos. De qualquer forma, o modelo inovador do experimento criou uma tradição de análise empírica de favorecimentos e incentivos em ambientes profissionais.

Onde está o G do ASG?

Não é novidade que o tema ASG (Ambiental, Social e Governança) se tornou estratégico e está cada vez mais presente nas agendas das empresas, governos e até das pessoas em todo o mundo. No segmento de Óxidos e Derivados Integrados (IOD) da Indorama Ventures a sustentabilidade é estratégica para garantir a perenidade do negócio e deixar um legado para a sociedade, por isso foi desenvolvida uma estratégia de Sustentabilidade com metas públicas, baseada na Agenda 2030 do Pacto Global da ONU. Porém, para que seus objetivos sejam alcançados, também foi construída uma governança robusta com o propósito de colocar em prática esse compromisso com a participação de toda a companhia, afinal a Sustentabilidade é um dever de todos.

Governança de Sustentabilidade IOD

Missão: integrar a sustentabilidade à cultura da empresa para que ela permeie todas as práticas e processos de tomada de decisão



Dentro da governança de IOD existem papéis e responsabilidades definidos para garantir que a estratégia seja endereçada.

1 Área de Sustentabilidade: transversal na governança fazendo parte de todas as discussões. Suas responsabilidades são: atuar como suporte consultivo sobre o tema da sustentabilidade na empresa; implementar e gerenciar a governança de sustentabilidade; promover a estratégia de sustentabilidade e definir diretrizes em conjunto com os departamentos; identificar como a sustentabilidade pode apoiar os segmentos da indústria a atingir suas metas e fazer negócios; treinar e envolver as partes interessadas internas e externas; apoiar a comunicação interna e externa sobre o tema; representar a empresa em fóruns e compromissos sobre sustentabilidade; mapear tendências e ser pioneiro em iniciativas sobre o tema.

- 2** Comitê Estratégico de Sustentabilidade: fórum da alta liderança com foco em apresentar resultados e pontos de atenção para que sejam endereçados de forma estratégica. As responsabilidades desse comitê são: garantir que a sustentabilidade esteja no centro dos negócios; aprovar a estratégia, as metas e os compromissos públicos; garantir os recursos e o envolvimento necessários para avançar e cumprir as metas/compromissos da empresa.
- 3** Grupos Táticos e Operacionais de Sustentabilidade: grupos específicos de cada tema presente na estratégia de sustentabilidade, como por exemplo: descarbonização, portfólio de produtos, comunidades, fornecimento responsável e etc. Cada um tem um sponsor (alta liderança no tema) que indica os representantes regionais para compor esse grupo de trabalho. As responsabilidades desses grupos são: definir e implementar os roadmaps (planos de ação de curto, médio e longo prazo), garantindo que as metas da estratégia sejam atingidas; relatar o progresso das metas e do roadmap; envolver as áreas necessárias para cumprir o plano de ação.
- 4** Colaboradores: todos os colaboradores são responsáveis pela disseminação da sustentabilidade na cultura da empresa estando cientes da estratégia e aplicando-a em seu dia a dia, práticas e processos.

Comprometida com a transparência de toda estratégia e governança, IOD constrói um plano anual de comunicação e engajamento interno e externo. As ações são definidas com base nas principais lacunas e oportunidades observadas para gerar mais valor para o tema. São realizadas lives, workshops, comunicação em mídias sociais, mas além disso, trimestralmente é gerado um relatório de acompanhamento de metas interno com informações de destaque e atenção. Externamente, também de forma trimestral, é publicado no website de IOD o atingimento de cada uma das metas, você pode verificar em: <https://iod.indoramaventures.com/sustainability>

Desta forma, é possível garantir que o "G" do ASG possa ser colocado em prática.



Confira nossa estratégia de Sustentabilidade e iniciativas, no último relatório Innovability 2022.

CONSTRUINDO UM FUTURO SAUDÁVEL

A RD - Raia Drogasil tem uma ambição de sustentabilidade: ser o grupo que mais contribui para uma sociedade saudável no Brasil até 2030.

A RD - Raia Drogasil é uma companhia de capital aberto fundada em 2011 a partir da fusão entre Droga Raia e Drogasil. Desde então, vem crescendo de forma consistente e criando valor para seus stakeholders ao se posicionar como uma empresa de soluções integradas de saúde. A RD quer ir além da comercialização de medicamentos, promovendo a saúde e o bem-estar e apoiando na construção de um mundo mais saudável a cada dia.

A estratégia de negócios da companhia caminha em sintonia com a Ambição de Sustentabilidade para 2030: ser o grupo que mais contribui para uma sociedade mais saudável no Brasil. A ambição é grande, mas compatível com o tamanho e a capilaridade da empresa, que possui mais de 2.800 farmácias distribuídas em todos os estados do Brasil.

A estratégia de sustentabilidade, chamada de **Todo Cuidado Conta**, está estruturada em três pilares.

O primeiro, **Pessoas • Saudáveis**, promove o bem-estar e a saúde de funcionários e funcionárias, clientes e comunidades em que a empresa está presente. A RD desenvolve programas internos de cuidado que incentivam a mudança de hábitos entre seus profissionais com práticas saudáveis. Também oferece cuidado personalizado de saúde aos seus consumidores e contribui para o fortalecimento da saúde nas comunidades, viabilizando ou potencializando iniciativas sociais que contribuam para a saúde integral de pessoas em situação de vulnerabilidade.

O segundo pilar, **Negócios • Saudáveis**, concentra-se em promover um ambiente de trabalho inclusivo, que reconhece e valoriza a diversidade e o desenvolvimento pessoal e profissional de seus funcionários e funcionárias. A empresa, uma das maiores empregadoras de jovens no país, não é apenas porta para o primeiro emprego, mas também investe na formação de seus profissionais, ampliando suas oportunidades de crescimento.

Por fim, o terceiro pilar, **Planeta • Saudável**, reflete o compromisso da RD com a responsabilidade ambiental. A empresa trabalha ativamente para esta agenda, desenvolvendo ações para redução de suas emissões para contribuir com a neutralidade global de carbono e implementando programas para eliminar o envio de resíduos para aterros.

Esses três pilares guiam a estratégia da empresa e o engajamento de todas as áreas da companhia para a mesma direção. E isso se traduz em ações concretas, como por exemplo o projeto #ParaQuemMenstrua e a iniciativa de gestão de resíduos da construção civil, duas histórias de sucesso implementadas pela RD no último ano.

#PraQuemMenstrua

Um dos vencedores do Prêmio ECO 2023, o projeto #PraQuemMenstrua é um exemplo de inovação e integração entre diferentes áreas para tirar do papel projetos que realmente fazem a diferença. Uma pesquisa realizada pelo UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) em 2021 revelou que 62% das pessoas que menstruam entrevistadas já deixaram de frequentar ambientes como escolas devido à menstruação e 73% sentiram constrangimento nesses locais. Esse é um problema de saúde integral e a RD enxergou a possibilidade de engajar seus funcionários e parceiros para contribuir com soluções.

A Needs, marca própria do grupo RD, lançou uma nova linha de absorventes desenvolvida desde sua concepção para uma parceria com o UNICEF, com o propósito de abordar a questão da dignidade menstrual. Um percentual das vendas dos produtos é direcionado ao UNICEF, financiando ações que contribuem com a transformação cultural de comunidades, a capacitação de profissionais da educação e melhorias na infraestrutura de escolas, com a construção de estações de lavagens das mãos. A campanha já atingiu 10 mil adolescentes e jovens com a distribuição de mais de 30 mil absorventes em comunidades vulneráveis do Pará. Também viabilizou a instalação de estações para lavagens de mãos em oito comunidades paraenses, beneficiando diretamente 1,6 mil crianças e adolescentes. Em 2023, o projeto foi expandido para municípios em Pernambuco. Em 2024, o #PraQuemMenstrua chegará ao Maranhão.



"O #PraQuemMenstrua é um exemplo do poder da colaboração intersetorial para o desenvolvimento sustentável. UNICEF e Needs se uniram em torno de princípios comuns com muita criatividade e responsabilidade compartilhada para transformar desafios sociais em valor agregado para todas as partes. Transformar uma parceria de curto prazo em um movimento capaz de provocar transformações duradouras é o caminho mais rápido para avançarmos em direção aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030, sem deixar ninguém para trás" - Priscila Costa, Oficial de Parcerias Estratégicas, UNICEF Brasil.

Construindo saúde com responsabilidade

Em 2022, o número de farmácias da RD aumentou em 8,3%. Uma ótima notícia para o crescimento da rede, mas um grande desafio do ponto de vista ambiental: mais farmácias significam mais obras; e mais obras resultam em mais resíduos de construção civil a serem descartados. A solução foi estruturar uma estratégia de gestão de resíduos que abrange todo o processo, desde a sua geração no canteiro de obras até sua destinação final. Para garantir a eficácia deste projeto, a RD estabeleceu parcerias estratégicas com a Associação Brasileira para Reciclagem de Resíduos da Construção Civil e Demolição (Abrecon) e com a Trashin. A elas, coube contribuir para uma compreensão profunda do cenário e das melhores práticas da gestão de resíduos da construção civil, além de apoiar a RD na identificação das melhores soluções para esses resíduos, garantindo seu descarte adequado.

Como resultado dessas parcerias, 15% das obras em novas farmácias em 2022 seguiram os mais altos padrões de destinação ambiental dos resíduos. A meta é que esse número suba para 20% em 2023. Além disso, a RD adotou medidas de engajamento com seus fornecedores. Para assegurar a adoção do novo modelo de gestão, a empresa promoveu workshops sobre o tema, preparando empreiteiras e construtoras para essa mudança. Nas obras selecionadas para o projeto, os profissionais envolvidos recebem treinamentos completos e especializados sobre as melhores práticas na

gestão de resíduos, reforçando o compromisso da RD com a sustentabilidade em todos os elos da cadeia produtiva.

"É um tema muito desafiador no Brasil, onde ainda temos muitos gargalos na infraestrutura nacional. Na RD, desenvolvemos um projeto de gestão de resíduos de construção que foca muito na etapa de planejamento da destinação desses resíduos, ou seja, no estudo e prospecção de destinatários que adotem as corretas práticas de destinação do ponto de vista ambiental antes do início de cada obra. A partir dessa análise inicial de acordo com a realidade de cada região, seguimos com a destinação para os locais já previamente estudados e aprovados, garantindo uma efetividade na destinação dos resíduos de cada obra." - Pedro de S. Teixeira Nogueira - Gerente de Engenharia e Manutenção da RD.

Essa rede de parceiros e soluções é o que torna possível vencer desafios complexos. O engajamento de colaboradores, clientes, empresas e da sociedade como um todo, transforma essa possibilidade em certeza. Por isso, a RD escolheu assumir o protagonismo e ser efetivamente um agente transformador da sustentabilidade.

RD - Raia Drogasil
#Todocuidadoconta

JUNTOS CONTRA A MUDANÇA CLIMÁTICA

Amcham lança Hub de Descarbonização para unir empresas interessadas em inovar e reduzir a pegada de carbono de sua linha de produção

Por Evellyn Lima

A HUMANIDADE EMITE hoje 51 bilhões de toneladas de carbono na atmosfera todos os anos. Ninguém sabe quando esse número atingirá zero, mas todos concordam que precisaremos de muita inovação e trabalho em conjunto para chegarmos lá. Com isso em mente, a Câmara Americana de Comércio para o Brasil (Amcham) lançou em setembro o Hub de Descarbonização, um núcleo cola-

HUBS DE DESCARBONIZAÇÃO PELO MUNDO

AGRO DECARBONIZATION HUB

Lançado pela KPMG, reúne especialistas e parceiros em prol da descarbonização de empresas do agronegócio brasileiro. O projeto oferece apoio especializado para a definição de planos e metas de redução de emissões, e monitora iniciativas locais e globais.

BETTER BUILDINGS

Do Departamento de Energia dos Estados Unidos, cria desafios para empresas reduzirem emissões de gases de efeito estufa de seus prédios e fábricas em 50% nos próximos 10 anos. A lista de projetos envolvidos inclui as construções de hospitais, supermercados, pequenos e grandes escritórios, pequenos hotéis, escolas de educação básica e de Ensino Médio e até aquecimento de água.

MARITIME DECARBONISATION

A Lloyd's Register, especialista em classificação, registro e compliance de navios e instalações offshore, criou um ecossistema específico sobre a descarbonização da indústria naval. O projeto também pretende modernizar as construções de navios para atingir o objetivo de emissões zero até 2050. Apenas a modernização da frota já garante 26% da transição, utilizando combustíveis com zero carbono.

borativo que conecta empresas consolidadas, startups e universidades que desejam construir soluções, inovações e parcerias para que suas cadeias de produção atinjam a neutralidade de carbono. E, ainda, gerar conexões globais rumo à sustentabilidade, sem deixar de lado a competitividade do mercado.

“O hub visa conectar diferentes desafios e endereçá-los de uma forma prática. Muitas empresas querem agir nessa direção, mas precisam de instrumentos”, diz Marcelo Rodrigues, diretor de Inovação e Novos Negócios da Amcham. A iniciativa começou em agosto. As primeiras empresas a integrarem o projeto foram a Bayer, Ingredion, Citibank, KPMG e ArcelorMittal. A Amcham apresenta a iniciativa como um projeto para qualquer empresa, organização ou instituição que queira ser líder em descarbonização, precise de uma abordagem prática e especializada e entenda que precisa colaborar em parcerias – afinal, nenhuma empresa vai conseguir descarbonizar o planeta sozinha.

O hub combina compromissos, metas e desafios de cada empresa. Além de dar acesso às demais áreas da Amcham Brasil, o núcleo também oferece uma interface de mercado que inclui o relacionamento com entidades e advocacy; exposição da marca em conteúdos e eventos; projetos com veículos de mídia e assessoria de imprensa; acesso à rede de inteligência de universidades e startups. O projeto tem sete grupos de trabalho, que incluem temas como recursos naturais e energia, e pegada e captura de carbono.

Para Rodrigues, se tornar carbono neutro coloca as empresas em uma posição de vantagem competitiva. “Pesquisas mostram que o público em geral está cada vez mais atento às iniciativas sustentáveis e espera que suas marcas favoritas atuem de forma responsável do ponto de vista ambiental e social”, explica ele. “Além disso, o Brasil tem uma oportunidade única de avançar economicamente através da economia verde.” Se a empresa se descarboniza, ganha mercado: pode fornecer matéria-prima e produtos para clientes que querem diminuir a pegada de carbono de sua linha de produção.

A Amcham reúne empresas relacionadas a um terço do

PIB brasileiro. São 4 mil empresas de dezesseis centros econômicos e onze estados brasileiros. A empresa realiza mais de 50 eventos com a temática ESG anualmente, que impactam 5 mil executivos. Todo esse capital humano não pode ficar isolado: precisa trabalhar junto em inovações que beneficiam a todos.

Em setembro, a organização assinou um memorando ao lado da Secretaria de Economia Verde, Descarbonização e Bioindústria (SEV) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC) para a promoção de iniciativas voltadas ao desenvolvimento sustentável. “O memorando vai gerar um trabalho em conjunto com a Amcham que será fundamental para desenvolver boas regulações para o Brasil até a COP 28 [Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas de 2023]”, disse Rodrigo Rollemberg, secretário da SEV.

Também conhecidos como ecossistemas de inovação, os hubs desempenham um papel fundamental no impulsionamento da economia, no avanço da tecnologia e na resolução de desafios sociais. São encontrados em cidades de todo o mundo, como São Francisco, Tel Aviv e Singapura, e muitas vezes se concentram na solução de um problema para uma cadeia específica (*veja outros hubs de descarbonização no quadro*). Há vários tipos de hubs, desde parques tecnológicos e incubadoras de startups até centros de pesquisa e instituições acadêmicas. Atraem uma ampla gama de participantes, incluindo empreendedores, cientistas, investidores, governos e empresas estabelecidas, o que muitas vezes leva a sinergias inesperadas e soluções inovadoras. Startups podem trabalhar lado a lado com grandes corporações, compartilhando recursos e conhecimentos.

No caso da descarbonização, o desafio tecnológico é imenso. Como explica Bill Gates no livro “Como evitar um desastre climático”, o mundo hoje funciona por meio de maravilhas tecnológicas dificilmente substituíveis. Depois de séculos de tentativa, erros e acertos, a humanidade criou produtos e processos baratíssimos e super-eficientes, mas só depois descobriu que eles tinham um lado bastante negativo: emitir um bocado de carbono na atmosfera. É o caso da gasolina, cujo litro é tão barato quanto um refrigerante, mas com um potencial energético incrível. E também do cimento, que possibilitou moradias seguras e baratas para bilhões de pessoas, e do aço e do concreto, que permitiram a construção de represas de hidrelétricas, viadutos e pontes imensas. Substitutos verdes para essas maravilhas tecnológicas até existem, mas ainda não são baratos o suficiente para serem adotados pela maioria da população.

Quase todas as atividades humanas causam a liberação de gases de efeito estufa. Se locomover, cozinhar, tomar um banho quente... Abrir mão de facilidades como andar de avião, como alguns ativistas climáticos sugerem, resulta hoje em custos que muitas pessoas não estão dispostas a pagar. Ao mesmo tempo, pode soar egoísta falar em reduzir o consumo para baixar emissões se há pessoas muito pobres que sequer têm acesso à energia elétrica. Um relatório do Banco Mundial e da ONU apontou que cerca de 670 milhões de pessoas (ou 8% da população mundial) ainda estarão sem acesso à eletricidade em 2030.

“O mundo precisa gerar mais energia para que os pobres possam prosperar, mas sem liberar mais nenhum gás de efeito estufa”, diz Gates. Como não podemos parar de trabalhar ou nos locomover, a solução é descarbonizar. Eletrificar todos os processos possíveis; obter eletricidade de redes elétricas livres de carbono; capturar para absorver as emissões remanescentes, criar materiais eficientes que não mexem com o clima. Um desafio imenso como esse só será alcançado se pesquisadores e empresas puderem trabalhar juntos, em ecossistemas que facilitam e promovem a inovação.

MIT CONCRETE SUSTAINABILITY HUB (CSHUB)

O hub do Massachusetts Institute of Technology busca o concreto neutro em carbono. “A rede de pavimentação dos EUA pode absorver 5,8 milhões de toneladas de CO₂ (cerca de 5,5% do CO₂ emitido pelo cimento utilizado nos pavimentos) nos próximos 30 anos”, diz a organização. “A proporção de absorção de carbono da fase de utilização e de fim de vida está na mesma ordem. A redução do fim de vida útil poderia ser mais rentável do que a captura, utilização e sequestro de carbono, com custos médios que variam entre 25 e 100 dólares por tonelada de CO₂ nos Estados Unidos.”

"O DIFERENCIAL SÃO AS PESSOAS"

Daniely Gomiero, diretora de Desenvolvimento Humano Organizacional, Cultura e Sustentabilidade da Claro e vice-presidente de Projetos do Instituto Claro. Em entrevista, ela fala sobre a como a sustentabilidade se tornou o "Sol" que guia as ações da companhia, um objetivo que está sempre no horizonte, mas nunca se põe.

Como surgiu o Instituto Claro? E como foi sua trajetória até assumir essa posição no Instituto?

Surgiu em 2017 da união entre Net, Claro e Embratel, essa "confusão" toda que vocês acompanharam pelo mercado. Foi aí que nos tornamos o Instituto Claro. A gente se reposicionou, estudando as melhores práticas das 3 empresas, e entendeu que era o momento de se consolidar como instituto. Pessoalmente, minha trajetória na Claro iniciou no setor de Recursos Humanos, há 22 anos. Em 2008, assumi a área de Comunicação e Responsabilidade Social da empresa, e trabalho com o Instituto desde essa consolidação. Com isso, tenho a possibilidade de fazer a coisa que eu mais gosto, que é, de alguma forma, estar trabalhando com pessoas.

A Claro tem definido a sustentabilidade como o "Sol", que guia a missão social da empresa. Como essa abordagem é incorporada no dia a dia das operações da empresa?

Em 2017, quando fizemos esse trabalho de reorganização da companhia, a sustentabilidade se tornou um valor para a Claro. A pandemia veio e colocou uma lupa nessa história de ESG, mas aqui dentro a gente já está falando disso há um tempo. A Claro tem uma característica de pioneirismo e de consistência. Mas, para além disso, acho que o maior dife-

rencial são as próprias pessoas. As pessoas aqui dentro acreditam, levam a sério essas causas e propósitos, com um pragmatismo muito forte, de fazer acontecer, mesmo.

A iniciativa de sustentabilidade da Claro possui um número muito expressivo para apresentar: 60% da



energia consumida pelas operações é gerada em usinas de energia limpa. Quais foram os principais obstáculos (financeiros, regulatórios, etc.) para atingir essa marca?

Este projeto é uma iniciativa pioneira no Brasil no âmbito das telecomunicações. A gente viu uma oportunidade, não só de ter um retorno para a empresa, mas também de gerar um impacto ambiental positivo. O setor de telecomunicações não é tradicionalmente cobrado quanto a questões ambientais, então a gente começou a provocar isso independentemente de leis ou exigências regulatórias.

Na questão da geração distribuída de energia, uma das principais dificuldades está na restrição geográfica para a utilização dos créditos de energia gerados. O crédito só pode ser utilizado no mesmo estado em que foi gerado. Numa cidade como São Paulo, por exemplo, um desafio é o próprio espaço para fazer a geração de energia limpa. A nossa meta é atingir 80% de energia limpa nas operações da empresa até o final do ano do ano que vem. A gente quer chegar em 100%, mas pelos estudos que temos feito, vamos esbarrar em problemas de infraestrutura do país

Estamos comprometidos com práticas sustentáveis, sendo signatários do Pacto Global da ONU. Além disso, pelo segundo ano consecutivo, fomos convidados para apresentar nosso caso em conferências internacionais sobre mudanças climáticas. É uma honra e uma responsabilidade que levamos muito a sério.

tem braço para chegar mais longe. Temos um projeto com a UNICEF há mais de quatro anos chamado Trajetórias de Sucesso Escolar, em que a gente identifica crianças em situação de vulnerabilidade e trabalha com políticas educacionais junto aos municípios para trazer essas crianças de volta para a escola. Também temos uma parceria com a USP, em que a gente lança editais todo ano para fomentar o empreendedorismo jovem, com tutorias e programas de aceleração de projetos inovadores. Então a gente precisa se cercar de parceiros sérios, que tenham credibilidade e consigam chegar na ponta de verdade.

As iniciativas sociais do Instituto Claro se dividem em dois pilares: educação e cidadania. O que motivou a escolha desses temas?

Uma missão do Instituto que está conectada com a missão da Claro é conectar pessoas para uma vida mais divertida e produtiva, para um futuro melhor. E a gente faz isso por meio da educação e por meio da cidadania. A gente tem, por exemplo, um projeto de cidadania chamado Ação Social Pela Música. É um projeto de música clássica para crianças e jovens de favelas do Rio de Janeiro. Hoje, tem jovens que saíram do projeto e estão em orquestras. Assim a gente consegue impactar e transformar a vida dessas crianças.

Também temos um outro projeto, junto à UNICEF, chamado Um Milhão de Oportunidades, focado na empregabilidade dos jovens. A Claro já contratou mais de 5 mil jovens por meio desse programa em todo o Brasil. E não são apenas cargos de entrada, mas damos a possibilidade de construir uma carreira.

Na mesma linha, temos o projeto Dupla Escola, com a Secretaria de Educação do Rio de Janeiro, em que formamos de 100 a 140 jovens, todo ano, no Ensino Médio com formação técnica e profissionalizante. Inclusive, um dos jovens do Escola Dupla foi escolhido para representar o Instituto Claro na Assembleia Geral da ONU este ano, em Nova Iorque. E como nada é por acaso, ele se chama Winner Happy. Para toda essa turma, essa viagem do Winner significa representatividade, significa "Eu posso chegar lá".

Quais são os benefícios que a Claro enxerga em suas iniciativas de sustentabilidade em termos de

reputação e valor da marca? Para além do compromisso ético com a responsabilidade social e ambiental, você acredita que os clientes estão observando - e valorizando - estas iniciativas?

Acho que estamos no caminho. O Instituto fala muito para dentro, mas ainda não tivemos nenhuma campanha massiva, falando para mais pessoas sobre o que fazemos. Porque sim, nós temos coisas boas para contar e resultados para mostrar.

Um levantamento realizado pelo CETIC (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação) em 2022 estima que 36 milhões de brasileiros não possuem acesso à internet, sendo que 50% têm 60 anos ou mais. Quais são as iniciativas da Claro para ampliar a inclusão digital?

Esse é um assunto super legal, e que está dentro da nossa estratégia de diversidade. Olhando para dentro, a gente já tem isso. Na minha equipe, por exemplo, temos uma pessoa que tem 76 anos e um jovem aprendiz de 17. Dando um spoiler aqui, nós temos iniciativas de letramento digital para os '50 ou mais' que estão a caminho.

Quais são os planos da Claro para a sustentabilidade no longo prazo?

Temos evoluído muito nos temas dos direitos humanos, de diversidade, equidade e inclusão. Mas ainda temos um longo caminho a percorrer. A empresa tem um papel social muito importante, e as pessoas confiam que o setor privado pode fazer uma diferença positiva no mundo. Acredito que nunca chegaremos a um "destino final" nessa jornada. Sempre haverá desafios a superar, mas estou convencida de que estamos no caminho certo. E é fundamental fazer isso com ética e responsabilidade, pois nosso objetivo é não apenas deixar um legado, mas fazê-lo de uma maneira que nos encha de orgulho.■

Como o Instituto lida com as diferentes realidades regionais de um país continental e diverso como o Brasil? Como a Claro se envolve com a comunidade local onde opera?

Uma forma é apoiar parceiros estratégicos e que



AMCHAM PRÊMIO ECO

Quatro décadas de respeito e inovação em ESG,
(ainda que esse termo ainda nem existisse)



O MUNDO NÃO é o mesmo desde 1982. Essa frase pode parecer óbvia, um lugar-comum requeentado por filósofos e pensadores desde que Heráclito disse "Nada é permanente, exceto a mudança", há mais de 2500 anos. Mas há um significado profundo quando paramos para pensar em como o mundo de quatro décadas atrás era diferente.

Em 1982, éramos cerca de 4,6 bilhões de pessoas dividindo o planeta e seus recursos. Hoje, estamos nos aproximando da marca de 8 bilhões, e a preocupação com a Terra e seus recursos é cada vez maior. Por outro lado, a taxa de crescimento populacional vem decaindo, junto com a queda da taxa de natalidade e o aumento da expectativa de vida. Muitos países agora se preocupam com o envelhecimento da sua população.

O planeta era menos habitado e mais pobre no início da década de 80. O Banco Mundial estima que 40% da população vivia abaixo da linha da pobreza, com menos de US\$ 1,90 por dia. Hoje, a des-

peito do aumento populacional, reduzimos essa proporção para menos de 10% da população. Por outro lado, a desigualdade e seus efeitos se multiplicam.

As transformações tecnológicas talvez sejam as mais significativas. Em 1982 nem o telefone de disco era popular nas casas brasileiras. Ligar pelo telefone a outro país era caríssimo, e o mundo era offline, feito de arquivos de papel e fotografias impressas. Hoje, a maioria dos brasileiros já consegue se conectar à internet usando um smartphone, onde pode consumir e produzir conteúdo em redes sociais que alcançam os quatro cantos do planeta. Se a inclusão digital é, cada vez mais, uma realidade, a inclusão social permanece uma questão em aberto.

O mundo mudou desde 1982, e o Prêmio Eco acompanhou e participou dessas mudanças. Criado pela Amcham, o prêmio nasceu com o objetivo de dar reconhecimento às ideias, ações e esforços das melhores práticas empresariais

voltadas à sustentabilidade dos negócios, da sociedade e do meio ambiente. O nome não poderia ser mais adequado: ECO vem da fusão das palavras "empresa" e "comunidade", coisas que jamais devem ser pensadas de forma isolada. Ao longo dos anos, o prêmio foi crescendo em paralelo às demandas da sociedade pelas próprias iniciativas que ele valorizava. As preocupações com a sustentabilidade foram ganhando peso e forma com o ESG, e as tendências que o Prêmio ECO influenciou foram se multiplicando e se tornando parte da cultura empresarial do nosso país.

As milhares de empresas e iniciativas prestigiadas pelo Prêmio ECO ajudaram a deixar uma marca positiva no mundo que temos hoje. As próximas quatro décadas vão trazer desafios e oportunidades que sequer conseguimos imaginar hoje. Mas uma coisa é certa: o ECO vai continuar servindo de guia, um farol para mostrar o caminho e jogar luz no que de melhor nossas empresas e pessoas podem fazer.

1982



O nascimento do Prêmio ECO

PRIMEIRA EDIÇÃO DO PRÊMIO ECO, concebido inicialmente com o nome "*Prize for Corporate Contribution to the Community*". A premiação foi pioneira no reconhecimento de empresas que adotam práticas socialmente responsáveis. Seus objetivos incluem estimular as corporações a promoverem ações de cidadania empresarial nas áreas de saúde, educação, meio ambiente e cultura, além de incentivar a participação comunitária. O nome "Eco" deriva da fusão das palavras "Empresa" e "Comunidade", e reflete o interesse da Câmara em fazer do prêmio um instrumento de compromisso corporativo com o desenvolvimento social.

1986

Explosão de um reator nuclear na usina de Chernobyl, na Ucrânia, espalha nuvem radioativa pela Europa. O maior acidente nuclear de todos os tempos obriga a evacuação de 350 mil pessoas das áreas contaminadas e acende as discussões sobre os perigos da energia nuclear.

O presidente José Sarney lança os Planos Cruzados 1 e 2, na tentativa de controlar a inflação no Brasil. Não daria certo: entre 1986 e 1989, a inflação brasileira chegaria a 107.492%

1988

Resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente - Conama sobre impactos ambientais e licenciamento.

1983

A Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (também conhecida como Comissão Brundtland) é estabelecida pelas Nações Unidas para promover o desenvolvimento sustentável

1984

Vazamento de gás da fábrica de agrotóxicos da Union Carbide em Bhopal, na Índia, mata cerca de 22 mil pessoas. Foi o maior acidente químico já registrado.

O primeiro balanço social é publicado no Brasil por uma empresa de fertilizantes.

1985

Fim da ditadura militar no Brasil, com a eleição indireta de Tancredo Neves como presidente, que, contudo, faleceu antes de tomar posse, sendo substituído pelo vice-presidente, José Sarney.

Ocorre a Conferência de Viena para a Proteção da Camada de Ozônio, um importante passo internacional para abordar a depleção do ozônio.

1987

O documento "Nosso Futuro Comum" (ou Relatório Brundtland) populariza a expressão "desenvolvimento sustentável" e lança as bases para a Rio-92.

Adoção do Protocolo de Montreal, que inicia o controle de CFCs e outras substâncias químicas que danificam a camada de ozônio.

Surge, no Brasil, o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec).

 O navio-tanque Exxon Valdez colide com um recife e derrama em torno de 355 mil barris de petróleo na costa do Alasca.

 Nasce o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama).

 O Prêmio ECO se estrutura em 5 categorias: **Cultura, Educação, Participação Comunitária, Preservação/Educação Ambiental e Saúde.**

1989

 A União Soviética foi oficialmente dissolvida, marcando o fim da Guerra Fria.

1991

 Realizado o plebiscito sobre a Forma de Governo no Brasil para que a população escolhesse entre monarquia parlamentarista, república parlamentarista e república presidencialista. A maioria opta pela manutenção do sistema presidencialista.

 Nelson Mandela e o presidente sul-africano F.W. de Klerk recebem o Prêmio Nobel da Paz por seus esforços para desmantelar o regime de segregação racial.

1993

1990

 Criação do IDH – Índice de Desenvolvimento Humano da ONU.

 Promulgado no Brasil o Código de Defesa do Consumidor.

 São instituídas as seis primeiras unidades de conservação estaduais no Amazonas.

 Criação da Fundação Abrinq pelos Direitos das Crianças.

 Fundação do World Business Council of Sustainable Development pelo industrial suíço Stephan Schmidheiny.

1992

 A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92) acontece na cidade do Rio de Janeiro.



Cerimônia de entrega do Prêmio ECO 1995, com presença da antropóloga e então primeira-dama Ruth Cardoso

- ☉ O presidente FHC cria o Ministério do Meio Ambiente (MMA) do Brasil, com a denominação de Ministério do Desenvolvimento Urbano e do Meio Ambiente.
- ☉ Criação do IBGC – Instituto Brasileiro de Governança Corporativa.

1995

1994

- ☉ Realizada a primeira Conferência das Partes da Convenção sobre Diversidade Biológica (COP), nas Bahamas.



O Sociólogo e ativista dos direitos humanos Herbert José de Sousa, o Betinho, no Prêmio Eco 1994

A ISO 14001 é formalmente adotada como padrão voluntário internacional

A **ISO 14001** emergiu como uma resposta direta à Crescente conscientização global sobre questões ambientais e à necessidade de as organizações adotarem práticas mais sustentáveis. Desde a sua introdução, em 1996, esta norma tem desempenhado um papel significativo na transformação das práticas de gestão ambiental em empresas ao redor do mundo, estabelecendo um padrão reconhecido internacionalmente para sistemas de gestão ambiental (SGA). A adoção da ISO 14001 impulsionou muitas organizações a repensarem suas operações, levando a uma redução substancial nos impactos ambientais e incentivando uma cultura de responsabilidade e melhoria contínua.

A norma promove uma abordagem sistemática e processual para a gestão ambiental, exigindo das organizações a identificação, monitoramento e controle de seus aspectos e impactos ambientais. Isso inclui a necessidade de avaliar e gerenciar as emissões atmosféricas, efluentes líquidos, gestão de resíduos, uso de recursos naturais, e outros elementos ambientais relevantes. A norma também exige a implementação de procedimentos para preparação e resposta a situações de emergência ambiental.

🌐 Criação do Instituto Ethos, uma associação civil sem fins lucrativos dedicada à promoção da Responsabilidade Social Corporativa no Brasil.

🌐 É publicada no Brasil a Lei Federal nº 9.605, que dispõe sobre crimes ambientais.

🌐 A Eslováquia abriga a COP4 sobre biodiversidade. O encontro estabelece os próximos passos em relação à biossegurança e trata de questões da diversidade no ambiente aquático.

🌐 A ISO 14001 é formalmente adotada como padrão voluntário internacional.

1996

1998

1997

🌐 Líderes mundiais assinam o protocolo de Quioto, um dos primeiros e mais importantes tratados internacionais com compromissos para a redução de emissão de gases do efeito estufa. O acordo prevê um calendário segundo o qual os países desenvolvidos se comprometem a reduzir as emissões.

Protocolo de Quioto

O **PROTOCOLO DE QUIOTO** é um acordo internacional vinculado à Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima (UNFCCC), que compromete seus participantes a reduzir as emissões de gases de efeito estufa, baseando-se no consenso científico de que o aquecimento global é causado pelas atividades humanas. Adotado em 11 de dezembro de 1997 na cidade de Quioto, Japão, o protocolo foi um marco histórico nas tentativas globais de combater as mudanças climáticas. Os países que ratificaram o protocolo se comprometeram a reduzir suas emissões coletivas de seis gases de efeito estufa em 5,2% em relação aos níveis de 1990, durante o primeiro período de compromisso, que foi de 2008 a 2012.

O impacto do Protocolo de Quioto na sociedade e no meio ambiente foi significativo, estabelecendo pela primeira vez metas vinculativas de redução de emissões para os países desenvolvidos. Isso incentivou a adoção de tecnologias mais limpas e eficientes, fomentando a transição para fontes de energia renovável e promovendo a conscientização global sobre a importância de abordar as mudanças climáticas. Embora alguns críticos argumentem que as metas estabelecidas pelo protocolo não foram suficientemente ambiciosas e que a sua implementação foi desigual entre os países, não se pode negar que ele representou um passo crucial na luta global contra o aquecimento global, estabelecendo um precedente para futuros acordos climáticos, como o Acordo de Paris.

🌐 Lançamento do Pacto Global da ONU, iniciativa que reúne empresas comprometidas a alinhar operações e estratégias com dez princípios nas áreas de direitos humanos, condições de trabalho, meio ambiente e combate à corrupção.

🌐 A Cúpula do Milênio, promovida pela ONU em Nova York, estabelece oito objetivos de desenvolvimento a serem alcançados até 2015.

🌐 Criação dos Indicadores Ethos de Responsabilidade Social Empresarial, que são adotados por milhares de empresas no Brasil e no mundo.

🌐 Entra em vigor no Brasil a Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, que prevê mecanismos para a defesa dos ecossistemas e de preservação dos recursos naturais.

2000

🌐 A Global Report Initiative (GRI) inicia suas atividades, focadas em desenvolver padrões de relato de políticas e ações corporativas de sustentabilidade.

🌐 As Nações Unidas aprovam a Carta da Terra, que pretende ter a abrangência da Declaração dos Direitos Humanos.

🌐 A Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+10, aprova em Joanesburgo, na África do Sul, plano para implementar os compromissos da Rio-92.

🌐 A COP6, na Holanda, estabelece metas de preservação da biodiversidade para 2010.

🌐 O governo federal cria o programa Áreas Protegidas da Amazônia (Arpa) para proteger 50 milhões de hectares na região e conservar a biodiversidade.

2002

1999

🌐 Em Nova York, a Dow Jones lança seus índices de sustentabilidade, para medir o desempenho nas bolsas de valores de empresas com políticas de responsabilidade socioambiental. Aprovados os Princípios de Governança Corporativa da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE)

2001

🌐 Movimentos sociais promovem em Porto Alegre (RS) o primeiro Fórum Social Mundial.

🌐 Fundado o Instituto Akatu pelo Consumo Consciente.

2003

🌐 Lançamento pelos bancos dos Princípios do Equador em Washington, capital dos Estados Unidos, com diretrizes para gerenciar riscos socioambientais do crédito para grandes projetos industriais e de infraestrutura.

🌐 Entra em vigor o Protocolo de Cartagena sobre Biossegurança, com o objetivo de garantir a segurança de manuseio, transporte e uso de organismos vivos modificados



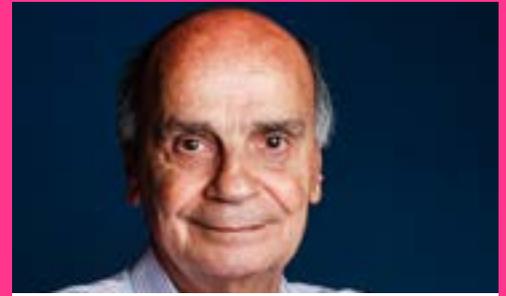


O legado de Hazel Henderson

HAZEL HENDERSON, economista e escritora britânica, foi uma defensora incansável da economia verde e do desenvolvimento sustentável ao longo de sua vida. Sua abordagem inovadora

à economia desafiava as convenções tradicionais, ressaltando a importância de integrar valores éticos e ambientais nas decisões econômicas.

Henderson fundou e participou ativamente de várias organizações e iniciativas dedicadas a fomentar práticas econômicas mais justas e sustentáveis. Ela teve um papel crucial na criação do Country Futures Indicators (CFI) e na Ethical Markets Media, ambas visando desenvolver e promover indicadores que refletissem de maneira mais precisa a saúde das sociedades e do planeta. Com seus escritos, palestras e ativismo, Henderson deixou um legado duradouro, contribuindo significativamente para o movimento global em direção a uma economia mais ética, verde e sustentável.



Dr. Drauzio

DRAUZIO VARELLA, médico oncologista e escritor brasileiro, tem uma trajetória marcada não só por sua atuação na medicina, mas também por seu engajamento em questões sociais e ambientais. Com uma comunicação clara e empática, ele tem utilizado sua visibilidade para educar o público e promover práticas mais saudáveis e sustentáveis. Ele tem sido uma voz ativa na defesa das populações indígenas e na promoção de um desenvolvimento mais sustentável e consciente. Sua paixão por natureza e biodiversidade também o levou a participar de projetos de conservação e educação ambiental.

Drauzio Varella é o presidente do júri do ECO. Hazel Henderson, uma futurista e economista evolucionária, é a convidada de honra da cerimônia.

O Google lança o Orkut, uma das primeiras redes sociais.

Pela primeira vez o Prêmio Nobel da Paz é concedido a um ambientalista, a queniana Wangari Maathai.

2004

2005

Adotado em dezembro de 1997, o Protocolo de Kyoto passa a vigorar, obrigando os países industrializados a cortar em 5% suas emissões de gases-estufa em relação aos níveis de 1990.

O furacão Katrina devasta várias cidades da costa do Golfo do México, nos Estados Unidos.

Criado no Brasil o ISE – Índice de Sustentabilidade Empresarial da BM&F Bovespa, que tem por objetivo refletir o retorno de uma carteira composta por ações de empresas com reconhecido comprometimento com a responsabilidade social e a sustentabilidade empresarial.

O prêmio ECO passa a estimular a estratégia para a sustentabilidade nos negócios, com a criação de duas modalidades: **Gestão Empresarial para a Sustentabilidade**, baseado nos conceitos da GRI; **Indicadores Ethos e IFC**; e **Práticas de Responsabilidade Social Empresarial e Meio Ambiente**, com as categorias **Comunidade, Clientes e Consumidores, Fornecedores e Público Interno**. Gro Harlem Brundtland, a criadora do conceito de desenvolvimento sustentável e três vezes primeira-ministra da Noruega, foi convidada de honra da cerimônia de premiação.





- Um ano para ficar na memória: o Prêmio ECO recebe o ex-vice-presidente dos EUA, Al Gore, no auditório do Ibirapuera.
- O Relatório Stern sobre a economia das mudanças climáticas é publicado em Londres por encomenda do governo britânico.
- Curitiba sedia a COP 8 da Biodiversidade.

2006

Brundtland: "Nosso Futuro Comum"

GRO HARLEM BRUNDTLAND, médica e política norueguesa nascida em 20 de abril de 1939, é amplamente reconhecida por sua liderança visionária e seu compromisso inabalável com a promoção da saúde pública e do desenvolvimento sustentável. Sua jornada de impacto começou na Noruega, onde ela se tornou a primeira mulher a assumir o cargo de primeira-ministra, liderando o país em vários mandatos. Mas foi no cenário mundial que Brundtland realmente deixou sua marca indelével, particularmente através de seu trabalho pioneiro na promoção do desenvolvimento sustentável.

Na década de 1980, Brundtland foi nomeada pela ONU para liderar a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, um papel que a levou a autoria do histórico relatório "Nosso Futuro Comum". Este documento introduziu o conceito de desenvolvimento sustentável, destacando a necessidade crítica de equilibrar as necessidades econômicas, sociais e ambientais para as gerações presentes e futuras. Brundtland continuou a ser uma defensora fervorosa da saúde global, dos direitos das mulheres e da sustentabilidade, usando sua voz e experiência para inspirar mudanças e promover um mundo mais justo e verde.

Al Gore no Prêmio ECO

AL GORE, nascido em 31 de março de 1948, é uma figura central no ativismo ambiental mundial, tendo servido como 45º vice-presidente dos Estados Unidos de 1993 a 2001. Com uma trajetória política marcante, incluindo uma corrida presidencial extremamente disputada em 2000, Gore encontrou sua verdadeira paixão e propósito no ativismo ambiental, onde se tornou uma voz influente e um defensor incansável da luta contra as mudanças climáticas.

Sua dedicação à causa ambiental ganhou destaque mundial com o lançamento do documentário "Uma Verdade Inconveniente" em 2006, que desempenhou um papel crucial em elevar a conscientização sobre os perigos do aquecimento global. Reconhecido por seu comprometimento e contribuições significativas para a causa ambiental, Gore foi co-laureado com o Prêmio Nobel da Paz de 2007, juntamente com o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC). Ele continua a usar sua influência e experiência para advogar por um futuro mais sustentável, promovendo práticas e políticas ambientais responsáveis.

AMCHAIA
Bras
Por um

2007



A Apple lança o primeiro iPhone, dando força aos smartphones que reuniram aplicativos equivalentes a todo um escritório: calendários, agendas, blocos de notas, correspondência, arquivos, calculadora e, claro, telefone.



O IPCC lança a primeira parte do 4º Relatório de Avaliação, que afirma ser muito provável que a maior parte do aumento na temperatura global se deve ao aumento nas concentrações atmosféricas de gases-estufa emitidos por atividades humanas. O trabalho rende o Prêmio Nobel da Paz daquele ano à organização.



2008

 Ano da crise financeira global e recessão econômica. Incentivos às tecnologias verdes são incluídos nos pacotes de estímulo econômico anticrise. Acontecimento inédito na história da humanidade, a população urbana ultrapassa a das zonas rurais.

 A 15ª Conferência das Partes da Convenção sobre Mudanças Climáticas (COP-15), realizada em Copenhague, consolida o tema climático nas agendas pública, corporativa e da sociedade civil, mas decepciona pelo insucesso em fechar um acordo para diminuir as emissões após 2012.

 **A Amcham define o seu conceito de sustentabilidade alinhado aos negócios. O Prêmio ECO passa a ser uma realização conjunta da Amcham e do jornal Valor Econômico, que uniram forças a fim de multiplicar o conceito da gestão empresarial para a sustentabilidade. A premiação foi estendida a todas as classes de empresas atuantes no País, inclusive as públicas, segmentadas por porte, o que incentivou a participação de pequenas e médias, e todas as inscrições e o envio dos dados relativos aos projetos e o processo de julgamento passaram a ser feitos obrigatoriamente online.**

2009

 O governo do Estado de São Paulo aprova a Política Estadual de Mudanças Climáticas e o governo federal aprova o Plano Nacional de Mudanças Climáticas.

 A cientista social Elinor Ostrom se torna a primeira mulher a ganhar o Prêmio Nobel de Economia, por suas contribuições ao estudo da ação coletiva e da economia ambiental.

- Publicação da síntese do estudo A Economia dos Ecossistemas e da Biodiversidade (TEEB).
- A aprovação do Protocolo de Nagoya sobre acesso aos recursos genéticos e repartição de benefícios é o destaque da 10ª Conferência das Partes da Convenção sobre Diversidade Biológica (COP-10), no Japão.
- Lançamento da ISO 26000 - diretrizes sobre responsabilidade social, depois de quase uma década do início de seu desenvolvimento, com recorde histórico de participação na construção de uma norma ISO.
- O Brasil sanciona a Política Nacional de Resíduos Sólidos.
- Marina Silva (senadora pelo estado do Acre durante 16 anos e ministra do Meio Ambiente no governo Lula 2003 – 2008) é candidata à Presidência da República e obtém 19,5 milhões de votos (19,4% dos votos válidos). Eleições vencidas por Dilma Rousseff, a primeira mulher eleita presidente no país.
- O Prêmio ECO recebe a ex-ministra do Meio Ambiente Marina Silva e o palestrante internacional Jeremy Rifkin, autor de 17 bestsellers.**



2010

2011

- A população mundial chega a 7 bilhões.
- O escopo do Prêmio ECO é ampliado ainda mais, com a inclusão do tema da economia verde e alinhamento também com a ISO 26000. O tema central "Estratégia, Liderança e Inovação para a Sustentabilidade", teve o objetivo de identificar cases empresariais produzidos por novas formas de fazer negócios. Também em 2011 o Prêmio ECO cria um banco de práticas, que permite ao público conhecer em detalhe os trabalhos inscritos na premiação desde 2008.**

2012

- O Rio de Janeiro sedia a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20.
- O Prêmio ECO completa 30 anos e mantém as duas modalidades e categorias criadas em 2011: Modalidade ELIS (Estratégia Liderança e Inovação para Sustentabilidade e Modalidade Práticas), categorias Sustentabilidade em Produtos ou Serviços e Sustentabilidade em Processos.**
- Após anos de debate, o Brasil aprova uma nova versão do Código Florestal, que determina como as terras podem ser usadas, incluindo regras para a preservação de áreas de preservação permanente e reservas legais.
- A área coberta por gelo no Ártico chega ao menor valor já registrado.



Rifkin e a Terceira Revolução Industrial

O AMERICANO JEREMY RIFKIN, nascido em 26 de janeiro de 1945, é um pensador e escritor inovador cujas ideias têm desafiado e inspirado líderes e comunidades ao redor do mundo. Sua visão abrangente sobre economia, tecnologia e meio ambiente o tornou uma voz influente em discussões sobre o futuro da sociedade. Rifkin é conhecido por sua habilidade em conectar pontos aparentemente díspares, propondo soluções integradas para os complexos desafios globais.

Seu trabalho frequentemente explora o impacto das inovações tecnológicas na economia e no meio ambiente, defendendo uma transição para formas de energia renovável e modelos de negócios mais colaborativos e sustentáveis. Rifkin é autor de vários livros que articulam sua visão de uma "Terceira Revolução Industrial", uma era emergente de inovação e mudança que, segundo ele, tem o potencial de transformar radicalmente a sociedade para melhor. Sua paixão e comprometimento com a criação de um futuro mais sustentável e justo são evidentes em suas palestras, escritos e consultoria, fazendo dele uma figura central no diálogo global sobre o caminho a seguir para a humanidade.

2013

 O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) lança seu Quinto Relatório de Avaliação, reafirmando que as mudanças climáticas são uma realidade e são influenciadas pela atividade humana.

 O bitcoin, criptomoeda criada em 2008 pelo misterioso Satoshi Nakamoto, chega a 1000 dólares.

2014

 O Facebook chega a 1 bilhão de usuários.

 Os EUA e a China, os dois maiores emissores de gases de efeito estufa do mundo, anunciam conjuntamente metas para reduzir suas emissões até 2030.

2015

196 países assinam o Acordo de Paris, com o objetivo de limitar o aumento da temperatura global a bem abaixo de 2°C acima dos níveis pré-industriais e se esforçar para limitar o aumento a 1,5°C. Além disso, a ONU adota os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) como parte da Agenda 2030 para Desenvolvimento Sustentável.

O Brasil se compromete a reduzir suas emissões de gases de efeito estufa em 37% abaixo dos níveis de 2005 até 2025, com uma contribuição indicativa subsequente de reduzir as emissões em 43% abaixo dos níveis de 2005 até 2030. Dos anos 2000 a 2015, a parcela da população vivendo em extrema pobreza cai mais que a metade, atingindo um dos objetivos do milênio.

O Acordo de Paris entra em vigor depois de ser ratificado por mais de 55 países que representam mais de 55% das emissões globais de gases de efeito estufa.

2016

O então presidente dos EUA, Donald Trump, anuncia que o país saíria do Acordo de Paris, uma decisão que foi oficializada em 2020

2017

O IPCC lança seu Relatório Especial sobre Aquecimento Global, destacando a necessidade urgente de ações para evitar um aquecimento global de mais de 1,5°C.

O Acordo de Paris

O ACORDO DE PARIS é um pacto global firmado em 2015 sob os auspícios da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima (UNFCCC), visando combater as mudanças climáticas e acelerar e intensificar as ações e investimentos necessários para um futuro sustentável e de baixo carbono. Este acordo histórico foi adotado por 196 partes na COP 21 em Paris, França, marcando um compromisso sem precedentes de quase todos os países do mundo para enfrentar as mudanças climáticas. Diferentemente do Protocolo de Quioto, o Acordo de Paris é aplicável a todos os países, independentemente do seu estágio de desenvolvimento econômico, e estabelece o objetivo de manter o aumento da temperatura média global bem abaixo de 2 graus Celsius acima dos níveis pré-industriais, buscando esforços para limitar o aumento da temperatura a 1,5 graus Celsius.

O impacto do Acordo de Paris na sociedade e no meio ambiente tem sido profundo, estimulando ações em todos os níveis da sociedade para reduzir as emissões de gases de efeito estufa e adaptar-se aos impactos das mudanças climáticas. Governos, empresas e sociedade civil têm trabalhado juntos para transformar as promessas do acordo em ações concretas, resultando em um aumento significativo no investimento em energias renováveis, melhorias na eficiência energética e na adoção de práticas agrícolas e florestais sustentáveis. Além disso, o acordo fortaleceu a resiliência das comunidades vulneráveis e fomentou a inovação e a criação de empregos em setores sustentáveis. Embora ainda haja um longo caminho a percorrer para atingir as metas estabelecidas no acordo e garantir um futuro sustentável, o Acordo de Paris representa um compromisso global sem precedentes para proteger o nosso planeta para as gerações futuras.

 Inspirado pela ativista Greta Thunberg, o movimento Fridays for Future mobiliza milhões de jovens em todo o mundo em protestos exigindo ações concretas contra as mudanças climáticas.

 Tensões entre o Brasil e os principais doadores do Fundo Amazônia, Noruega e Alemanha, devido a preocupações com as políticas ambientais do governo, resultam na suspensão de doações ao fundo.

2018

 A pandemia de COVID-19 trouxe uma série de desafios e oportunidades para a sustentabilidade e o desenvolvimento social. Apesar de as emissões de CO2 terem diminuído temporariamente devido às paralisações, a pandemia também acentuou as desigualdades socioeconômicas em muitos países.

2022

 O Mato Grosso supera a Argentina na produção de soja. Se fosse um país, seria o terceiro maior produtor de soja no mundo.

2022

2019

 196 países assinam o Acordo de Paris, com o objetivo de limitar o aumento da temperatura global a bem abaixo de 2°C acima dos níveis pré-industriais e se esforçar para limitar o aumento a 1,5°C. Além disso, a ONU adota os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) como parte da Agenda 2030 para Desenvolvimento Sustentável.

 O Brasil se compromete a reduzir suas emissões de gases de efeito estufa em 37% abaixo dos níveis de 2005 até 2025, com uma contribuição indicativa subsequente de reduzir as emissões em 43% abaixo dos níveis de 2005 até 2030. Dos anos 2000 a 2015, a parcela da população vivendo em extrema pobreza cai mais que a metade, atingindo um dos objetivos do milênio.

2021

 Bill Gates publica o livro "Como evitar um desastre climático". O presidente dos EUA, Joe Biden, realiza a Cúpula dos Líderes sobre o Clima, uma reunião virtual com 40 líderes mundiais para discutir maneiras de abordar a crise climática. No mesmo ano, Biden assina um decreto reintegrando os EUA ao Acordo de Paris no primeiro dia de seu mandato.



AMCHAM
PRÊMIO ECO

"QUE VENHAM OS PRÓXIMOS 40 ANOS"

Há 23 anos liderando o Prêmio ECO, da Amcham, Daniela Aiach ressalta como reconhecer boas iniciativas de sustentabilidade contribui para que elas se multipliquem: "Temos que ter orgulho do que as empresas no Brasil tem feito no tema ESG"

Lançado em 1982, o Prêmio ECO é pioneiro: antecede a Rio 92 em uma década, e já existia muito antes da popularização de siglas como ESG. De onde veio essa visão da AMCHAM?

O Prêmio ECO é um projeto da AMCHAM, que sempre foi uma instituição pioneira. ECO é uma sigla da junção de 2 palavras: empresa e comunidade. A AMCHAM resolveu reconhecer quem fazia algo de positivo para a comunidade, o que na época, se chamava "cidadania empresarial". E começou num nível micro, com projetos como de empresas que apadrinhavam a praça da cidade, ou construíam creches para os filhos dos funcionários. E ao longo do tempo, tanto o Prêmio quanto as iniciativas das empresas foram crescendo, se diversificando, surgindo novas categorias e tendências até chegarmos no que temos hoje: uma premiação com credibilidade, que coloca luz no que existe de mais moderno e eficiente em projetos de sustentabilidade feitos pelas empresas no Brasil, nacionais ou multinacionais.

O Prêmio ECO existe para reconhecer o que as empresas estão fazendo no tema ESG. Qual é o valor desse reconhecimento? O Prêmio valoriza iniciativas que o público ou os stakeholders das empresas não estão dando a devida atenção?

Para que as empresas sejam reconhecidas por suas práticas ESG, é preciso que as pessoas conheçam essas práticas. Muito do que é feito no Brasil nesse tema é pouco conhecido para a maioria das pessoas. E divulgar essas práticas nos dias de hoje, pode ser bem desafiador para as empresas. Primeiro porque elas mesmas acabam achando que o que fazem não é inovador o suficiente. Mas também porque existe um receio, que é legítimo, de sofrerem represálias. Com

a internet, com os haters, podem surgir perguntas como: "Vocês fazem isso para o meio ambiente, bacana. E o que fazem para o social? Não estão fazendo mais do que a obrigação", e outros comentários desse tipo. Há uma cobrança muito grande da sociedade para que as empresas se posicionem nesse tema, o que é válido e necessário, mas o foco acaba ficando no que falta. E sempre faltará. Sustentabilidade não é uma meta, é uma jornada. E nesse ponto, o Prêmio é um canal seguro para que iniciativas positivas ganhem destaque, que os idealizadores tenham reconhecimento, e que assim elas possam se multiplicar.

Após quatro décadas de existência, como você avalia o impacto do Prêmio? Os bons projetos realmente se multiplicam? Há um desejo de participar e receber esse prestígio?

Às vezes, ganhar o Prêmio ECO dá uma sobriedade ao time de ESG dentro da empresa. Por muito tempo, a sustentabilidade foi encarada apenas como um custo, especialmente pelo departamento financeiro: "Lá vem o time da sustentabilidade querendo que a gente gaste mais". Mas quando entra o Prêmio ECO, com um corpo de jurados composto pelos principais especialistas no tema, com o peso e a credibilidade da AMCHAM, quando essas iniciativas são merecidamente reconhecidas e divulgadas através da capilaridade e poder de influência da entidade, as empresas ficam mais tranquilas em inscrever suas iniciativas. As empresas querem ganhar o prêmio porque sabem que o processo é confidencial e transparente e que há uma entidade centenária como a Amcham por trás. As empresas se sentem seguras porque a Amcham e o Prêmio Eco serão responsáveis pela divulgação. Quem não quer ser reconhecido como inovador num tema em alta como o ESG?

Devo confessar que a cada ano me surpreendo mais com a qualidade dos projetos, com a amplitude e a capacidade das nossas empresas de produzir o que até então seria inimaginável. Iniciativas que nascem no Brasil, idealizadas por times brasileiros, com tecnologia brasileira e que depois são "exportadas" para outros países. Então há, sim, uma multiplicação muito positiva desses projetos e um desejo crescente das empresas em levarem para casa um troféu da premiação

Como o aumento da preocupação com as mudanças climáticas impactou o Prêmio?

Desde o surgimento do Prêmio ECO a preocupação ambiental esteve presente, mas de uns anos para cá é que o negócio realmente "pegou fogo" (com o perdão do trocadilho) na questão de mudanças climáticas. Em 2006, o ex vice-presidente americano Al Gore foi convidado pela Amcham para ser o "keynote speaker" da cerimônia do Prêmio ECO. Ele tinha acabado de lançar o documentário Uma Verdade Inconveniente, e nós fizemos uma première do filme para os nossos associados. Eu lembro que, na época, eu precisava explicar para as pessoas o que era global warming (aquecimento global), porque as pessoas realmente não sabiam do que se tratava. Hoje estamos muito mais familiarizados com essa discussão, até porque estamos sentindo na pele. Eu mesma, que cresci em São Paulo, lembro que não precisávamos usar ar-condicionado na terra da garoa. Hoje, temos picos de calor extremo em pleno inverno! O que estamos vendo no Prêmio ECO, são empresas investindo pesado em inovação e tecnologia. Projetos de descarbonização, valorização e conservação da biodiversidade, transição energética, reciclagem de materiais de baixíssima reciclabilidade, biomassa sendo usada como combustível para aeronaves e outros, que nos colocam no caminho certo para evitar os cenários mais catastróficos do aquecimento global e das mudanças climáticas.

O que podemos esperar do Prêmio ECO para o futuro?

Eu sinto que vamos continuar nos surpreendendo com a imensa capacidade que a iniciativa privada tem, leia-se equipes e times, de reformular, repensar e, porque não, de construir um mundo novo, mais verde, justo e inclusivo. Tudo aquilo que nós, por alguma razão, nunca acreditamos que seria possível o ser humano realizar, do ponto de vista construtivo, veremos se tornar realidade. E o Prêmio vai continuar funcionando como a principal ferramenta na divulgação dessas práticas, que são o que há de mais inovador sendo feito pela iniciativa privada no Brasil ou talvez no mundo. De uma coisa tenho certeza, a jornada da sustentabilidade nunca chegará ao fim, sempre teremos o que fazer para garantir que as próximas gerações tenham condições de vida plena na terra. Dito isso, que venham os próximos 40 anos!

PRÊMIO ECO 40 ANOS · OS VENCEDORES

PRÁTICAS DE SUSTENTABILIDADE EM PROCESSOS EMPRESAS DE GRANDE PORTE

A.W. FABER-CASTELL

Processo de fabricação de instrumentos de escrita: mitigação dos impactos negativos e potencialização de impactos positivos ao longo de sua cadeia de valor

A Faber-Castell reformulou sua fabricação de instrumentos de escrita com ênfase na sustentabilidade. Prioriza madeira de reflorestamento, mantém parques florestais, e promove práticas como recuperação energética de subprodutos e parcerias para reciclagem pós-uso.

AÇO VERDE DO BRASIL (AVB)

Produção de Aço Verde no Brasil

A Aço Verde do Brasil S/A é a primeira siderúrgica neutra em carbono a produzir aço sem combustíveis fósseis. Usa carvão vegetal sustentável e gases de processo para evitar emissões de CO₂.

CLARO

Energia da Claro: Programa de geração distribuída de energia

A "Energia da Claro" é uma iniciativa de geração distribuída de energia. Com plantas geradoras em diversos estados, o programa utiliza fontes limpas, contribuindo para a redução de emissões de gases de efeito estufa e alinhando-se com metas globais.

ENGIE BRASIL ENERGIA

Programa Matriz Biodiversidade: A preservação ambiental como estratégia corporativa

A Engie Brasil Energia S.A. lançou o Programa Matriz Biodiversidade, mapeando áreas próximas aos seus empreendimentos para conservação da biodiversidade. O programa identifica ações prioritárias, otimizando investimentos em preservação ambiental.

FARMAX

Logística Reversa de Paletes e Papelões

A FARMAX S.A. implementou um projeto de logística reversa para paletes e papelões. Utilizando uma metodologia de melhoria contínua, a empresa estabeleceu parceria com o grupo Penha, otimizando a reutilização desses materiais.

FLEX BRASIL

Flex Brasil: Uma operação de ciclo fechado, unindo o ser humano, o meio ambiente e a tecnologia

A FLEXTRONICS apresenta seu projeto "Flex Brasil", um ecossistema de economia circular que aborda o problema do lixo eletrônico global. Utilizando tecnologias da 4ª revolução industrial, transforma resíduos eletrônicos em matéria-prima, otimizando o ciclo de produção e consumo de eletroeletrônicos.

GRUPO SABIN

Grupo Sabin: Diversidade e Inclusão na Pauta Estratégica dos Negócios

O Grupo Sabin incorpora a diversidade e inclusão em sua cultura empresarial, impulsionando a igualdade de oportunidades e a valorização de todos os colaboradores, independentemente de raça, gênero, orientação sexual, deficiência ou idade.

INGREDION

Projeto de Transição Energética para Biomassa

A Ingredion Brasil busca reduzir emissões e promover sustentabilidade ao substituir gás natural por biomassa em suas plantas. Um investimento de R\$ 400 milhões viabiliza caldeiras alimentadas com resíduos agrícolas, reduzindo em cerca de 60% as emissões de GEE.

KLABIN

Planta de Sulfato de Potássio

A Klabin inaugurou a Planta de Sulfato de Potássio, uma iniciativa inovadora que visa a autossuficiência na produção de um insumo essencial para seu negócio de papel e celulose, a partir do reaproveitamento de resíduos industriais.

MERCADO LIVRE

Conectadas: Gerando impacto por meio da inclusão de meninas na tecnologia

O Mercado Livre combate a disparidade de gênero na tecnologia com o programa Conectadas, aproximando meninas da área e formando uma rede de jovens conscientes do poder transformador da tecnologia.

Estratégia Climática do Mercado Livre: descarbonização e regeneração

O Mercado Livre está comprometido com a redução das emissões de gases de efeito estufa e a regeneração ambiental. Isso inclui a mobilidade sustentável, gestão energética, gestão de materiais e a restauração de florestas na Amazônia e Mata Atlântica.

NEOENERGIA

Programa de Mobilidade Elétrica Neoenergia

O Programa de Mobilidade Elétrica da Neoenergia visa promover a mobilidade sustentável e a descarbonização da economia, incluindo o Corredor Verde, uma eletrovia de 1.200 km e parcerias estratégicas para infraestrutura de recarga.

NESTLÉ BRASIL

Case Mulheres na Liderança

O Programa Empoderadas da Nestlé, em sua 3ª edição em 2023, acelera o desenvolvimento de líderes mulheres na Divisão Técnica, promovendo autoconhecimento, empoderamento e liderança em um programa de 9 meses.

NESTLÉ BRASIL

Nature Por Ninho

A Nestlé lançou o "Nature Por Ninho", um programa de certificação de fazendas no Brasil que promove práticas sustentáveis na produção de leite. Produtores recebem certificações bronze, prata ou ouro, incentivando a transição para sistemas mais sustentáveis.

NOVO NORDISK

Gestão de Água e Efluentes no Site MOC

A Novo Nordisk implementou gestão sustentável de água em sua fábrica de insulinas em Montes Claros, economizando 250 mil litros/dia com reuso de efluentes e 40% do consumo anual com captação de água de chuva.

PEPSICO DO BRASIL

Autonomia Hídrica em Fábrica de Itu

A PepsiCo, alinhada à sua estratégia ESG global, conquistou autonomia hídrica total em sua fábrica de Itu, SP, por meio de um sistema inovador de tratamento de efluentes, reduzindo significativamente seu consumo de água captada da natureza em 60%.

PWC BRASIL

Promoção da Inclusão e Diversidade na PwC

A PwC promove a inclusão e diversidade por meio de programas de desenvolvimento, envolvendo a liderança como mentora, integrando-a à estratégia de negócios.

SERASA EXPERIAN

Transforme-se

A Serasa Experian, líder em dados e tecnologia, investe em inclusão social e sustentabilidade. Com programas como o Transforme-se, capacita jovens para o mercado de TI, promovendo diversidade.

VIVO

Recicle com a Vivo

A Telefônica Brasil S.A. utiliza a digitalização para conectar e, com o Vivo Recicle, enfrenta o lixo eletrônico no Brasil. Com 1.800 pontos de coleta, incentiva o consumo responsável e a sustentabilidade ambiental.

PRÁTICAS DE SUSTENTABILIDADE EM PRODUTOS OU SERVIÇOS EMPRESAS DE GRANDE PORTE

AMBIPAR

Biocápsulas Sustentáveis – Resíduos Transformados em Árvores

Ambipar desenvolveu cápsulas biodegradáveis, originadas de resíduos industriais, contendo sementes nativas e EcoSolo®. Essas cápsulas auxiliam no reflorestamento de áreas degradadas. Utilizando drones, a prática simplifica a semeadura em locais remotos e promove regeneração ambiental.

BASF

Toque da terra + Embalagem de papel

A BASF, através da marca Suvinil, lançou dois produtos sustentáveis: "Toque da Terra", uma massa decorativa com pigmentação 100% mineral, e uma embalagem de papel para vernizes base água, desenvolvida com ênfase em sustentabilidade.

BD

BD Recicla

BD lançou o "BD Recicla" em 2020 para reciclar produtos vencidos. Em 2022, incluiu a logística reversa de plásticos hospitalares. Uma consultoria viabilizou a reciclagem de 2,5 mil toneladas de plásticos, que se transformaram em novos produtos.

JOHN DEERE

YieldGap – Inteligência Artificial na agricultura: combate às mudanças climáticas e insegurança alimentar

A parceria entre a John Deere e a DataFarm visa diminuir o yield gap na agricultura. Utilizando a IA, identificam perdas de produtividade e fornecem insights regenerativos, conectando produtores, consultores e concessionárias para promover eficiência e sustentabilidade no setor agrícola.

MERCADO LIVRE

Fomentando empreendimentos de triplo impacto por meio do comércio eletrônico

O Mercado Livre promove produtos de impacto positivo em seu marketplace, oferecendo uma ampla variedade de itens sustentáveis. Eles colaboram com empreendedores de impacto, apoiam iniciativas como o Sistema B e capacitam empreendimentos da sociobiodiversidade.

RD – RAIA DROGASIL

Movimento #PraQuemMenstrua

Em 2022, Raia Drogasil lançou sua linha de absorventes Needs, alinhada ao objetivo de tratar da dignidade menstrual, em parceria com o UNICEF. Parte das vendas é direcionada para a estratégia Wash do UNICEF, melhorando condições de higiene e apoiando comunidades vulneráveis no Brasil.

RODOBENS

Conectados – Tecnologia a favor do seu caminhão

A Rodobens desenvolveu "Conectados", uma ferramenta inovadora baseada nos dados do Fleetboard da Mercedes-Benz. Esta solução, atualmente adotada por 20 das 25 concessionárias Rodobens, foca em otimizar a manutenção preventiva e a gestão de frotas, melhorando o desempenho dos veículos e condutores de forma sustentável.

SCHNEIDER ELECTRIC

SM AirSet: Painéis Secundários de Média Tensão IoT

O SM AirSet da Schneider Electric é um avanço no setor elétrico, trocando o gás SF6 por ar puro, preservando funcionalidades do SM6. Ele oferece monitoramento ambiental e eficiência energética por meio da plataforma EcoStruxure™, promovendo sustentabilidade, eficiência e segurança operacional na distribuição elétrica.

SEGURADORA ZURICH

Zurich Recicla

A Zurich, líder em seguros de garantia estendida e celulares, iniciou o projeto Zurich Recicla para recolher e reciclar resíduos de seus seguros. Mais de 94 toneladas de resíduos, incluindo móveis, eletrônicos e veículos, foram tratadas de forma responsável, demonstrando seu compromisso com a sustentabilidade.

VITTIA

Soluções biológicas para a resiliência climática

A VITTIA S.A. é referência em soluções biológicas para a agricultura e adota uma abordagem sustentável para combater os impactos das mudanças climáticas. Suas soluções promovem o desenvolvimento de plantas, reduzindo a dependência de produtos químicos e fortalecendo as defesas das culturas.

VOTORANTIM CIMENTOS

Spectra – Solução de concreto sustentável

A Votorantim Cimentos, líder no setor de construção, desenvolveu o Spectra, um concreto inovador e sustentável que reduz o consumo de recursos naturais, emissões de CO2 e custos de construção. Essa solução de alto desempenho impulsiona a eficiência na construção civil.

PRÁTICAS DE SUSTENTABILIDADE EM PROCESSOS

EMPRESAS DE PEQUENO E MÉDIO PORTE

BIOSFERA SOLUÇÕES SUSTENTÁVEIS

Transformação de Resíduos da Siderurgia em Recursos para a Agricultura - do Agregado Siderúrgico ao BioSilício Plus
Biosfera converte resíduos siderúrgicos em fertilizantes sustentáveis, reduzindo custos e impactos ambientais.

UNIMAR

Água Eu Reuso

A Unimar Agenciamentos Marítimos lidera o Projeto Água Eu Reuso há 6 anos, economizando mais de 10.000 m³ de água e promovendo a conscientização sobre o uso responsável desse recurso natural.

PRÁTICAS DE SUSTENTABILIDADE EM PRODUTOS OU SERVIÇOS

EMPRESAS DE PEQUENO E MÉDIO PORTE

CONTAINER BOX

Laboratório estratégico de Diagnósticos [Instituto Butantan] CO₂ ZERO

A Container Box promove a construção sustentável, neutralizando emissões de CO₂, começando com o Laboratório do Instituto Butantan.

ECO CIRCUITO

Biodigestor ECO-PRO: aterro zero & combate ao desperdício de alimentos

A Eco Circuito inova com o Biodigestor ECO-PRO, combatendo o desperdício de alimentos e promovendo operações aterro zero em cozinhas profissionais.

SARSTEDT

Logística Reversa na Coleta de Sangue

A SARSTEDT LTDA está liderando o caminho com um projeto pioneiro de logística reversa na coleta de sangue para reduzir o impacto ambiental e apoiar ações sociais.

PRÊMIO ECO 40 ANOS · OS JURADOS

Alda Marina de Campos Melo

Sócia-fundadora da Pares, uma empresa B especializada em estratégia e desenvolvimento humano e organizacional. Mestre em Administração e professora em educação executiva na PUC-Rio e na Fundação Dom Cabral. Coautora de publicações sobre sustentabilidade, contribui para o Sistema B e League of Intrapreneurs no Brasil. Experiência executiva anterior na Coca-Cola, Prudential-Bradesco Seguros, SulAmérica e Instituto da Criança.

Alexandre Schmidt de Amorim

Empreendedor social, co-fundador da ASID Brasil e Ago Social. Reconhecido pelo Empreendedor Social da Folha de São Paulo, Jovens Inspiradores da VEJA, Forbes Under 30 e MB 100. Especializado em impacto social em Harvard, Stanford e INSEAD. Lidera a Ago Social, a maior escola de impacto socioambiental do país.

Alice Kasznar

Especialista em sustentabilidade e direitos humanos, apoia empresas em setores de alto impacto no fortalecimento da sua devida diligência de direitos humanos e desempenho ESG. Bacharel em direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mestre em Ciências da Sustentabilidade pela Universidade de Lund e especialista em direitos humanos e ODS. Experiência em organizações e projetos na América Latina, Europa e Moçambique.

Alvaro Augusto de Freitas Almeida

Diretor no Brasil e América Latina da GlobeScan, empresa de consultoria internacional com foco em construção de estratégia, reputação e engajamento de stakeholders. Sócio-fundador do Grupo Report e organizador da conferência Sustainable Brands no Brasil por sete anos.

Ana Lucia Melo

Diretora-adjunta no Instituto Ethos, liderando atividades de pesquisa, desenvolvimento de ferramentas, capacitação e consultoria nas áreas de gestão responsável para a sustentabilidade, direitos humanos e diversidade. Bacharel em Letras pela Universidade de São Paulo, especialista em Economia Brasileira e Gestão Empresarial, e mestranda em Ciências da Comunicação na USP.

André Gellers

Country Manager da SMA Brasil e especialista em energia solar fotovoltaica. Formado em Administração pela FGV e com MBA em Gestão Ambiental pela PROENCO. Experiência como executivo na PWC e Wal-Mart, no Brasil, Reino Unido e Estados Unidos. Fundador da consultoria Gellers Global, com clientes como Petrobras, Itaipu Binacional e GE.

Aron Belinky

Fundador da ABC Associados, atua como consultor especialista em sustentabilidade, responsabilidade social corporativa, consumo consciente e investimentos e negócios de impacto. Envolvido em índices de sustentabilidade como o ISE B3 e ICO2 B3. Doutor e Mestre pela EAESP/FGV, onde também é pesquisador e professor convidado.

Beat Grüninger

Parceiro da iWrc e consultor técnico em gestão de sustentabilidade. Formado em Literatura Francesa e Linguística pela Universidade de Zurique, com pós-graduação em Países em Desenvolvimento pela ETH Zurique. Experiência na UNICEF Suíça e co-fundador da BSD Consulting. Atua como professor na FIA sobre padrões de sustentabilidade.

Beatriz Pacheco Rodrigues

Especialista em Sustentabilidade, Cultura Organizacional e Liderança com mais de três décadas de experiência como executiva e consultora. Coordenadora do Programa de Lideranças Transformadoras ESG no IBGC. Formada em Psicologia pela USP, com foco em Administração de Negócios e Sustentabilidade pela University of Bath, UK.

Bruno Mahfuz

Empreendedor e inovador, eleito um dos principais inovadores abaixo dos 35 anos pela MIT Technology Review e como um dos Meaningful Business 100 Leader (MB100). Bacharel em administração com pós-graduação em gestão de marcas. Cadeirante e sócio-fundador do Guiaderodas, empresa de tecnologia e acessibilidade premiada pela ONU.

Caio Luiz Carneiro Magri

Sociólogo pela USP com experiência em políticas públicas. Atuou na Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto e na equipe da Presidência da República. Desde 2004 no Instituto Ethos, ocupou cargos como assessor de Políticas Públicas, gerente-executivo e, atualmente, é diretor-presidente.

Camila Aloí

Formada em Pedagogia pela USP, com pós-graduação em Responsabilidade Social Empresarial pela FIA/USP e mestrado em Educação e Comunicação pela UAB Espanha. Experiência em economia solidária e filantropia, trabalhando no GIFE, banco Santander e no Programa Academia do ICE. Atua como conselheira na Aspen Network Institut.

Camila Coutinho de Carvalho Miranda

Especializada em gestão e marketing, com mais de 15 anos de experiência em parcerias com o setor privado e filantropia. Atualmente, lidera o desenvolvimento de Parcerias no UNICEF Brasil.

Carla Camargo Leal

Diretora de Digital da WayCarbon, com foco em mudanças climáticas e desempenho financeiro das organizações. Mestre e doutora em Finanças, com mais de 30 anos de experiência em tecnologia e consultoria. Docente em programas de MBA em sustentabilidade e finanças. Membro do IBGC e WCD.

Carlo Linkevievius Pereira

CEO do Pacto Global da ONU no Brasil, com mais de 20 anos de experiência em sustentabilidade e relações institucionais. Membro do Conselho Regional das Redes da América Latina e conselhos de administração de empresas. Graduado em química, mestre em Ciência pela USP, com MBA e especialização em liderança internacional.

Carlos Alexandre Alves

Engajado no desenvolvimento sustentável da Amazônia e conservação da biodiversidade. Experiência em parcerias com o setor privado, ONGs e entidades governamentais. Trabalhou no desenvolvimento de plataformas de ação coletivas, como o Grupo Mais Unido e a Plataforma de Parceiros pela Amazônia.

Cassio Aouqui

Criador do coletivo Labô e sócio-fundador da ponteAponte e da startup de turismo QMTL?. Doutorando em Mudança Social e Participação Política pela EACH-USP, mestre e graduado em Administração pela FEA-USP. Ex-jornalista da Folha de S. Paulo e professor de Gestão Estratégica em ESG e Sustentabilidade na FIA.

Claudio Andrade

Bacharel em Comunicação Social, com mestrado e especialização em Comunicação Corporativa. Consultor certificado pela GRI e especialista em Relato Integrado. Professor de pós-graduação e palestrante em ESG. Membro do comitê gestor da CBARI e do GT Pacto Global do CREA/SP. Fundador e CSO da Ratio em Sustentabilidade.

Dal Marcondes

Jornalista com passagens por Agência Estado, Gazeta Mercantil, Isto É, Exame e Carta Capital. Editor do Projeto Terramérica da ONU e fundador da Agência Envolverde, dedicada à cobertura de temas ambientais e aos ODS desde 1998.

Daniela Cristiane Teston

Diretora de Relações Corporativas para o WWF-Brasil e membro do time de lideranças de Florestas do WWF-Internacional. Com 21 anos de experiência profissional, juntou-se ao WWF Brasil em 2018, com papéis críticos na área de sustentabilidade em grandes empresas e no terceiro setor.

Danilo Al Makul

Especialista em ESG, consultor para Conselhos de Administração em ESG e D&I. Idealizador da pesquisa HABCON-PCDs e criador do programa SE LIGA NA INCLUSÃO no YouTube. Responsável por implantar diversos programas de D&I, impactando milhares de famílias e promovendo inclusão no mercado de trabalho.

Dulce Helena Meldau Benke

Líder de ESG e Finanças Sustentáveis na Proactiva, com foco em gestão de riscos e indicadores ESG. Experiência de 15 anos em sustentabilidade, mudanças climáticas e agricultura. Mestre em Gestão de Meio Ambiente e Energia pela George Washington University e especialista em Gestão de Negócios pela FGV.

Eugenio Scannavino Netto

Médico e fundador do Projeto Saúde e Alegria, atuando desde 1987 com comunidades na Amazônia. Autor da Expo Amazonia Brasil, consultor em Desenvolvimento Comunitário integrado. Membro da Abrasco e Fellow da Ashoka e Fund. Schwab/Rede Folha.

Fatima Lima

Psicóloga com pós-graduação em Gestão Estratégica da Sustentabilidade pela FIA/USP. Atua na FCM Consultoria em Sustentabilidade desde 2016, com foco em gestão estratégica, práticas ESG, investimento social privado, voluntariado e inclusão. Certificada pela GRI/Bridge3 e com experiência em projetos socioambientais internacionais.

Fernanda Gabriela Borger

Pesquisadora, consultora e professora na FIPE, especializada em gestão estratégica de Responsabilidade Social, Sustentabilidade Corporativa e ESG. Doutora e coordenadora do curso de Pós-Graduação em ESG e Gestão Estratégica para a Sustentabilidade da FIA.

Francisco Deppermann Fortes

Ex-VP da Gerdau e Head em várias áreas. Membro de conselhos, consultor, mentor e investidor em startups. Professor em Empreendedorismo e Inovação. Formado em Engenharia, com mestrado em Administração e educação executiva internacional.

Giuliana Chaves Moreira

Pesquisadora Associada no Pacífic Institute, especializada em gerenciamento corporativo da água. Mestre em Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental, trabalhou na FAO e faz parte de iniciativas globais sobre água e saneamento.

Glaucia Terreo

Com 21 anos de experiência em ESG/Sustentabilidade. Liderou a GRI Brasil e idealizou pesquisas importantes na área. Atuou no Instituto Ethos e é coordenadora do curso de Comitê ESG do IBGC. Professora em programas de pós-graduação.

Gustavo Baraldi

Especialista em propaganda, marketing e gestão empresarial. Atuação de 20 anos em sustentabilidade, incluindo coordenação no Instituto Ethos e gestão na divisão de estratégia e finanças sustentáveis da Report. Diretor de planejamento e novos negócios do Grupo Report.

Gustavo Bernardino

Bacharel em Relações Internacionais e mestre em Gestão e Políticas Públicas. Experiência no setor privado, público e terceiro setor. Atualmente gerente de programas no GIFE - Grupo de Institutos, Fundações e Empresas.

Isabela Pascoal Becker

Diretora de Sustentabilidade da Datterra Coffee e Fundação Educar. Membro do conselho do Sistema B Brasil e do ICE Institute. Formada em Comunicação pela ESPM, pós-graduada em Administração de Empresas pela Harvard University.

Jandaraci Ferreira de Araujo

Conselheira de Administração e Fiscal de várias companhias e cofundadora do Conselho C101.

Kalil Cury Filho

Engenheiro Civil com Mestrado pela Escola Politécnica (USP), pós-graduação em Administração na FGV e Harvard Business School. Experiência em projetos, obras de infraestrutura e agronegócio. Secretário de Desenvolvimento Econômico do Estado do Paraná e fundador da Partner Desenvolvimento.

Leonardo Correa de Souza Lima

Químico Industrial com MBA em Desenvolvimento Sustentável pela FGV. Mais de 40 anos de experiência em empresas globais como AMBEV, Nabisco, Kraft Foods, General Mills e Arcos Dorados/McDonald's América Latina. Atualmente, CEO da Dreams & Purpose Consulting, apoiando diversas entidades sem fins lucrativos, incluindo Enactus Brasil e One Young World Brazil.

Linda Murasawa

Graduada pelo ITA, com especializações no IMT, INSPER e Cambridge University. Experiência no mercado financeiro, sustentabilidade e finanças em organizações como ABN/Real e Santander. Atualmente, Diretora da Fractal, focada em soluções de sustentabilidade/ESG, mudanças climáticas e inovação.

Luciana Antonini Ribeiro

Sócia-fundadora da eB Capital, com MBA pela Columbia Business School. Reconhecida como uma das mulheres mais inovadoras e influentes do Brasil, é Chairwoman do Brazil Climate Summit e ativa na promoção de lideranças femininas através do movimento global de Liderança Shakti.

Luiz Carlos de Macedo

Mestre em Gestão para Competitividade - Varejo pela FGV EAESP e em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Especializado em Gestão de Sustentabilidade e Gestão de Iniciativas Sociais. Gerente Executivo do FGVcev - Centro de Excelência em Varejo da FGV EAESP e Professor de Relações Públicas na Belas Artes de São Paulo.

Marcelo Abrantes Linguitte

Profissional com mais de 30 anos de experiência em gestão de organizações, sustentabilidade e estratégia de negócios. Engenheiro civil, mestre em gestão urbana pela USP, com MBA em Responsabilidade Social pela FGV-SP. Atualmente é Gerente Geral da Mútua, a Caixa de Assistência dos Profissionais do Crea.

Marcelo C. Furtado

Atualmente ocupa a posição de Head de Sustentabilidade na ITAUSA e Diretor na Nature Finance. Com uma carreira diversificada em sustentabilidade e negócios, tem contribuído para o avanço de práticas sustentáveis no setor corporativo.

Marcia Bellotti

Fundadora da Olibé, consultora especializada em ESG, gestão e mediação de relacionamentos com comunidades tradicionais. Parceira do Instituto Ethos e professora na FIA/USP. Experiência na Shell, Unilever e como sócia fundadora da Takao. Mestre em Educação de Recursos Humanos (Boston University) e especialista em Direitos Humanos e Cidadania Global.

Marcus Hyonai Nakagawa

Doutor em sustentabilidade pela USP, autor premiado, palestrante e professor. Presidente da Associação Brasileira dos Profissionais pelo Desenvolvimento Sustentável e coordenador do Centro ESPM de Desenvolvimento Socioambiental. Autor de diversos livros, incluindo o premiado "101 Dias com Ações Mais Sustentáveis Para Mudar o Mundo".

Maria Moraes Robinson

Co-fundadora e CEO Brasil da Holonomics, Maria é pioneira na incorporação dos valores humanos universais nas empresas. Palestrante e coautora de vários livros de negócios, dedica-se a fortalecer organizações através da abordagem Holonomics.

Mariana Kohler

Fundadora e Diretora da Em Roda, com formação em Administração de Empresas e Mestrado em Engenharia de Produção pela COPPE/UFRJ. Autora do livro "Mulheres ESG" e consultora do Instituto Ethos. Jurada do prêmio Eco da AMCHAM e Conselheira ESG da ANGC.

Mariana Schuchovski

Doutora em Ciências Florestais com mais de 20 anos de experiência em sustentabilidade. Fundadora da Verde Floresta, consultoria em sustentabilidade. Professora na FGV, FIA, UFPR, ISAE e outras. Cofundadora da Rede Mulher Florestal, membro do Advisory Board do Comitê de Sustentabilidade da Amcham Brasil.

Maria Sílvia Monteiro Costa

Embaixadora do Capitalismo Consciente desde 2016, focada em elevar a consciência de liderança. Iniciadora do movimento global de Liderança Shakti no Brasil. Diretora Executiva da Íntegra Estratégia ESG, contribuindo para o planejamento estratégico e implementação de práticas de governança, meio ambiente e social.

Maure Roder Pessanha

Formada em Administração pela FEA-USP, especializada em Avaliação de Programas Sociais pela FIA-USP. Bolsista na Universidade de Harvard em Estudos do Desenvolvimento Econômico e Social. Atualmente Presidente do Conselho da Artemisia Negócios Sociais, atuando em empreendedorismo de impacto.

Olinta Cardoso

Ex-executiva em empresas como Vale e Petrobras e empreendedora em sustentabilidade, ESG, responsabilidade social e comunicação

corporativa. Participou de projetos internacionais, analisando contextos e cenários para estratégias de posicionamento institucional. Membro do Conselho Consultivo do Instituto Ethos.

Paula Maria Harraca

Com 25 anos de experiência executiva, atua como Keynote Speaker, Educadora e Conselheira. Formada em Ciências Empresariais, Máster em RH e Gestão do Conhecimento, Coach Executiva e Organizacional. Professora convidada da FDC, autora do best-seller "O poder transformador do ESG".

Peter Milko

Engenheiro Químico e Geógrafo pela USP. Fundador e diretor geral da Horizonte Educação e Comunicação, responsável por mais de 180 projetos educacionais e culturais. Editor de diversas publicações e organizador de exposições culturais. Atua no conselho da Fundação Jari e outras instituições.

Priscilla Freire Navarrette

Co-fundadora e parceira na LUME - Consultoria de Sustentabilidade Corporativa, com foco em estratégias sustentáveis e responsabilidade corporativa.

Rafael Tiago Juk Benke

CEO da Proactiva, consultoria sul-americana especializada em ESG e Direitos Humanos. Experiência diversificada, incluindo Diretor na Vale e liderança em organizações internacionais e terceiro setor. Vice-presidente emérito do CEBRI e presidente do Comitê ESG da Câmara Canadense.

Ravi Alencar de Macêdo

Diretor de ESG na eB Capital desde 2022. Experiência em governança corporativa, estratégia e desenvolvimento comercial em consultorias e empresas de bens de consumo. Formado em Marketing pela ESPM, pós-graduado em Finanças pelo INSPER e MBA pelo IESE Business School.

Regiane Monteiro de Abreu

Economista com MBE em Economia e Gestão para a Sustentabilidade pela UFRJ e MBA em Gestão de Negócios para o Setor Elétrico pelo IBMEC/RJ. Experiência na Light, coordenando processos do ISE B3, relatórios ESG, Formulário de Referência CVM e planejamento estratégico.

Reinaldo Canto Pereira Filho

Jornalista com 43 anos de carreira, pós-graduado em Inteligência Empresarial e Gestão do Conhecimento. Atuante na área ambiental, foi diretor de comunicação do Greenpeace e assessor de imprensa dos Institutos Akatu e Ethos. Diretor da Agência Envolverde e Vice-Presidente do Instituto Envolverde.

Renato Moya

Com formação em comunicação e mestrado em cooperação internacional, associado da ABC Associados. Atuou na gestão técnica de iniciativas como o ISE B3 e ICO2 B3. Experiência em coordenação de projetos de sustentabilidade e em organizações internacionais como o PNUD.

Roberta Simonetti

Bacharel, Licenciada, Mestre e Doutora em Física pela USP, com especialização em Gestão de Sustentabilidade pela FGV. Experiência em organizações como ING Group, FGV/GVces, WWF Brasil, entre outras. Coordenadora executiva do Índice de Sustentabilidade (ISE/B3) e coordenadora do GT de Finanças Verdes do LAB.

Roberto Silva Waack

Membro do Conselho de Administração da Marfrig e da Wise Plásticos. Presidente do Conselho do Instituto Arapyau. Biólogo com Mestrado em Administração de Empresas pela USP. Co-fundador da Coalizão Brasil Clima, Florestas e Agricultura e da Concertação pela Amazônia.

Roberto Sousa Gonzalez

Formado em Administração de Empresas com MBA em Mercado de Capitais. Membro do Conselho do Fundo Ethical e conselheiro nas empresas MCM Corporate e REviq Parts. Governance Officer na Fundação José Luiz Egydio Setúbal. Autor de livros sobre Governança Corporativa.

Rodrigo Constantino Gaspar de Oliveira

Advogado e especialista em Estratégias de Impacto Social pela Universidade da Pensilvânia. Atua como Diretor de Novos Negócios do Sistema B Brasil, integrando o time executivo e colaborando no desenvolvimento de programas e produtos voltados à certificação de empresas.

Rodrigo Santini

Com mais de 23 anos de carreira em impacto social e sustentabilidade, ocupou posições de liderança em organizações como a World Childhood Foundation e o Greenpeace Brasil. Conhecido por seu trabalho na Ben & Jerry's e como Diretor Executivo do Sistema B Brasil.

Sabrina Menezes Petry

Jornalista com experiência na Folha de S. Paulo e mestrado em Direitos Humanos pela School of Advanced Studies (University of London). Atuou em ONGs e organizações internacionais antes de fundar a Lamparina, dedicada à transformação de empresas através da sustentabilidade e comunicação.

Sérgio Mindlin

Conselheiro de Administração no IBGC, Instituto Akatu, Fundação Roberto Marinho e Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Ex-Presidente da Fundação Telefônica e da Metal Leve S.A. Engenheiro formado pela Poli-USP com mestrado e doutorado em Administração pela FEA-USP.

Sonia Loureiro Brunacci

Sócia Diretora da Conexões Consultoria, especializada em Gestão ESG e Desenvolvimento de Lideranças e Equipes. Instrutora nomeada pela GRI e membro do Ethos. Coordenadora da Dimensão Social do ISE/B3 e professora convidada em programas de pós-graduação em sustentabilidade.

Rodrigo Constantino Gaspar de Oliveira

Advogado e especialista em Estratégias de Impacto Social pela Universidade da Pensilvânia. Atua como Diretor de Novos Negócios do Sistema B Brasil, integrando o time executivo e colaborando no desenvolvimento de programas e produtos voltados à certificação de empresas.

Rodrigo Santini

Com mais de 23 anos de carreira em impacto social e sustentabilidade, ocupou posições de liderança em organizações como a World Childhood Foundation e o Greenpeace Brasil. Conhecido por seu trabalho na Ben & Jerry's e como Diretor Executivo do Sistema B Brasil.

Sabrina Menezes Petry

Jornalista com experiência na Folha de S. Paulo e mestrado em Direitos Humanos pela School of Advanced Studies (University of London). Atuou em ONGs e organizações internacionais antes de fundar a Lamparina, dedicada à transformação de empresas através da sustentabilidade e comunicação.

Sérgio Mindlin

Conselheiro de Administração no IBGC, Instituto Akatu, Fundação Roberto Marinho e Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Ex-Presidente da Fundação Telefônica e da Metal Leve S.A. Engenheiro formado pela Poli-USP com mestrado e doutorado em Administração pela FEA-USP.

Sonia Loureiro Brunacci

Sócia Diretora da Conexões Consultoria, especializada em Gestão ESG e Desenvolvimento de Lideranças e Equipes. Instrutora nomeada pela GRI e membro do Ethos. Coordenadora da Dimensão Social do ISE/B3 e professora convidada em programas de pós-graduação em sustentabilidade.

Sueli Mendes

Gerente de Relações Institucionais do CEBDS, com pós-graduação em Direito. Experiência em gestão estratégica de projetos de sustentabilidade, engajamento de stakeholders e comunicação corporativa. Especialista em gerenciamento de responsabilidade social corporativa e gestão de projetos para o terceiro setor.

Tamara Rezende de Azevedo

Facilitadora sênior na CoCriar, atuando em processos conversacionais para resultados efetivos. Sócia da startup Wecare, dedicada à gestão e operação baseada em diálogo e colaboração. Mentora em preparação e facilitação de processos conversacionais em diversos contextos.

Tarcila Reis Corrêa Ursini

Mestre em Desenvolvimento pela Kings College London, com graduação em Economia pela USP e Direito pela PUC/SP. Experiência em fusões e aquisições, dedica-se a construir um ambiente de negócios inovador, inclusivo e verde. Advisor na eB Capital e conselheira de administração em diversas empresas.

Tiago Lopes de Andrade Lima

Advogado, head de direito ambiental na Queiroz Cavalcanti Advocacia. Doutorando em Sustentabilidade pela USP e Vice-Presidente da Comissão de Direito Ambiental da OAB Nacional. Coautor de obras sobre Direito Ambiental e envolvido em projetos de licenciamento ambiental.

Valeria Café

Diretora do IBGC, responsável pelo crescimento e desenvolvimento do instituto. Experiência em áreas institucionais, marketing, comunicação e sustentabilidade na América Latina em empresas como Coca-Cola, Whirlpool, HP e J.P. Morgan. Formada em Publicidade e Propaganda com pós-graduação em Marketing, MBA Executivo e mestrado em Administração.

Vanessa Tarantini

Formada em Relações Internacionais pela UNESP, com mestrados em Direitos Humanos pela USP e Gestão de Organizações sem fins lucrativos pela UAM/Madri. Trabalha na área de Meios de Vida do ACNUR Brasil, com experiência em gestão de ações coletivas de combate à corrupção e assessoria de Direitos Humanos e Anticorrupção.

Vania Bueno Cury

Comunicadora, palestrante, professora e consultora em Comunicação na governança. Jornalista com pós-graduação em Comunicação Empresarial e mestrado em Organizational Development and Positive Change. Professora convidada em várias instituições e instrutora em cursos para conselheiros.



AÇO VERDE DO BRASIL É UM MARCO NA SUSTENTABILIDADE

A **Aço Verde do Brasil** está na vanguarda da inovação e do desenvolvimento sustentável, sendo o maior case nacional de produção de aço de baixa emissão de carbono no setor siderúrgico - certificado pela SGS e alinhado com os padrões da World Steel Association.





AMCHAM
PRÊMIO ECO



Somos vencedores do Prêmio Eco 2023 na categoria Práticas de Sustentabilidade - concedido pela Amcham-Brasil e Capitalismo Consciente Brasil.

Nos orgulhamos de fazer parte da história desse prêmio pioneiro em ESG no Brasil, com 40 anos de tradição e reconhecimento de empresas na gestão de processos e projetos de sustentabilidade.

Este feito consolida nosso compromisso com o desenvolvimento ambiental e econômico do país.



**COMPROMISSO AMBIENTAL
E OLHAR PARA O FUTURO**

juntos fortalecemos os fundamentos do desenvolvimento na indústria brasileira.





Direito à água limpa: Projeto de dessalinização da State Grid e da CPFL traz nova realidade para comunidades indígenas

Com tecnologia inovadora no Brasil, o projeto fornece água potável para aproximadamente 3 mil moradores do Rio Grande do Norte, resultado da parceria entre governo estadual, CPFL Energia e State Grid.

As mudanças climáticas têm agravado a escassez de água potável. Os dados da ONU (Organização das Nações Unidas) são alarmantes: mais de 1 bilhão de pessoas globalmente e 33 milhões somente no Brasil enfrentam a falta de água limpa. No semiárido brasileiro, cerca de 70% dos poços fornecem água salina ou imprópria para consumo humano, e a crescente frequência de eventos climáticos extremos indica uma perspectiva de maior insegurança hídrica nos próximos anos.

O Projeto de Dessalinização, em parceria com o governo do Rio Grande do Norte, iniciado em 2020 e concluído em fevereiro de 2023, transformou a realidade de comunidades indígenas em João Câmara - RN. O sistema de dessalinização, pioneiro no Brasil, tem como objetivo fornecer água potável para consumo humano, promovendo o bem-estar e garantindo a segurança hídrica de cerca de 3 mil moradores.

Com um investimento superior a R\$ 8 milhões, este é o projeto de dessalinização de maior magnitude já realizado fora da China pela State Grid, acionista majoritário da CPFL. Também é um dos compromissos de ESG (Environmental, Social, and Governance) assumidos pelo Grupo CPFL, atendendo ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 6 da Agenda 2030 da ONU: "Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todas e todos".

Segurança Hídrica em risco no Rio Grande do Norte

Como parte da estratégia da CPFL de contribuir positivamente para as comunidades onde atua, a empresa conduziu um estudo sobre a vulnerabilidade hídrica nas áreas onde mantém operações. Três comunidades do município de João Câmara foram selecionadas com base em critérios como raízes indígenas, presença de organizações comunitárias (muitas delas lideradas por mulheres) e os piores índices de acesso à água, conforme indicado pela Agência Nacional de Águas (ANA), entre as 16 comunidades avaliadas.

Como funciona o projeto de dessalinização

O projeto, baseado em um modelo que combina tecnologia avançada, capacitação e gestão comunitária das águas, eliminou a escassez de água doméstica de longo prazo para mais de 800 famílias. O sistema de dessalinização é totalmente automatizado, com capacidade para produzir 80 mil litros de água potável por dia, o que equivale a aproximadamente 20 litros por habitante. A água é distribuída por meio de uma adutora de 5 quilômetros, em 3 chafarizes, um em cada comunidade atendida: Santa Terezinha, Amarelão e Serrote de São Bento.

A colaboração entre a expertise em tecnologia e inovação da empresa chinesa e o know-how da CPFL Renováveis, empresa do Grupo CPFL, em geração de energia resultou em um sistema de dessalinização altamente eficiente, com uma taxa de 85% de potabilidade e apenas 15% de resíduos. Além disso, o projeto incorpora painéis fotovoltaicos com capacidade de 50 kilowatts, tornando-o zero carbono, sem emissões de gases de efeito estufa e sem custos extras com energia para o funcionamento do sistema.

Benefícios para comunidades indígenas

Antes da implementação do projeto, as comunidades dependiam de caminhões-pipa para suprir a demanda de água, enfrentando problemas de regularidade nas entregas e custos significativos, com 10 mil litros de água custando entre R\$ 200 e R\$ 350.

O projeto gerou 55 empregos diretos e 45 indiretos, promovendo oportunidades de emprego na comunidade e fortalecendo a economia local. Os membros da comunidade também receberam treinamento para operar e manter o sistema, que tem custos de manutenção excepcionalmente baixos. Além disso, peças sobressalentes foram fornecidas para garantir o funcionamento contínuo por cinco anos, e a área onde os equipamentos estão instalados possui uma cessão de uso de 30 anos.

A abordagem do projeto utiliza a energia limpa e prioriza a preservação ambiental, oferecendo uma série de benefícios, incluindo sua conformidade com princípios ecológicos em todas as etapas.

Água limpa para o Nordeste

Espera-se que esse sistema sirva de exemplo e seja replicado em outras áreas, promovendo a inovação e a sustentabilidade em comunidades com desafios semelhantes, especialmente no Nordeste do Brasil, que enfrenta persistentes problemas de escassez de água.

Esse progresso só foi possível graças à colaboração entre o poder público, o setor privado e a comunidade. Na cerimônia de transferência do ativo para o governo do estado, o embaixador da China no Brasil, Zhu Qingqiao, reconheceu que o projeto de dessalinização é mais uma conquista da cooperação entre China e Brasil, e a governadora do Rio Grande do Norte, Fátima Bezerra, considerou o projeto um presente valioso do povo chinês para o povo brasileiro.

A CPFL não para por aqui e mantém um comitê dedicado à análise de propostas de projetos e estudos detalhados para sua viabilização, demonstrando sua abertura a novas parcerias em outros estados.



Valor compartilhado com a sociedade

Para a CPFL Energia, fornecer água limpa vai além de cumprir metas de responsabilidade social. Esse projeto está alinhado com o Plano ESG 2030 da empresa, lançado em 2022, que contempla 23 compromissos alinhados à Agenda 2030 da ONU e seus ODS. Esses compromissos estão organizados em quatro pilares, incluindo o de geração de valor compartilhado com a sociedade.

O projeto de dessalinização também desempenha um papel fundamental na resposta às mudanças climáticas, atuando como medida de adaptação e mitigação, não apenas pela solução hídrica que oferece, mas também por sua integração com energia renovável.

Atualmente, a CPFL opera hidrelétricas, usinas de biomassa, parques eólicos e usina solar que contribuem para a redução das emissões de carbono. Além disso, a empresa planeja investir cerca de R\$ 40 milhões em tecnologias de hidrogênio verde, desempenhando um papel importante na transição energética do país, reduzindo as emissões de gases de efeito estufa e aumentando a eficiência energética. A CPFL Energia estabeleceu metas concretas, planejando alcançar a neutralidade de carbono a partir de 2025 e gerar 100% de sua energia por fontes renováveis até 2030.

Por que não defender cotas para mulheres em cargos de liderança?



ANNE DIAS é advogada, Presidente do LOLA Brasil e Diretora do Programa de Núcleos do LOLA Internacional (Ladies of Liberty Alliance).

VOCÊ JÁ PAROU para pensar por que as mulheres, que são mais da metade da população e frequentemente têm um nível de educação superior ao dos homens, ocupam tão poucos cargos de chefia, variando de 8% a 15%? Uma ideia que surge para solucionar essa questão é tornar obrigatório que as empresas coloquem mais mulheres em cargos de liderança. Essa solução aparentemente simples não é a melhor escolha, porque não garante a credibilidade e o respeito à trajetória das profissionais.

As vantagens de ter mulheres em cargos de liderança são inúmeras. Ter uma equipe diversificada em posições de chefia contribui para a elaboração de decisões mais bem fundamentadas e bem-sucedidas. Uma pesquisa da McKinsey revelou que quando pelo menos uma mulher ocupa um cargo de liderança executiva em uma empresa, isso pode resultar em um retorno 44% maior para os acionistas e lucros cerca de 46% superiores em comparação com outras empresas.

Também é essencial analisar a questão sob a perspectiva das mulheres e compreender os obstáculos que as afastam dessas posições. Um tópico crucial nessa discussão é a 'jornada dupla' de trabalho. Ao equilibrar suas carreiras com as responsabilidades da maternidade e os cuidados com a casa, a busca pela ascensão profissional se torna mais complexa e desafiadora. As mulheres dedicam cerca de 21 horas por semana aos afazeres domésticos, enquanto os homens, 11 horas, conforme uma pesquisa recente divulgada pelo IBGE.

E no que diz respeito à maternidade, a desigualdade se torna ainda mais evidente. Isso ocorre não apenas porque as mulheres muitas vezes são as primeiras a abdicar de seus trabalhos em prol de cuidar de seus filhos, mas também quando se observa a consequência prática disso, mesmo quando a escolha de sair do trabalho não é delas. Conforme uma pesquisa da FGV realizada em 2016, aproximadamente metade das mulheres que tiram licença-maternidade perdem seus empregos um ano após o benefício.

E por que a solução não é incentivar as empresas a tomar medidas de cima para baixo, obrigando a inclusão de mulheres em cargos de liderança? A primeira resposta é simples: quando se adota um movimento 'top-down', cria-se um estigma em relação à competência das mulheres para ocupar esses cargos. Se uma mulher é colocada no conselho de uma empresa e, para isso, são puladas etapas profissionais, chegando ao cargo apenas em razão de seu gênero, sua credibilidade e respeito entre seus colegas serão colocados em cheque. O efeito é oposto ao desejado.

Essa opinião é compartilhada por Marta Viegas, do Instituto Brasileiro de Governança Corporativa, em entrevista a *Época*. De acordo com ela: "para um conselho funcionar bem, precisa ter um alinhamento muito bom entre os conselheiros. Se temos um estigma entre eles – do tipo "ela está aqui por conta de políticas de cotas" – a criação de ideias pode ser deturpada."

Outra executiva que compartilha da mesma ideia é a vice-presidente de jurídico e recursos humanos do Banco Itaú, Claudia Politanski, que declarou para a revista *Exame* que "As mulheres que ocupam essas cotas muitas vezes não têm a mesma experiência executiva que os homens e são vistas como juniores. E, por serem retiradas de seus cargos para os conselhos cedo, acaba havendo menos mulheres CEOs e diretoras".

Qual é, então, a solução para esse problema? O primeiro passo é a conscientização da sociedade. É crucial enfatizar a importância da diversidade de gênero e os benefícios da inclusão de mulheres em cargos de liderança. Além disso, é essencial adotar políticas de gestão que abranjam toda a carreira nas empresas, não apenas na fase de

liderança. Isso inclui a implementação de políticas de recrutamento inclusivas desde o processo de seleção. A evasão de mulheres costuma ocorrer entre os 27 e 35 anos, devido a motivos como casamento, filhos e falta de perspectiva. Portanto, é fundamental que as empresas desenvolvam programas de desenvolvimento profissional que visem a retenção de talentos ao longo de toda a trajetória profissional.

Outro ponto que merece atenção, inclusive do ponto de vista da gestão pública, é a necessidade de equilibrar a divisão do trabalho e a carga de responsabilidades entre homens e mulheres. Nesse sentido, medidas como a licença-paternidade equitativa são bem-vistas. Elas permitem que, em certas famílias, a responsabilidade de cuidar dos filhos no início da vida seja compartilhada entre o pai e a mãe, o que pode facilitar a ascensão feminina no ambiente de trabalho. Além disso, as mudanças tecnológicas em andamento estão abrindo caminho para opções de trabalho flexíveis, o que pode ajudar as mulheres a equilibrar suas responsabilidades profissionais e familiares durante a maternidade.

Precisamos de mais mulheres em posições de liderança. Só que, para alcançar essa meta, devemos abordar a complexidade desse desafio, cientes de que não existem soluções simples para problemas complexos. É necessário adotar abordagens efetivas para promover a igualdade de gênero nas posições de liderança. Somente assim poderemos construir um futuro em que as vozes femininas sejam devidamente representadas e contribuam para a construção do futuro da sociedade. ■



AMCHAM
PRÊMIO ECO



Nosso jeito de construir um futuro melhor foi reconhecido pelo Prêmio Eco

Somos a primeira e maior Datatech do país, líder em soluções de inteligência analítica que transformam a incerteza do risco na melhor decisão.

Vamos sempre além: **utilizamos dados para o bem e inovamos continuamente para capacitar pessoas, impulsionar empresas e empoderar consumidores**, combinando tecnologia e inovação com o nosso compromisso de **criar um futuro melhor hoje**.



Para saber mais, acesse:
serasaexperian.com.br

serasa
experian

Somos agentes da transformação para um mundo sustentável



Somos líderes na produção de Cloro e Soda e a segunda maior produtora de PVC da América do Sul. Definimos a sustentabilidade como um dos cinco pilares estratégicos do nosso negócio e que também foi incorporada como um dos valores da Companhia.

Nosso objetivo é que a Companhia seja agente de transformação para um mundo mais sustentável, com mobilização dentro da própria organização e em seu ecossistema de relacionamento.

Para tornar isso possível, estamos investindo R\$ 1,4 bilhão até 2030 em projetos que permeiam sustentabilidade e já estão em curso, inclusive com metas publicadas para 2025.



Unipar

Conheça algumas de nossas metas:

A médio prazo



60% de energia elétrica renovável global até 2025



Impactar mais de 2 milhões de pessoas com programas e projetos em desenvolvimento humano até 2025

A longo prazo



80% HCl produzido com hidrogênio verde até 2030



Redução de 30% das emissões de CO₂ escopos 1 e 2 até 2030 e Net Zero 2050

Investimento verde no Brasil: como o meio ambiente pode atrair capital

A

A DEMANDA POR investimentos sustentáveis no mundo tem crescido de forma acelerada. Os Princípios para o Investimento Responsável (PRI) da ONU atingiram 5352 signatários neste ano. São gestores que controlam o destino de mais de 120 trilhões de dólares e se comprometem a avaliar o impacto social, ambiental e a governança da aplicação desses recursos.

Esse crescimento expressivo na busca pela integração de aspectos ESG e até de impacto por parte dos investidores pressionou os reguladores para melhorarem a supervisão das divulgações de aspectos não financeiros, em especial para os ativos ofertados de forma pública: empresas com ações em bolsas, debêntures, fundos etc. O exemplo mais óbvio é a taxonomia europeia para atividades sustentáveis, que definiu de forma clara os ativos que podem ser considerados “verdes” e apertou o cerco contra o greenwashing.

No Brasil, a Comissão de Valores Mobiliários adotou de forma pioneira o padrão do International Sustainability Standards Board (ISSB) para divulgações de informações sobre sustentabilidade ambiental e social. Em 2024 as empresas podem divulgar essas informações de forma voluntária e serão obrigadas a fazê-lo em 2027. Um golaço, indicando que o país deseja se manter

na vanguarda do movimento de dar credibilidade aos aspectos ESG para os investimentos no Brasil.

Esse movimento é especialmente importante considerando as enormes vantagens competitivas brasileiras para investimentos em uma economia de baixo carbono. Alavancar essas potencialidades ambientais do país podem ser o mais importante atrator de capital para investimento e aumento da produtividade, em especial se atrelado à melhora do quadro fiscal, indicado pela subida do rating da dívida brasileira para BB.

O Brasil possui uma enorme necessidade de expandir e modernizar sua infraestrutura, desde os R\$ 500 bilhões necessários para universalizar o saneamento, passando pelos R\$ 170 bilhões para as ferrovias com autorizações aprovadas pela ANTT, além de rodovias, hidrovias, geração e distribuição de energia. O BNDES estima toda a demanda de investimento em infraestrutura em R\$ 3,5 trilhões na próxima década, que se for atingida vai reduzir poluição, garantir acesso a água tratada, reduzir a dependência de transporte rodoviário poluente e aumentar a geração de energia limpa.

Além da infraestrutura, as características ambientais brasileiras tornam o país um interessante polo para investimentos na industrialização verde. O Brasil tem ao mesmo tempo acesso a matérias primas renováveis, importantes metais de transição e capacidade de geração de



ARTHUR VILLELA FERREIRA é administrador de empresas, fundador da Global Forest Bond e autor de “Nem Negacionismo Nem Apocalipse – economia do meio ambiente: uma perspectiva brasileira”

energia limpa, os fatores mais importantes para a transição da produção industrial rumo à economia circular. É no Brasil que podem ser produzidos ferro e aço com menor componente de carbono, hidrogênio verde, química verde de fontes renováveis e diversas outras indústrias limpas.

Por fim, mas certamente não menos importante, o Brasil possui um dos setores agropecuários mais avançados do mundo, que além de liderar as exportações agrícolas, ainda conserva dentro das propriedades rurais mais de 2 milhões de hectares de áreas nativas, que prestam serviços ambientais valiosíssimos localmente e para o equilíbrio ambiental global. Já temos instrumentos jurídicos para reconhecer essas contribuições, como as CPRs Verdes, e é preciso integrá-las aos mecanismos de financiamento do agronegócio em escala.

Não faltam oportunidades de investimentos necessários no Brasil, com impactos positivos no país, na região e no mundo. É fundamental usarmos nosso maravilhoso capital natural como vantagem competitiva para atrair capital financeiro e intelectual, tornando o país mais competitivo e próspero.

Somos a Irani,

uma das principais indústrias de papel e embalagens sustentáveis do Brasil.

Queremos transformar a vida das pessoas com práticas e iniciativas de **impacto positivo**.

Para isso, desenvolvemos o futuro com **inovação e sustentabilidade**.



irani



irani
ventures

Nosso veículo de **Corporate Venture Capital (CVC)** para acelerar e investir em startups inovadoras e com alto potencial de crescimento.

Acesse o QR Code e saiba mais:



Nosso **programa de inovação aberta para conexão com startups** focado na criação de soluções competitivas para gerar valor e fortalecer relações com ecossistemas inovadores.

Acesse o QR Code e saiba mais:



Conheça mais sobre estas e outras iniciativas voltadas para o fortalecimento e expansão do ecossistema de inovação em nosso site ou em nossos canais:



PARA A Nestlé®, O BOM ALIMENTO É AQUELE QUE TEM PODER PARA:



REGENERAR A NATUREZA:

Transformamos a forma como produzimos nas fazendas parcerias e nas fábricas. Conscientizamos sobre desperdício e reciclagem.



TRANSFORMAR VIDAS HOJE E AMANHÃ:

Cuidamos de quem consome e produz o nosso alimento. Capacitamos e geramos emprego para milhares de jovens.



REPENSAR AS RELAÇÕES DE NEGÓCIO:

Com respeito aos nossos parceiros, garantimos o cuidado com o alimento do campo até o pós-consumo.



Nestlé®

Re.generar
é nutrir o
que faz bem

www.nestle.com.br



A DIFERENÇA QUE VEM
DA FAZENDA

Nestlé®
NINHO

ESTÁ NA REDUÇÃO
DO USO DA ÁGUA

ESTÁ NOS
CUIDADOS
COM O SOLO

ESTÁ NO
CUIDADO COM
AS VACAS

Atualmente, mais de 625 milhões de copos de leite* já vieram de fazendas com práticas de agricultura regenerativa.

*Considerando um copo de leite de 200ml



BEM-ESTAR ANIMAL

Mais de 35 mil vacas em lactação vivendo em ambientes climatizados que proporcionam mais conforto e saúde.



CUIDADOS COM A ÁGUA

Desde 2020, produtores já nos ajudam a economizar o equivalente a 75 milhões de litros de água na produção leiteira, por meio da gestão do uso da água.



CUIDADOS COM O SOLO

Nossas práticas regenerativas e cuidados com o solo contribuem com a redução do impacto em uma área equivalente a 7 mil campos de futebol.

E para que os consumidores também conheçam a jornada de sustentabilidade da marca, NINHO® lançou embalagens comemorativas!

A novidade tem o objetivo de destacar as práticas de NINHO® junto com produtores para cuidar e regenerar as fazendas parceiras.



Saiba mais:



O impacto do ESG na diversidade e inclusão: Caminhando para empresas mais conscientes



DANILO AL MAKUL é CEO da Divid e Conselheiro em ESG

N

NOS ÚLTIMOS ANOS, temos testemunhado uma transformação no mundo dos negócios, à medida que a conscientização sobre questões sociais e a governança corporativa ganharam destaque. No âmbito do ESG (Environmental, Social, and Governance), o "S" (Social) e o "G" (Governança) desempenham um papel fundamental na promoção da Diversidade e Inclusão (D&I) social. Este artigo explorará o impacto da implementação de princípios de Social e Governança na D&I e como isso se traduz em uma acessibilidade ampliada para todos.

A acessibilidade é um princípio fundamental que visa garantir que todas as pessoas, independentemente de suas habilidades ou deficiências, tenham igualdade de oportunidades para acessar informações, serviços e ambientes. Quando os elementos de Social e Governança são integrados à D&I, a acessibilidade se torna uma prioridade, expandindo seus horizontes e alcançando novos patamares.

A Governança Corporativa estabelece a estrutura de tomada de decisões e responsabilidade nas organizações e quando se trata de acessibilidade, a governança desempenha um papel fundamental, através das Políticas e Diretrizes Claras, criando, implementando e garantindo que os produtos e serviços oferecidos pela empresa sejam projetados de maneira a atender às necessidades de todos, independentemente das habilidades ou deficiências e também na Transparência e Prestação de Contas um pilar essencial da governança, priorizando e divulgando regularmente dados e progressos relacionados a medidas de acessibilidade,

essa prestação de contas garante que os objetivos estejam sendo alcançados e impulsiona o compromisso contínuo.

Com isso a Diversidade e Inclusão Social (D&I) ganha força e passa a agir diretamente na transformação da cultura organizacional da empresa, porque ela passa a influenciar para um pensamento acessível em todas as dimensões da organização, proporcionando mudanças fundamentais em várias áreas. Como exemplo dessas transformações, podemos destacar o Design Inclusivo, que considera as necessidades de todas as pessoas ao criar produtos, serviços e ambientes, trazendo espaços e produtos que são acessíveis a uma gama mais ampla de indivíduos, incluindo pessoas com deficiência e a Tecnologia Acessível, com empresas comprometidas no investimento em tecnologias que tornam a informação e os recursos acessíveis a todos, vai desde sites e aplicativos até produtos físicos, a tecnologia desempenha um papel crucial na promoção da acessibilidade.

Ao adotar uma perspectiva socialmente responsável e uma governança eficaz, as empresas estão não apenas

alinhando-se com os princípios do ESG, mas também contribuindo para um mundo onde a diversidade é celebrada e a acessibilidade é garantida para todos. Esta abordagem não apenas atende às necessidades das pessoas com deficiência, mas também cria uma sociedade mais justa e igualitária, onde a acessibilidade é uma parte integrante da experiência de todos. ■

O aprendizado contínuo é mais importante do que nunca.



Mudanças rápidas e constantes no ambiente corporativo tem motivado a busca por conhecimento e habilidades continuamente.

A Amcham liga você a uma curadoria de cursos, imersões e trilhas de capacitação focada nos temas de maior impacto e em metodologias de aplicação prática nos negócios brasileiros.

A AMCHAM liga

Se liga.

Se liga na nossa programação

amcham.com.br/calendario



CLÁUDIO D. SHIKIDA é economista, articulista do Instituto Millenium e professor do Ibmeq-BH

5 motivos para apoiarmos as Zonas Econômicas Especiais

É hora de permitir a inovação de modelos de governança dentro do território brasileiro

NÃO HÁ QUEM não apoie a prosperidade. Afinal, prosperidade é uma palavra associada à felicidade e à riqueza. Pense nela como um estágio na

história de uma sociedade no qual a sociedade é livre para enriquecer e solucionar seus problemas. Em outras palavras, que ela seja livre para empreender. Aliás, a liberdade não é só a mãe da inovação como também é a vacina contra a tirania.

Como gerar prosperidade em uma sociedade como a brasileira? Há vários tipos de governança possíveis, mas uma delas são as chamadas Zonas Econômicas Especiais (ou, simplesmente, ZEE). Uma ZEE tem três características: (1) área geográfica claramente demarcada; (2) regime regulatório distinto do restante da economia e; (3) disponibilidade de Infraestrutura.

Como destacou Lotta Moberg em seu "The Political Economy of Special Zones" (Routledge, 2017), há vários tipos de zoneamentos especiais possíveis. No Brasil, assim como em boa parte do mundo, há as de processamento de exportações. Mas este tipo de zona, como a de Manaus, é de alcance limitado. Não basta favorecer um setor com incentivos fiscais. Afinal, a chance de que isto se transforme apenas em um privilégio sem resultados para toda a sociedade é altíssima.

Contudo, é possível ver impactos positivos das ZEE. Isto ocorre quando o zoneamento promove profundas mudanças regulatórias. Em outras palavras, quando se fazem mudanças disruptivas na governança (até mesmo transformando a governança pública em privada ou em um arranjo público-privado).

Imagine, por exemplo, que um pequeno enclave do Brasil tem leis comerciais e traba-

lhistas próprias, e que 100% do dinheiro investido ali volta ao país de origem. E, se houver alguma disputa judicial, a administração do lugar contrata juizes ingleses para decidir a questão. Pois isso já acontece nos Emirados Árabes Unidos, que tem mais de quarenta ZEE, muitas delas com autonomia para criar suas próprias leis.

Neste caso, há cinco motivos para brindarmos às ZEE:

1. Criatividade - As ZEE podem ter os mais diversos objetivos. Desde o apoio a refugiados (por conta de catástrofes naturais ou não) passando por regimes distintos para fintechs até a criação de uma cidade que opere sob um sistema legal distinto daquele do resto do país. As possibilidades são infinitas.

2. Experimentação institucional - Parte desta criatividade pode ser criada como uma política pública e depois avaliada. A avaliação pode mostrar à sociedade que existem alternativas mais eficientes e democráticas do que as atuais. Neste caso, as ZEE atuam como *sandboxes* regulatórios.

3. Atração de Investimentos Estrangeiros Diretos (IED) são sempre uma fonte adicional de recursos. Países com baixas taxas de poupança doméstica são os principais beneficiários neste caso. Afinal, a ZEE pode ter menos procedimentos burocráticos, inclusive para a entrada de investimentos.

4. Diminuição das desigualdades - Em várias ZEE africanas, segundo relatório do Banco Mundial, a desigualdade entre mulheres e homens é reduzida em contraste ao resto do

país. Ou seja, sob um regime econômico menos burocrático, mais economicamente liberal, é possível gerar uma sociedade menos desigual.

5. Competição pelo cidadão - O sucesso de uma ZEE mostra que existem potenciais mudanças regulatórias que melhoram a vida de todos, o que pode gerar uma reação de governos para adaptar estas mudanças em sua própria prática. Menos hesitocracia, menos vetocracia e maior bem-estar são possíveis resultados. Políticos também podem ser úteis para a sociedade quando são deslocados de sua zona de conforto.

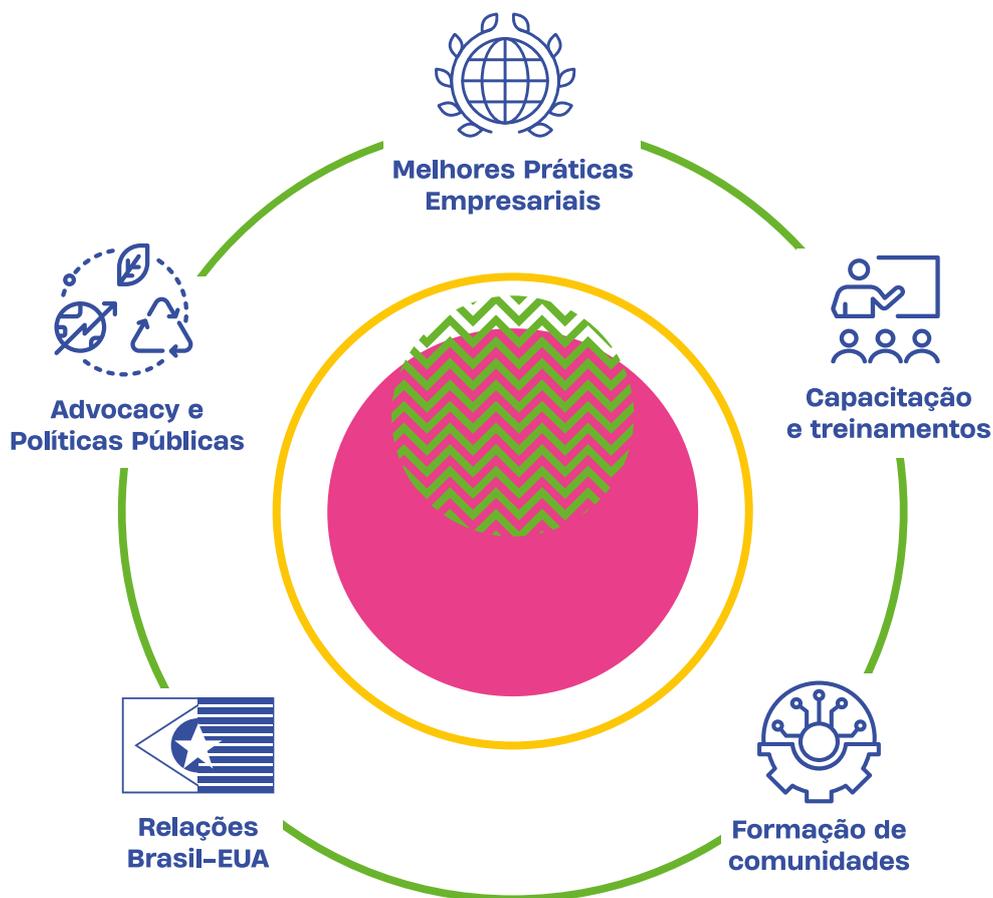
Penso que os cinco itens acima são dignos de cinco brindes. Entretanto, não deve o leitor separar os copos ainda. O uso do potencial inovador das ZEE depende de uma visão de longo prazo que seja levada adiante por lideranças que acreditem no elo entre prosperidade, liberdade, inovação e empreendedorismo. Caso contrário, as ZEE serão apenas instrumentos para o capitalismo de privilégios que, aliás, não merece brinde algum.

AMCHAM ESG

Consolide estratégias
ESG na sua organização.

Mais que uma oportunidade, uma condição necessária para a prosperidade econômica e o desenvolvimento social.

Conheça nosso foco de contribuição e serviços na agenda ESG:



Saiba mais e participe
das nossas iniciativas

amcham.com.br/esg

O reCICLO DA BORRACHA

Como a Havaianas assumiu o protagonismo na complexa economia circular da borracha.

Presentes nos lares e nos corações de milhões de brasileiros, as sandálias Havaianas já conquistaram o mundo e são comercializadas em 130 países. Por ano, fornecemos mais de 200 milhões de pares aos mercados e, no Brasil, calçamos os pés de 9 entre 10 pessoas. Reconhecendo a responsabilidade que nos cabe, aceitamos o desafio de assumir o protagonismo na complexa economia circular da borracha, principal matéria-prima dos nossos produtos.

No Brasil, encontramos um cenário onde as cooperativas de reciclagem não tinham à disposição a tecnologia e a infraestrutura necessárias para reciclar os calçados de borracha – um resíduo ainda sem valor de mercado. Para ativar a economia circular desse material e torná-lo atrativo aos recicladores, investimos em pesquisa e desenvolvimento para criar oportunidades de destinação, entender quais dessas soluções são escaláveis, quais são viáveis economicamente e quais parceiros estão dispostos a testar possibilidades. Foi assim que surgiu o Havaianas reCICLO, o programa global de logística reversa dos calçados Havaianas, com objetivo de viabilizar a economia circular da borracha e beneficiar não só o meio ambiente, mas também os recicladores e suas famílias.



Nossos coletores recebem suas Havaianas usadas, que são encaminhadas para a reciclagem.

havaianas reCICLO

Esta é a representação gráfica do Havaianas reCICLO, nosso programa que busca estruturar esse complexo ecossistema, de ponta a ponta.

1. Descarte/recolhimento:

Os resíduos pós-consumo* chegam ao reCICLO a partir de três principais fontes:



2. Beneficiamento

Para reinserir o resíduo na cadeia de valor, ele precisa ser beneficiado. Ou seja, precisa ser trabalhado para gerar novamente a forma de matéria-prima e seguir para outros processos. Precisamos investir em pesquisa e desenvolvimento com parceiros que tapem inovar e testar possibilidades.

Já são 3 parceiros no Brasil:

- 1 na Região Sul
- 1 na Região Sudeste
- 1 na Região Nordeste

O retorno pode ocorrer de duas principais formas:

* Ciclo fechado: material destinado à fabricação de outro produto, similar ao original (mesma cadeia produtiva, ou muito parecida, dentro do negócio original).

* Ciclo aberto: material destinado como matéria-prima para novas cadeias produtivas, com outras características, e produtos finais.

Exemplos em desenvolvimento: chuveiros, bolsas, acessórios, chinêlos, etc.

Exemplos em desenvolvimento: mantas e chapas de borracha, móveis e itens de decoração, pisos e rodas.

Hoje, temos 8 parceiros no Brasil:

- 3 na Região Sul
- 3 na Região Sudeste
- 2 na Região Nordeste

3. Transformação e retorno para a cadeia produtiva

O desafio segue na reinserção nas cadeias produtivas. Novamente, é preciso investir em pesquisa e desenvolvimento e fortalecer parceiros que tenham interesse em testar e observar essa nova matéria-prima.

* Os resíduos fabrica (pre-consumo) ainda não são o foco do programa, mas, em breve, devem ganhar mais uma porta de entrada.

PROTAGONISMO QUE FAZ A DIFERENÇA

As ações do Havaianas reCICLO são peça-chave para atingir nossas metas voltadas à sustentabilidade. **Até 2030, queremos atingir 100% de lojas monomarca com o programa de logística reversa implementado e recuperar pelo menos 10% do volume comercializado de sandálias via programa de logística reversa.** A evolução do programa é um indicativo positivo do caminho que estamos traçando. De 2021 para 2022, o Havaianas reCICLO aumentou o volume de sandálias coletadas em torno de 300%, passando de aproximadamente 20 mil pares para mais de 80 mil. Além disso, a projeção para 2023 é de um aumento significativo em relação ao último ano. Somente até setembro, já foram coletados mais de 64 mil pares de chinelos. Essa coleta segue uma rota logística estruturada para ser carbono zero, feita através de bicicletas em algumas lojas e compensando carbono por meio do plantio e preservação de árvores na Amazônia. Ao todo, já são mais de 166 mil pares de Havaianas coletadas pelo programa.



O reCICLO conta com mais de **240 PONTOS DE COLETA** em **16 PAÍSES**

na América Sul, América do Norte, Europa, África e Ásia.



Já foram coletados mais de **166 MIL PARES** de chinelos, o equivalente a **58 TONELADAS.**



É como se **2 MARACANÃS** estivessem lotados de torcedores calçando Havaianas.



Devido às coletas de bicicleta, foi evitada a emissão de **2.596,49 kg DE CO₂**



Foram neutralizados **4.866,68 kg DE CO₂** através de reflorestamento.



A iniciativa gerou renda para mais de **2 MIL FAMÍLIAS** de recicladores.

ECOSSISTEMA DE SOLUÇÕES

O sucesso do Havaianas reCICLO só é possível graças a cooperação e ao pioneirismo de diversos parceiros dispostos a colocar a pauta socioambiental em prática e não apenas no discurso. Essas parcerias criam uma rede de soluções que compõem o programa desde sua coleta até a transformação final. O descarte nas urnas coletoras por parte dos consumidores inicia essa lógica. Recicladores – desenvolvidos e capacitados pelo próprio programa – estão engajados na coleta e triagem dos chinelos, que são encaminhados para outra gama de parceiros, para o desafio do beneficiamento. E, ainda, a circularidade só fica completa com a reinserção nas novas cadeias produtivas, dispostas a absorver o material.



Empresas de diversos segmentos são peças-chave na estruturação de soluções sustentáveis e sistêmicas. Como exemplo, hoje nossa principal parceira a nível nacional é a Trashin, que teve papel fundamental no estudo de possibilidades para colocar em prática a logística reversa, além de realizar a rastreabilidade e governança do programa. Em termos de cooperativas, um exemplo também interessante é a parceria piloto com a Federação Paulista de Cooperativas de Reciclagem (Fepacoore) e a Rede Sul, com quem estamos desenvolvendo um projeto voltado à capacitação e desenvolvimento de cooperados, o que pode ampliar o alcance e as possibilidades do projeto.

Toda essa rede de colaboração é o que torna possível que desafios complexos, como a reciclagem da borracha, sejam enfrentados a nível nacional e mundial, gerando impacto positivo para as pessoas e empresas envolvidas, mas principalmente ao meio ambiente, que é de todos.

havaianas
reCICLO

A vida é feita de ciclos,
nossos produtos também.
Recicle seu chinelo Havaianas!



LANGUAGE IS THE FIRST LAYER OF CONNECTION



www.insidels.com



[/insidelanguagesolutions](https://www.instagram.com/insidelanguagesolutions)



[/inside-language-solutions/](https://www.linkedin.com/company/inside-language-solutions/)



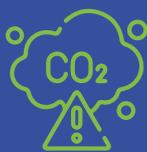
AMCHAM HUB

descarbonização

CONECTANDO SOLUÇÕES VERDES

O **Hub de Descarbonização da Amcham Brasil** é uma comunidade multissetorial dedicada ao compartilhamento de soluções para descarbonizar processos produtivos. O objetivo é fomentar soluções práticas através de conexões e parcerias entre empresas, startups, universidades e demais entidades envolvidas na transição para uma economia de baixo carbono.

UMA NOVA COMUNIDADE PARA QUEM



PRECISA LIDERAR O CAMINHO DA DESCARBONIZAÇÃO



ACREDITA NO ECOSISTEMA



PRECISA DE UMA ABORDAGEM PRÁTICA E ESPECIALIZADA

JUNTE-SE ÀS FUNDADORAS



 **trashin. AMCHAM**